

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

DÉBORA FERNANDA VIEIRA DE CARVALHO

**SOBRE ESPAÇOS E VOZES: UMA PESQUISA SOBRE AS
INTERFACES DAS PSICOLOGIAS COM OS ESTUDOS DE GÊNERO
EM PRODUÇÕES ACADÊMICAS**

Recife
2018

DÉBORA FERNANDA VIEIRA DE CARVALHO

SOBRE ESPAÇOS E VOZES: UMA PESQUISA SOBRE AS INTERFACES DAS
PSICOLOGIAS COM OS ESTUDOS DE GÊNERO EM PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais, Poder e Práticas Coletivas

Orientadora: Prof^a. Dra. Karla Galvão Adrião.

Recife
2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB4-1689

C331s Carvalho, Débora Fernanda Vieira de.
Sobre espaços e vozes: uma pesquisa sobre as interfaces das psicologias com os estudos de gênero em produções acadêmicas / Débora Fernanda Vieira de Carvalho. – 2018.

95 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^ª. Dra. Karla Galvão Adrião.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2018.

Inclui referências e anexo.

1. Psicologia. 2. Gênero. 3. Feminismo. 4. Ensino superior. I. Adrião, Karla Galvão (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-058)

DÉBORA FERNANDA VIEIRA DE CARVALHO

SOBRE ESPAÇOS E VOZES: UMA PESQUISA SOBRE AS INTERFACES DAS
PSICOLOGIAS COM OS ESTUDOS DE GÊNERO EM PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais, Poder e Práticas Coletivas

Aprovada em: 12/04/2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dra. Karla Galvão Adrião (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dra. Wedna Cristina Marinho Galindo (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dra. Lenise Santana Borges (Examinadora Externa)
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

A Juçana e Bruno, personificações de cuidados e resistências.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente às Deusas e aos Deuses que iluminaram toda esta trajetória, recobrando de forças e proteções o meu ser.

Agradeço ao meu companheiro de vidas, Bruno, e a minha mãe, Juçana, aos quais dedico este trabalho. Gratidão por me fazerem conhecer e sentir as múltiplas faces que o amor pode adotar.

Quero agradecer ainda a presença de minha avó Djane e a todos os seus ensinamentos e cuidados que teu ser e tua fé nutrem e dedicam a mim, aos teus, aos nossos.

A minha orientadora Karla, agradeço pelos conhecimentos transmitidos neste reencontro; por me incentivar a (re)conhecer nossas forças e afetos e a partir destes, nossos seres transformar diante dos exercícios de compaixão e resiliência tão presentes em todo este processo.

Gratidão à minha anjinha, Patrícia, por não só iluminar todo esta trajetória, mas por realizar investimentos que a tornaram possível.

Gratidão à minha amiga-irmã de vidas, Carolina, por sempre me presentear com tua lucidez e representar para mim, um porto de calorosas acolhidas. À tua, tão nossa, pequena leonina Luiza, toda minha gratidão por reenergizar nossos seres em todas as nossas caminhadas.

As delicadas e animadas presenças dos colegas de turma do mestrado, em especial a Edgley, Laerte, Mariana, Daniella, Patrícia.

Agradeço ainda às professoras e aos professores deste programa, pelas energias e saberes compartilhados em sala de aula, os quais se mostraram fundamentais à realização deste trabalho.

Gratidão a Silas por sua presença sensível e potente durante esta e tantas outras trajetórias, a Sidney por contribuir com as provocações e inquietações descritas neste trabalho e toda a magnitude de seres que compõem o NEIMFA.

A João e a André, enquanto representações das intensas faces de cuidado destes programas, gratidão por toda disponibilidade em ajudar e contribuir na materialização de nossos trabalhos e desejos.

A todos os seres em forma de mestres e mestras que através de experiências como esta, proporcionam o ressignificar dos sentidos que atribuímos à vida.

RESUMO

Inspiradas nas perspectivas teórico-metodológicas feministas, as reflexões do presente estudo são produções fundamentadas em seus objetivos de analisar os conceitos e lugares destinados ao gênero e relações circundantes a esta categoria, nas experiências de estagiários e estagiárias a partir de suas produções de relatórios acadêmicos do programa de graduação em psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A partir da análise documental de seis relatórios de conclusão profissional neste curso, discorreram-se articulações em detrimento das trajetórias históricas das psicologias no contexto científico moderno e acadêmico atual, das concepções de sujeito e do que, através destas, se instituiu por comportamento normal e patológico, das interfaces compreendidas entre os modos de subjetivações e as dinâmicas geradas e sustentadas pelas relações de poder; e das produções e contribuições feministas acerca dos olhares sob as concepções de gênero atravessados pelas teorias e práxis das psicologias. Das interpretações inferidas, categorias de análises de seus conteúdos foram construídas, a partir do que se considerou metaforicamente serem os timbres e sons, emitidos pelas experiências descritas por seus interlocutores. De ensurdecadores silêncios as estridentes falas, os resultados direcionaram aos mais diversos espaços em que as vozes dessas relações puderam ser acessadas e sentidas. Considerações acerca de outras categorias como classe e escolaridade, se apresentaram como indispensáveis, sendo referenciados, portanto, estudos sobre interseccionalidades, afim de melhor compreender, deslocar e contemplar a existência dos elementos e atos presentes em alguns dos discursos presentes neste estudo. Desta forma, desejamos com este, contribuir para a visualização e consequente desconstrução das noções de gênero que possamos vir a adotar, desde a formação inicial na referida ciência e profissão, que reforçam relações de opressão, exclusão e discriminação entre os seres.

Palavras-chave: Gênero. Psicologias. Feminismos. Formação acadêmica.

ABSTRACT

Inspired by the feminist theoretical-methodological perspectives, the reflections of the present study are productions based on their objectives of analyzing the concepts and places destined to the genre and relations surrounding this category, as from the intern students view, experiences and productions of academic reports of the degree program in psychology of the Federal University of Pernambuco (UFPE). Based on the documentary analysis of six reports of professional completion in this course, articulations were developed to the detriment of the historical trajectories of psychologies in the modern scientific and academic context, of the conceptions of the subject and of what, through these, was instituted by normal and pathologic behavior, of the interfaces comprehended between the modes of subjectivations and the dynamics generated and sustained by power relations; and of the feminist's productions and contributions about the looks under the conceptions of gender traversed by the theories and praxis of psychologies. From the inferred interpretations, categories of analyzes of their contents were constructed, from what was considered metaphorically to be the timbres and sounds, emitted by the experiences described by their interlocutors. From deafening silences to the strident speeches, the results directed to the most diverse spaces in which the voices of these relations could be accessed and felt. Considerations about other categories such as race and educational's level has shown up presented as indispensable. Therefore, studies on intersectionality were referenced in order to better understand, displace and contemplate the existence of the elements and acts present in some of the discourses present in this study. In this way, we wish with this, to contribute to the visualization and consequent deconstruction of the notions of gender that we can adopt, from the initial formation in the said science and profession, that reinforce relations of oppression, exclusion and discrimination among beings.

Keywords: Psychologies. Gender. Feminisms. Academy.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações gerais dos relatórios.....	46
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEEQ	Centro Elohim de Equoterapia
CFCH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
HAM	Hospital Agamenon Magalhães
HR	Hospital da Restauração
NAPPE	Núcleo de Atenção Psicossocial de Pernambuco
SES	Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco
SPA	Serviço de Psicologia Aplicada
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNIAPS	Unidade de Apoio Psicossocial

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	ABRINDO A PORTA: NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE A PSICOLOGIA E SEU <i>STATUS</i> DE CIÊNCIA NA INTERFACE COM AS QUESTÕES DE GÊNERO	16
2.1	A ARTE DE FAZER CIÊNCIA OU A CIÊNCIA DE SERMOS ARTES?	16
3	NOTAS, TONS E TIMBRES SOBRE PSICOLOGIAS, GÊNERO E FEMINISMOS	24
3.1	OS CULTIVOS NOS CAMPOS DE GÊNERO: TERRENOS ÁRIDOS, TERRAS FÉRTES	24
3.2	TECENDO SOBRE FEMINISMOS, GÊNERO E PSICOLOGIAS: ENTRE LINHAS, PONTOS E NÓS	27
4	DESLOCAMENTOS METODOLÓGICOS: ENTRE CURSOS, DECURSOS E DISCURSOS	35
4.1	SOBRE A ESCOLHA DA NATUREZA PÓS-ESTRUTURALISTA DA PESQUISA	35
4.2	SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DAS TEORIAS E METODOLOGIAS FEMINISTA	38
4.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE DOCUMENTAL	41
4.4	DAS INTERLOCUÇÕES AS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA	43
4.5	ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO DISPOSITIVO DE LEITURA DAS INSCRIÇÕES DOCUMENTAIS.....	47
4.6	CONSIDERAÇÕES E IMPLICAÇÕES ÉTICAS	51
5	INFERÊNCIAS SOBRE POTENCIAIS DE VOZES E ENSURDECEDORES SILÊNCIOS DO PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA	53
5.1	DAS LEITURAS DOS RELATÓRIOS.....	57
5.2	SOBRE A EMISSÃO DE VOZES E POTENCIAIS DE EVOCAÇÃO	59
5.1.1	O uso do gênero textual masculino e feminino e as práticas das psicologias.....	59
5.1.1	Relações de poder: igualdade e diferença nas práticas das psicologias.....	60
5.1.2	A produção de diálogos entre categorias: Interseccionalidades nas práticas das psicologias.....	62
5.1.3	Reconhecendo e expandindo limites: sobre os usos das psicologias	65
5.2	SOBRE O LUGAR DE SILÊNCIO E DAS RELAÇÕES DE PODER	66
5.2.1	Relações de poder e interseccionalidades nos campos psi	66
5.2.2	Sobre gênero, psicologias e espaços de cuidados	69
5.2.3	Tensionamentos entre gênero, performatividades e relações de poder.....	72
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78

REFERÊNCIAS	81
--------------------------	-----------

ANEXO 1 - Perfil curricular do programa de graduação em psicologia da UFPE.....	86
--	-----------

1 INTRODUÇÃO

Na busca pelo reconhecimento de sua identidade científica, as psicologias construíram seus discursos e práticas fundamentadas nas lógicas positivistas. Suas investigações basearam-se na procura por leis que caracterizam e regem os mais diversos comportamentos, visualizando assim a conquista sob o que representaria uma essência do humano (GERGEN, 1994). Nos anos 60, em conjunção com a denominada crise da psicologia experimental, intensificaram-se as críticas e refutações a esse paradigma. As contestações das chamadas abordagens críticas interligavam-se às divergências quanto a uma unidade em essência do humano, na qual os modos de ser e de saber são unificados de forma a tornar os processos relacionais generalizáveis e dissociáveis ao contexto cultural em que são produzidos (NOGUEIRA, 2001).

As crescentes contestações quanto ao modo de pensar e fazer ciência presentes nos paradigmas modernos proporcionaram o surgimento de novas abordagens epistemológicas. No entanto, apesar dessas contribuírem para uma visão crítica do fazer científico até então dominante, tamanha foram e ainda são as resistências em aceitar esses novos paradigmas teóricos e metodológicos, não somente devido ao contexto histórico científico em que as psicologias se constituíram; como visto, observa-se a predominância dos fundamentos positivistas, nos quais a neutralidade e objetividade não são categorias a serem apenas contempladas em seus estudos; mas sim norteadores de reconhecimento do ser e do fazer enquanto ciência (NOGUEIRA, 2001).

Apesar das resistências encontradas, não se pode deixar de visualizar, por outro lado, os esforços de suas partes, como as do âmbito da psicologia social e psicologia clínica, por exemplo, em revisitar e expandir a natureza de suas práticas, aderindo às transformações de seus paradigmas e conceitos (ZANELLO, 2014). Dentre os interessados dessa trajetória, a autora nos conduz ao entendimento dessas modificações, em específico no âmbito desta última, e ao fato destas serem suscitadas devido ao reconhecimento do que consideram por um colapso de seus padrões: atendimentos de longa duração, voltados a um público minimamente favorecido economicamente, que ocorriam nos consultórios de estrutura pré-estabelecidas; evidente predileção por intervenções embasadas em abordagens que não contemplavam a contextualização do indivíduo, negligenciando assim, a comunicação e as potenciais contribuições aos demais campos políticos e sociais.

Considerando que tais mudanças ocorridas no ser e no fazer das psicologias acabam por incentivar novas formas de olhar para o sujeito e de como conceber sua formação, Luís Claudio Figueiredo (1994) esclarece que a introdução de uma transformação no modo como se concebem os processos envoltos às subjetividades, necessariamente questionam as propostas científicas que pressupunham um dado controle sobre o sujeito e tudo aquilo que é tomado por seus instintos, suas tendências, seus desejos e movimentos no mundo.

No que concerne à dialógica com os estudos de gênero, as psicologias seguem uma trajetória semelhante às de suas constituições. As produções de saberes acerca dessas categorias foram e são historicamente e politicamente construídas pelos diferentes discursos das ciências. As psicologias, em constantes procuras e firmamentos do caráter de sua cientificidade e de suas identidades, aderiram inicialmente às determinantes formas de conceber e dissertar sobre estas categorias; definindo-as essencialmente a partir de uma relação de sistemas onde se destacam sobreposições hierárquicas e naturalizantes (NOGUEIRA, 2001).

Sobre o uso realizado pelas psicologias dessas definições, Tereza Citeli (2001) acredita que possuíam por propósitos o de investigar os comportamentos determinados socialmente por masculino e feminino. Contudo, as crenças e interpretações baseadas nas diferenças de gênero e de comportamentos, com frequência, produziam equivocadas concepções atribuídas ao primeiro. O conceito de gênero, definido como uma categoria submissa ao sistema binário feminino/masculino, foi problematizado e reconstruído, por autoras como Judith Butler (2003), que defende uma visualização desta relação entre as categorias como sendo distintas entre si. Para a autora, gênero e sexo são construções culturais nas quais suas condições de existência e de relação são transpassadas pelas vigências contidas na linguagem. Tendo esta última o poder de representar em si a realidade enquanto dimensão constituinte (BUTLER, 2003).

Considerando os aspectos culturais ao qual gênero é atravessado, Joan Scott (1986) adiciona às relações de poder, presentes na interação entre essas categorias, a dimensão das relações sociais, nas quais classe, raça, etnia, religiosidade, entre outros, se apresentam como aspectos demarcadores e constitutivos aos lugares que ocupam cada sujeito na sociedade. Desta forma, as relações sociais estariam organizadas não somente pelas diferenças entre os sujeitos, mas na distinção entre essas diferenças que produzem desigualdades éticas, políticas e econômicas fundamentadas e reveladas pela análise dos processos culturais e das complexas conexões em rede, as quais sinalizam que a manutenção dessas relações ocorre de forma assimétrica, não apenas devido à diferença sexual ou de gênero em si, mas pelas conjunturas

políticas e econômicas que essas assimetrias produzem; assim, gênero representa uma das categorias utilizadas para constituição e manutenção das relações de poder em uma sociedade (SCOTT, 1986).

Diante destes complexos enredos, aos quais, concebemos e nos figuramos em sua construção nos mais variados espaços de formação, de prática e de produção dos saberes em psicologias, este estudo consiste em adentrar nos discursos presentes nas práticas dessa ciência, em especial quando esses se veem transpassados pelas questões ligadas à categoria gênero. Dentre seus propósitos, há o de refletir sobre as possibilidades das diferentes visualizações das existências e influências já exploradas sobre esses saberes, bem como o identificar e o incitar de contribuições em termos de criações de terrenos relacionais mais ricos, intensos e plurais.

Há ainda o desejo de contemplar as formas dos comprometimentos éticos e políticos entre esses campos, onde suas singularidades e potencialidades possam continuar promovendo o olhar sobre o humano de maneira a permitir o exercício de uma micropolítica, como as manifestações singulares de comportamentos, que por sua vez, possa vir a coexistir com as instâncias macropolíticas desse humano e suas relações no âmbito do público e privado, suas idiossincrasias e suas contingências.

Utilizando-se de perspectivas teóricas e metodológicas onde se ancoram os mais diversos campos das psicologias e suas políticas, bem como dos vieses e pressupostos feministas (MAYORGA, 2007), este estudo intenta construir, a partir de um mapeamento das produções acadêmicas, especificamente daquelas provenientes da conclusão do curso de graduação em psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), reflexões acerca dos modos como os processos relacionados ao campo dos estudos de gênero têm sido contemplados nos discursos emitidos dos lugares de experiências enquanto estagiários e estagiárias do curso de graduação em psicologia. De modo geral, visamos refletir sobre a natureza e condução da produção de saberes, práticas e da relação interdisciplinar entre os estudos de gênero na psicologia acadêmica, a partir das contribuições das perspectivas feministas acerca das produções e articulações dos conhecimentos produzidos por estes campos.

Justifica-se esse estudo pela relevância que sua reflexão suscita acerca do processo de formação de profissionais em psicologias e suas implicações na compreensão e consequente intervenções nos âmbitos da constituição e manutenção de sujeitos e suas subjetividades, uma vez que, como vimos, gênero apresenta-se como categoria indissociável ao nossos desenvolvimentos e constituições, bem como da continuidade de uma ordem social (SCOTT,

1995). Desta forma, visamos contribuir para as vias de produções de pensamentos e intervenções na formação, que por sua vez, se apresentam como vias de acesso à leitura e compreensão acerca das construções de subjetividades e suas implicações éticas, morais e sociais, interligadas não só a categorias como a de gênero, mas a tantas outras, diferentes em suas descrições, mas de igual relevância.

No primeiro capítulo dessa dissertação portanto, apresentamos algumas das tensões quanto a concepção da psicologia em suas formas de constituição de subjetividades, e seu diálogo com a abordagem feminista nas ciências e os estudos de gênero, como forma de abrir a porta”ao fenômeno aqui proposto a ser estudado.

No segundo capítulo, as questões de gênero são tratadas com detalhamento, de forma a constituir a problemática deste estudo com mais amplitude.

No terceiro capítulo apresentamos a metodologia e os procedimentos metodológicos dessa pesquisa. No quarto capítulo as experiências das participantes da pesquisa são apresentadas e analisadas. Finalmente, são tecidas considerações de conclusão ao trabalho. Convidamos pois, aos leitores para seguirem conosco nesse percurso.

2 ABRINDO A PORTA: NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE A PSICOLOGIA E SEU *STATUS* DE CIÊNCIA NA INTERFACE COM AS QUESTÕES DE GÊNERO

2.1 A ARTE DE FAZER CIÊNCIA OU A CIÊNCIA DE SERMOS ARTES?

Historicamente postulado, o homem que é dito e por isso é tido, tem sua natureza e o que se toma por sua estabilidade, colocadas em risco quando se depara consigo mesmo em formato de outro, o não-eu. E este com quem se depara, obriga-o a interromper bruscamente a visão de si e de mundo, trazendo-lhe o caos que ingenuamente acredita ser a força responsável por antecipar seu encontro inevitável com o não-mais-ser, o não-mais-sou, o que eu sou? Não, não sou isto. Se antes, era este o ser que, sem um convite, adentra-me e em meu mundo, desloca-o para um isto para que com o ato de torná-lo objeto, ele possa deixar de ser como sou e assim, possa eu distanciar-me dele e com ele fazer o que deve ser feito: apropriá-lo.

Muito do que chamamos de avanços práticos em nossas ciências psicológicas não seriam, pois, equivocadas conquistas de maciças formas de reproduzir os meios teorizantes, nas quais não estaríamos, de fato, inventando uma nova roda. Aqui, desejamos inquietar-vos acerca dos processos de repetições de saberes, muitas vezes carregado de trocadilhos, ancorados nos disfarces linguísticos, concedendo-lhes entediante surpresa em suas descobertas; estátuas e estatutos representantes de poderes em que seus suportes e prateleiras já carregam em si, os contornos empoeirados daqueles que antes, neste mesmo ou diríamos semelhante lugar, já haviam sido (re) alocados.

Assim, entendemos que o chamado por Pelbart (1993) do “fazer saber” tem alcançado maiores proporções de escutas, formas e ações, quando em comparação com o “saber fazer”, em especial, nas instâncias que atravessam os campos das psicologias, de seu aprendizado e formações. Ao transpassarem os ouvidos, olhos e mãos daqueles em que a produção de bordados micropolíticos influenciam nas vestimentas de quem deles, sua existência e manutenções formativas dependem; nossas roupagens macropolíticas não poderiam ser outras exceto a nudez encoberta pela insana sensatez das roupas novas de um rei, como nos contos de Hans Christian Andersen (2002).

Por falar em desrazões e insensatezes, utilizaremos brevemente da concepção limítrofe da loucura, que comumente nos leva às fricções nas bordas expansivas da cultura e da política, aos atritos nos terrenos da temporalidade e da subjetividade. O uso deste conceito não se dá de maneira aleatória. Sua escolha foi feita por aproximar-se de discussões acerca de

nossas construções envoltas aos papéis cotidianos adotados: sobre as concepções de personagens, scripts e enredos que consideramos e desconsideramos fazerem parte de nossas tramas e cenários.

Ser ou estar louco em nossa sociedade é o mesmo que estar inundado por uma multidão de ideias que se alternam ou coexistem e que são incompatíveis entre si, considera Pelbart (1993). Dessas imersões em profundezas dualmente temidas e desejadas, o autor nos convida a pensar sobre nossa insistência moderna e científica na produção de fazeres e saberes distantes, polarizados e ilusoriamente categorizantes, aos quais atribuímos nossos nortes e demais determinantes:

O louco tradicionalmente é visto como aquele em que a forma-homem entrou em colapso. Dizem que ele sente coisas que um homem normal não sente, que ele vê coisas que um homem normal não vê, que ele ouve coisas que um homem normal não ouve, que ele faz coisas que um homem normal não faz, que ele diz coisas que um homem normal não diz. Ou seja, nos seus afetos, na sua percepção, na sua linguagem, no seu pensamento, ele desafia nossa forma-homem. Dizem que ele tem algo de inumano, de pré-humano, de animal, de infantil, de anjo, de diabo, de divino. Como o mostrou Foucault, ele é o Outro de nossa cultura, ou até mesmo o Outro de que nossa cultura precisou para, dialeticamente, constituir-se enquanto o mesmo". (PELBART, 1993, p.38).

Ao nos visualizarmos como profissionais que se propõem desenvolver vias de cuidados com o outro (FIGUEIREDO, 2000), as indagações de Pelbart (1993) nos permitem automaticamente acessar as inquietudes que nos atravessam: como desprender o que se chama de cuidados com esse outro que carrega consigo infinidades de devires, sem que dele acharmos que devemos (nos) apropriar; sem donos acreditarmos (ter que) sermos, de suas terras, de seus mares, de suas dores, de suas visões, de suas cores e quaisquer mais experiências que venha a expressar? Como possíveis respostas, o autor nos convida a conceber uma ciência de sermos artes, artesões, criações de si e do mundo. Possibilidades mil de invenções e reinvenções de modos de ser, de saber, de fazer e de fazer saber.

Para Pelbart (1993), ser arte consiste em sermos vetores de captações de forças. Em seus inúmeros discursos, o mesmo nos introduz nesta difícil tarefa de, com uso de diferentes instrumentais e sentidos, possamos oferecer vazão, viabilizar expressão, o chamado devir de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), sem que se interpelem, no uso destas, o vazio das repetições que muito se diferenciam da proposta de uma vacuidade que venha por sensivelmente convidar, o expressar das múltiplas criações, bem como dos atos e palcos onde seja possível o apresentar-se de si e do mundo como é visto, a partir de si.

Mas como podemos fazê-lo? Ou melhor, como podemos sê-lo? Em trecho a seguir, Pelbart (1993) descreve, não só nossas rasas tentativas de permanências em si e insistências

em sermos diferentes desse outro que, com frequência, considero tão longínquo e diferente do que considero meu eu, mas das possibilidades de sermos em profundidade com esse outro, de coexistir com a união de nossas múltiplas forças e suas diretrizes ou como gosta de chamar, possibilidades de outramentos:

É claro que nós temos tendência a preservar nossa forma mais ou menos estável, estática, idêntica a si mesma, assim como o demiurgo queria garantir para o mundo um mínimo de estabilidade. O louco, em contrapartida, está mais à mercê dessas (miríades de) forças que ele tem dificuldade de administrar. O artista, por sua vez, busca experimentar o que elas inauguram para ele de novo, e vai buscar nesse caos de forças o material para os múltiplos devires e as múltiplas vidas que ele for capaz de inventar. (PELBART, 1993, p.15).

É, portanto, na convergência aos inúmeros convites como os deste autor, sobre o incentivar da criação de atos e sentidos, nos dispersos espaços das psicologias, que desejamos conceber este dissertar acerca das diferentes formas de viver, de subjetivar-nos, de insubordinar-nos, de sermos atores e autores de nossos modos de ser. Não visamos neste discurso, desconsiderar as implicações outras, bem descritas em seu trecho a seguir, que atravessam os nossos diferentes estados mentais marginalizados, comumente categorizados por nós de loucura, desrazões e desatinos:

Há nisso que chamam de loucura uma carga de sofrimento e dor, sem dúvida, mas também um embate vital e visceral, em que entram em jogo as questões mais primevas da vida e da morte, da razão e da desrazão, do corpo e das paixões, do Mesmo e do Outro. Ora, a arte sempre veio beber nessa fonte desarrazoada chamada loucura, e isto desde os gregos, e, sobretudo, a arte contemporânea, que está às voltas com o desafio de representar o irrepresentável, de fazer ouvir o inaudível, de dar a ver o invisível, de dizer o indizível, de enfrentar-se ao intolerável, de dar expressão ao informe ou ao caótico - e com isso de remodelar o humano, de desfigurá-lo, de desconstruí-lo, de subvertê-lo, de ampliá-lo, de superá-lo. (PELBART, 1993, p. 23).

Desejamos, pois, dissertar sobre as diferenças e meios de con-vivê-las. Questionar os percursos cartográficos traçados pelas nossas ciências, pelas nossas psicologias, quando em suas terras adentram-lhes em posturas de usos e abusos. Desejamos impregná-las de nossos desassossegos frente ao contato com essa, com esse ou com isso que convenciamos denominar de loucura; onde, em essência, temos por demasiado tempo visualizado como um problema a ser sanado e negado, e por isso, a-ssujeitado. Em suma, desejamos convidá-las a um afetar-se por e pelos nossos diferentes modos de ver o mesmo e o outro, contemplando-os como questões implicadas de nossos devires e fundamentais às nossas propostas de humano(s) ser.

Localizamos nossas crenças, em torno dos processo de constituições de subjetividades e diferentes leituras que visualizam e viabilizam seres enquanto sujeito, nos campos e dinâmicas dos atravessamentos das injunções discursivas que um outro discorre sobre nossos corpos e meios de expressão. Incontáveis são as inscrições, feitas por este último, que inferem definições subjetivas nos modos como nos percebemos enquanto seres (a) sujeitados. Trazemos assim, um potente resumo de nossa leitura sobre a concepção de poder, o qual, mais a frente, continuaremos a nos ancorar nas conceituações de Foucault (1995), introduzindo-as brevemente sobre o seu dissertar acerca dos ecos que emanam dessa voz ludibriantemente dominadora.

No que concerne as relações de poder com as produções de subjetividades, Mansano (2009) nos insere a uma historicidade de produções que atravessam os campos das psicologias. Nestas, observam-se frequentes direcionamentos impositivos quanto ao objeto histórico primeiro de construções e análises dessa ciências, tal como vimos, o comportamento. Através de discursos categorizantes, entoados por vozes hierarquicamente empoderadas, saberes que carregam consigo verdades consideradas dominantes, em seu tempo e espaço, veremos esta ciência utilizando-se de estratégias encobertas por tecidos que dão vida a teorias de alto corte e intervenções que encobrem os olhares que um sujeito possa ter de si, oferecendo com frequência, vestes que limitam os modos como se organizam, veem seus corpos e expressam suas vozes.

Ao refletir sobre a potencialidade de tais inferências nos processos de e nas subjetivações, tanto na ordem do micro, quanto do macro espaço em que são vivenciados, tais como o do âmbito do público e do privado, somos impelidas a não permanecer ingênuas ou descuidadas quanto à leitura que, como desnudamente nos dissertam Guatarri e Rolnik (1996) “a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social”. Os mesmos nos sinalizam, portanto, que a subjetividade não se conceitua por algo objetificável, em que se é possível tornar “coisa” e tomar posse de.

Apesar destes contrastes, esses a visualizam como uma contínua correspondência à construção de si e do que se entende por si, a partir dos encontros e desencontros com o outro. Sendo este outro aquilo que discorre dentre os fenômenos ambientais e naturais onde o sujeito se tem e se vê por inserido; e aos sutis toques e colisões com o que denominam por ser o outro social; como aquele que nos introduz as regras de funcionamento do mundo, o qual suas bordas são texturizadas a partir desses outros olhos/ olhos do outro, que ao mundo

compreendem e dão por limites de suas extensões em comum acordo com as referências de suas vivências neste e com este.

Para Foucault (1995) o estabelecimento das relações de poder entre os sujeitos a partir de uma configuração de sistemas, redes e tecnologias hierarquicamente disciplinares, também se apresenta como produções de modos de subjetivação e constituição a partir da conjunção entre saberes e poderes que, em suas diversificadas articulações, ditam regras que sustentam modos de categorização e submissão às concepções produzidas. Através de práticas e discursos cientificamente legitimados encontrados em diversos cenários, dentre eles nos das práticas das psicologias, que a normatização e a normalização dos modos de ser e estar em no mundo, existe e se sustenta; definindo assim, como vimos acima com Canguilhem (1943), as possíveis formas de existências, normais e patológicas, desde o campo singular e privado de cada ser, ao campo compartilhado das relações sociais, estabelecido e ressaltado aqui também pelas diferenças sexuais e de gênero (NARVAZ, 2010).

No que concerne à dialógica com os estudos de gênero e os direitos sexuais, as psicologias seguiram trajetórias iniciais semelhantes às de suas constituições. As produções de saberes acerca dessas categorias foram e são historicamente e politicamente construídas pelos diferentes discursos das ciências. Em suas buscas por estabelecimento e reconhecimento de sua cientificidade e de suas identidades, aderiram a diferentes programas e formas de abordar estas categorias; definindo-as essencialmente a partir de uma relação de sistemas onde se destacam sobreposições hierárquicas e naturalizantes (NOGUEIRA, 2001).

O conceito de gênero, definido como uma categoria submissa ao sistema binário feminino/masculino foi problematizado e reconstruído, por autores como Butler (2003), que defendem uma visualização desta relação entre as categorias como sendo distintas entre si. Para a autora, gênero e sexo são construções culturais nas quais suas condições de existência e de relação são transpassadas pelas vigências contidas na linguagem. Tendo esta última o poder de representar em si a realidade enquanto dimensão constituinte (BUTLER, 2003).

A famosa trama edipiana, por exemplo, inscrita na cultura e nos corpos por Freud em meados do século XIX, apresenta-se como um desses marcadores de constituição de sujeitos, antes mesmo de qualquer possibilidade de escolha por parte do indivíduo. Ao ser reconhecido geneticamente pelas quantidades de cromossomos X ou, poderíamos ainda especificar pela sua distinção diante da ausência/posse de um cromossomo Y, somos a partir desta demarcação, conduzidos às formas de existência identificadas pelos padrões e ideais próprios ao gênero (KEHL, 2016).

Portanto, as posições que tomamos frente ao modo como desejaremos nossos pais ou como pretendemos estar no mundo são ditadas culturalmente e tomadas por legítimas pelos nossos e por nós mesmos como sendo originais e particulares de cada indivíduo. Entendendo-se assim que tais ideais históricos e sociais de regulações, a partir de saberes normativos e frequentemente prescritivos, orientam nossos modos de existência e como estes devem seguir. Assemelhando-se, assim, a um protocolo de como entender, desejar e visualizar a si e ao outro, a depender da natureza, e sempre desta, da relação previamente demarcada por finalidades institucionais, sejam essas políticas, éticas ou sociais.

Considerando os aspectos culturais, neste capítulo já mencionados e aos quais as leituras acerca de gênero e de sexo são atravessados, Scott (1986) adiciona às relações de poder, presentes na interação entre essas categorias, a dimensão das relações sociais, nas quais classe, raça, etnia, religiosidade, entre outros, se apresentam como aspectos demarcadores e constitutivos aos lugares que ocupam cada sujeito na sociedade. Desta forma, as relações sociais estariam organizadas não somente pelas diferenças entre os sujeitos, mas na distinção entre essas diferenças que produzem desigualdades éticas, políticas e econômicas fundamentadas e reveladas pela análise dos processos culturais e das complexas conexões em rede, as quais sinalizam que a manutenção dessas relações ocorre de forma assimétrica, não apenas devido à diferença sexual ou de gênero em si, mas pelas conjunturas políticas e econômicas que essas assimetrias produzem; assim, gênero e sexualidade representam categorias utilizadas para constituição e manutenção das relações de poder em uma sociedade (SCOTT, 1986).

Diante de tais interpretações adicionadas às formas de visualização, interação e consequente regulação entre os estudos de gênero e os saberes e fazeres das psicologias, tornam-se claras as principais distinções entre os paradigmas estruturais e pós-estruturais utilizados nas diferentes leituras das psicologias, sobretudo na forma como consideram a manutenção e construção histórica de sua relação com os estudos de gênero. No entanto, apesar de tais diferenças, se faz necessário o exercício e a atenção de nos mantermos atentas, evitando assim os paradoxos nos quais se experencia, se critica e se refuta (SCOTT, 1986).

Deve-se recordar em suas mais distintas construções, quer sejam elas epistemologicamente ou metodologicamente divergentes ou não, que seus saberes produzidos são estudos historicamente datados, culturalmente situados e intencionalmente marcados e localizados (HARAWAY, 1995). Portanto, o processo de construção de marcadores e conceitos como o de verdade sobre algo ou alguém, seja qual e de onde parte, se apresenta

como contexto de pluralidades que devem ser indispensavelmente questionáveis (HARDING, 1986).

Observa-se, portanto, que através do uso de lentes que partem de uma perspectiva pós-estruturalista e de natureza feminista, o ato de analisar criticamente sistemas, relações e jogos de poder, como os que permeiam a relação da psicologia com os estudos de gênero, possibilitam uma leitura e interpretação mais ampla e consequentemente reflexiva das múltiplas possibilidades de fluidez na interação e condições de existência dos saberes, tanto históricos como os atualmente construídos, acerca de campos como os estudos de gênero, quando abordados por ciências, tais como a psicologia e demais saberes interdisciplinares a esta (ZANELLO, 2014).

Assim sendo, estudos referentes ao gênero, buscam serem visualizados, não apenas como um processo culturalmente construído e não biologicamente marcado, para além disso, visam que sejam contempladas suas significativas correlações com os aspectos da linguagem, da política e do contexto histórico que lhes são circundantes. Torna-se portanto, inviável sua visualização como indicadores fixos e passíveis de classificação, quer seja da ordem fundante e essencializadora, quer seja da ordem de categorias regularizadoras e patologizantes (NOGUEIRA, 2001).

Posto isto, sob a luz dessa perspectiva, as vozes, ecos e silêncios trazidos nesta pesquisa, intentam, para além do ocupar nas psicologias e demais ciências, lugares parciais, e porque não distintos, de conhecimento (NOGUEIRA, 2001); visam anunciar as emergentes necessidades de analisarmos e articularmos nossas produções acadêmicas e políticas de forma implicada e ética para com os propósitos aos quais estas instâncias e, nós enquanto seus vetores, temos por cumprir (NARVAZ, 2010). Ao adotar uma posição crítica acerca de conhecimentos que revelam o que se diz ser a verdade sobre algo, adotamos as lentes das possibilidades de interação com as compreensões acerca de que os fenômenos são produzidos e reproduzidos a partir de um contexto e intencionalidades a serem pontuadas, discutidas e questionadas (GERGEN, 1994).

Portanto, ao fazermos uso de perspectiva feminista, visamos contribuir para a análise dos modos de relação que as psicologias tem estabelecido com os estudos de gênero, através das inferências de reflexões oriundas dos escritos (e não escritos) em relatórios de produção acadêmica daqueles que estão concluindo uma formação em psicologia, enquanto profissão. Convidando-as às leituras de nossos olhares, em conjunção ao diálogo entre autoras e autores destes campos, não intentamos aqui julgar as incoerências e paradoxos presentes nas multiplicidades dos significados presente em tais linhas e vozes, descritivas das relações entre

os seres, seus saberes e de onde estes se localizam. Contudo, visamos aqui atentar para o lugar de ação e cuidado que devemos assumir diante de produções de realidades e saberes que desconsideram aspectos e componentes da linguagem, da história, da identidade e da cultura; significativos para compreensão, e não da apreensão, das experiências e discursos de (se perceber enquanto) sujeito.

Tendo isto, passaremos no capítulo seguinte, ao aprofundamento das questões em torno da categoria gênero e suas relações com o campo da Psicologia, de forma a construirmos fundamentos mais amplos sobre o fenômeno aqui estudado, a saber, as experiências de estudantes de graduação em Psicologia em sua formação de estágio específico, de final de curso, quanto ao uso dessa categoria em sua práxis.

3 NOTAS, TONS E TIMBRES SOBRE PSICOLOGIAS, GÊNERO E FEMINISMOS

3.1 OS CULTIVOS NOS CAMPOS DE GÊNERO: TERRENOS ÁRIDOS, TERRAS FÉRTEIS

Identificada por Ana Elisa Castro e Oswaldo Yamamoto (1998) como uma ciência de atuação profissional predominantemente feminina, as psicologias são também reconhecidas como portadoras de acessibilidades, descrições e compreensões a respeito dos mais diversos dispositivos e fenômenos sociais, dentre eles, aqueles que são relacionados ao gênero e suas demarcações. Apesar de possuir uma ampla rede de saberes, observam-se historicamente nas produções de seus campos, concepções superficiais e predominantemente biológicas acerca dos processos de construções de gênero e identidades sexuais; em decorrência dos enlaces de seus conceitos às perspectivas políticas e socioculturais entrelaçadas pelo contexto e pretensões de suas criações.

O conceito de gênero tem sido compreendido, em definição generalista, como um produto de dadas representações, espaços, práticas e expectativas direcionadas aos seres. Tendo como referência as diferenças biológicas, esperam-se modos de subjetivações e consequentes ações, as quais, equivocadamente, estão associadas, de forma natural, a esse constructo biológico (MAYORGA, 2007). A partir do uso das lentes feministas, que apontam para a distinção entre as imposições advindas de olhares dicotômicos entre biologia e cultura, sexo e gênero; desejamos navegar pelo conceito de gênero, inferindo reflexões e propostas de reposicionamentos às experiências a ele atribuídas.

Neste exercício, que compõe o cerne desta pesquisa, visamos através das reflexões advindas das autoras e autores aqui pontuados, transformar as leituras e lugares em que gênero ocupa nos discursos e intervenções nas práticas das psicologias. Seja ela a elaboração de relatórios, seja ela intervenções outras que dissertam, direcionam ou classificam os modos de ser e estar no mundo. Utilizamos as críticas feministas como base conceitual e norteadora para compreensão das designações atribuídas a gênero, reforçando assim as concepções de que este se apresenta como um produto de dada cultura, e não como um indicador natural ou inerentemente determinante do humano.

Ao ser compreendido como um conceito suscetível às desconstruções, buscamos identificar e compreender as noções sociais e culturais envoltas à categoria gênero, através das lentes das relações de poder. Concordamos com Neves e Nogueira (2005) quando atribuem aos resultados destas, os reflexos das desigualdades existentes nos âmbitos da vida

pública e privada. Não só entre homens, mulheres e demais identidades de gênero, mas, sobretudo os reflexos de comportamentos de dominação e submissão entre estes, geradores de repressões e demais vias de violência. Para nós, violência é a ausência do que aqui já foi denominado por cuidado. Portanto, enquanto vetores dessa ciência que se disponibilizam a ser uma forma de cuidado ao outro (FIGUEIREDO, 2000), procuramos melhor entender as forças geradoras e mantedoras deste cenário.

Pudemos acessar, especialmente na etapa de levantamento e reconhecimento da literatura, os inúmeros esforços de autoras como Butler (2009), Haraway (1995), Scott (1986), entre outras, em apresentar importantes críticas acerca do uso de gênero nas nossas mais variadas produções sócio-históricas. Estas refletem todo nosso descontentamento quanto à atribuição do conceito explicativo que gênero vem sendo restritamente dotado. As autoras alertam ainda para os efeitos desse uso por diferentes saberes; estes acabam por encobrir questões de relevâncias teóricas, políticas, subjetivas e econômicas aos quais gênero está diretamente relacionado. Desta forma, seus trabalhos se apresentam como atos políticos que incessantemente urgem sobre as necessidades de viabilizar meios de enxergar as possibilidades de intervir nos campos de tensionamentos e transformações da cultura, na cultura.

Vimos ainda que o campo gênero é marcado por uma heterogeneidade epistêmica, teórica e metodológica. O resultado dessas intercessões são incontáveis mapeamentos e descrições, decorrentes dos modos como se movem e marcam os diferentes saberes e seus usos, quando em suas terras trajetórias traçam. As tensões nascidas dessa heterogeneidade se apresentam como importantes fontes que impulsionam as discussões teórico-políticas que a circundam. Entretanto, apesar de ampliar as múltiplas formas de considerá-la, ao correlacioná-la as perspectivas das relações de poder; tal ganho em complexidade não necessariamente lhes conferiu uma maior clareza; ao contrário, apontaram para as mais variadas imprecisões e problemas dessa categoria (MAYORGA, 2014).

Dentre os equívocos mais apontados por esta e as demais autoras, encontramos as produções advindas da dualidade entre os conceitos de sexo e de gênero. Ela nos localiza ainda nas primeiras percepções escritas quanto às tentativas de distinção entre esses. Estas, realizadas por Money e Hampson (1955), descrevem as frustrantes tentativas de classificar dados sujeitos por machos e fêmeas a partir da considerada disfunção biológica sexual, dimorfismo. A escolha por esta categoria se deu pela ausência de uma evidente demarcação física dos caracteres sexuais, bem como da dificuldade de acessar seu caráter fisiológico, tais como o quadro cromossômico ou hormonal, de quem a apresentava.

Anterior ao estudo supracitado, temos dentre as pioneiras dos estudos de gênero nos campos dos feminismos, Simone de Beauvoir (1949). Com sua célebre afirmação de que a experiência de ser mulher está relacionada a um processo de construção de sê-la e não com a determinante conferência proveniente do ato natural de nascer; evidenciou estridentemente os lugares de dominação dos discursos que mulheres ocupam na sociedade. Ao tentar desnaturalizar os destinos dos seres a partir de uma interdependência entre sexo e anatomia, potencializou o grito por respeito às existências das que se consideram por mulheres, ao afirmar que a existência do primeiro sexo, aqui entendido como os homens, está inerentemente relacionada a existência do considerado pungentemente como o segundo.

Outra importante autora que buscou compreender e apontar as diferentes e consequentes formas de opressão sofridas pelas mulheres, advindas da noção de sistema sexo/gênero, foi Gayle Rubin (1975). Ao afirmar que a sociedade, através do uso de dispositivos reguladores, baseados na sexualidade biológica, produz ações comportamentais que instituem às mulheres lugares de subalternidade. Rubin (1975) adverte ainda para o uso da heterossexualidade enquanto dimensão natural, desejada e conferida como normal às relações entre os seres. O alcance de sua voz ainda nos ressoa ao fazer estremecer as bases de diversas teorias sociais, quando lhes arranca as vestes que estavam por encobrir os lugares silenciadores e invisíveis em que mulheres eram (des) locadas.

Marcadas na pele pelas inscrições opressoras sociais, tivemos nossas flamejantes vibrações corpóreas alimentadas pelas fervorosas provocações construídas por Mayorga (2007). A seguir, apresentamos breve trecho reflexivo, no qual interroga sobre os inestimáveis alcances nos corpos e subjetivações, advindos das demarcações do sistema sexo/gênero:

Até que ponto poderíamos afirmar que o corpo é somente fisis, sem significados culturais construídos? Sexo e sexualidade não teriam sido também construídos e, em certa medida, generificados? Como opera, então, o gênero? É uma característica estrutural das relações de poder? Pode considerar-se o gênero como uma relação de poder ou como sendo o efeito em homens e mulheres de uma normativa para as identidades e subjetividades? Trata-se de um produto da socialização ou da atribuição? O gênero é um efeito da linguagem ou um modo de percepção? (MAYORGA, 2007, p. 592).

Adicionamos a estas provocações, sob as linhas da supracitada autora, as sugestões propostas por outra importante referência para os estudos feministas e questões relacionados a gênero: Butler (2009), nos propõe ruptura na forma de conceber a dinâmica das concepções culturais entre corpos sexuados e gênero, conferindo a ambas a seguinte visão:

(Butler) Sustenta que se aceitamos que o sexo não se reduz a uma entidade anatômica, cromossômica, hormonal, supostamente natural, e que a dualidade dos sexos se estabelece através de uma história, de uma genealogia que apresenta as posições binárias como uma construção viável e que os fatos supostamente naturais do sexo se produzem por meio de discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais, concluiremos que a categoria sexo é uma construção cultural na mesma medida que o gênero. (MAYORGA, 2007, p. 593).

Portanto, compartilhamos das visões das autoras contempladas neste tópico, ao conceberem as categorias sexo e gênero, como realidades pré-discursivas, ou seja, anteriores às dimensões culturais; sendo assim, produtos dos discursos construídos e mantidos nestas pelas suas práticas, suas dimensões e seus objetivos atribuídos às primeiras. Logo, definições que se fundamentam em conceituações que os submetem ou reduzem entre si, não se apresentam como coerentes aos nossos olhos. Uma vez que nos localizamos nas considerações de Butler (2009) quanto à ausência de sentidos atribuídos ao ato comparativo de definir gênero como uma interpretação cultural do sexo, ou ainda, o sexo como categoria natural e determinante de gênero.

Em consonância com os pensamentos dessas autoras, Adrião e Toneli (2008) nos ajudam a entender gênero como uma categoria multidimensional, a qual exige uma perspectiva crítica constante de seu próprio conceito; uma vez que demanda de quem a ela se reporta, localizações de saberes e especificações de uso, em especial, quando a tomam por uma categoria analítica, como o fazem há décadas, as produções científicas. Assim, entendemos que as definições de gênero apresentadas pelas perspectivas feministas articulam às categorias de poder a problematização de seu uso. Desta maneira, constituem-se por valiosas ferramentas de questionamentos das produções acima citadas e aqui referenciadas. Como não nos deixam esquecer, Medrado e Lyra (2014), apesar das crescentes expansões dos estudos de gênero no campo acadêmico, estes surgiram dos movimentos feministas, cabendo a nós, pesquisadoras advindas deste campo, reconhecer para além de seus aspectos teóricos, o seu caráter político.

3.2 TECENDO SOBRE FEMINISMOS, GÊNERO E PSICOLOGIAS: ENTRE LINHAS, PONTOS E NÓS

Na busca pelo reconhecimento de sua identidade científica, vimos que as psicologias construíram seus discursos e práticas fundamentadas nas lógicas positivistas. Suas investigações basearam-se na procura por leis que caracterizam e regem os mais diversos comportamentos, visualizando assim a conquista sob o que representaria uma essência do humano (GERGEN, 1994). Nos anos 60, em conjunção com a denominada crise da psicologia

experimental, intensificaram-se as críticas e refutações a esse paradigma. As contestações das chamadas abordagens críticas, de acordo com Nogueira (2001), interligavam-se às divergências quanto a uma unidade essencializadora do humano, a qual os modos de ser e de saber são unificados de forma a tornar os processos relacionais generalizáveis e dissociáveis ao contexto cultural em que são produzidos.

As crescentes refutações quanto ao modo de pensar e fazer ciência presentes no paradigma moderno proporcionou o surgimento de novas abordagens epistemológicas, a exemplificar, as perspectivas feministas. No entanto, apesar dessas contribuírem para uma visão crítica do fazer científico até então dominante, tamanha foram e ainda são as resistências das psicologias em aceitar esses novos paradigmas teóricos e metodológicos, não somente devido ao contexto histórico e científico em se constituíram; como vimos no capítulo anterior, observa-se a predominância dos fundamentos positivistas, nos quais a neutralidade e objetividade não são categorias a serem apenas contempladas em seus estudos; mas sim norteadores de reconhecimento do fazer e do ser ciência, segundo *o homem* (NOGUEIRA, 2001).

O intencional destaque no conceito acima descrito fora utilizado para reforçarmos que, segundo esta mesma autora, no modo positivista de se fazer ciência, a aquisição de constructos da objetividade está diretamente associada aos aspectos da masculinidade. Uma vez que os meios para sua conquista estão diretamente correlacionadas a distinção entre razão e emoção, esta última intensamente endereçada ao feminino. Através do uso das epistemologias feministas, posicionamentos e imparcialidades serão adicionados à produção de conhecimentos, qualquer que seja o campo a que nos reportamos. Logo, seus principais contestamentos estão onde a noção de objetividade, de verdade e de neutralidade deleitam-se nestes paradigmas.

Para além de uma asserção teórico-metodológica contestadora, as epistêmes dos feminismos não só se sustentam, mas possuem suas origens nas bases de atos políticos. Desta maneira, ao conceberem que o conhecimento é sempre posicionado, reforçando as necessidades de sermos parciais, nos convidam ao comprometimento com a produção e reprodução de saberes que visam uma transformação no contexto social. Sendo considerados, pois, como ferramentas fundamentais às inquietações, intervenções e manutenções das mudanças sócio-culturais as quais se propõem (HARAWAY, 1995; NARVAZ E KOLLER, 2007).

Com propostas críticas e emancipatórias, os feminismos durante as décadas de 60 e 80, adentram os campos acadêmicos, semeando reflexões acerca das experiências de

opressões e discriminações. Inicialmente, seus cultivos eram intensos nos solos das repressões direcionadas às mulheres. Hoje, alcançam hectares incalculáveis ao denunciarem perspectivas patriarcais existentes nas teorias e práxis das ciências. Por conseguinte, temos todo o cenário acadêmico mobilizado por essas, ao fortalecerem as expressões, entoadas pelos mais profundos desejos de emancipação das relações baseadas em dominação, discriminação e exclusão em que os mais variados seres se veem submetidos (NEVES E NOGUEIRA, 2005).

Por falar em extensões e em desejos, no que concerne às análises do uso do conceito de gênero no âmbito da academia, os feminismos também adicionaram às suas reflexivas plantações, importantes e frutíferos cultivos neste campo. Abundantes são consideradas suas incessantes advertências acerca das produções acadêmicas, as quais frequentemente concebem a categoria gênero uma definição com base em sua oposição ao sexo. Mayorga (2007) nos alerta para o resultado advindo dessas ações:

O problema desse tipo de prática está ligado ao potencial analítico da categoria gênero, que passa a ser neutralizado por um uso eufemístico muito mais relacionado ao campo do politicamente correto do que a um campo de estudos que poderia analisar a constituição de identidades, subjetividades, relações interpessoais, institucionais, simbólicas materiais a partir das lentes do gênero, identificando, sobretudo, efeitos de poder e também potenciais de transformação. (MAYORGA, 2007, p. 598).

Acrescendo as considerações destas discussões, Matos (2008) traz uma visão mais ampla para gênero. A autora o considera, para além de uma categoria analítica, um novo campo, não só teórico, mas epistêmico, nas ciências humanas e sociais. Ao narrar as trajetórias traçadas e produções de discursos e práticas dos feminismos e demais ciências, em articulações ao gênero, disserta sobre como sua extensão ganhou historicamente proporções consideráveis e também preocupantes. Uma vez que, em caso de esquecimentos acerca de sua capacidade enquanto ferramenta analítica, teme-se que suas importantes propostas políticas e emancipatórias possam vir a perder enquanto potências e significados para as transformações do social.

As considerações da supracitada autora reforçam o cuidado que devemos ter com as proposições elaboradas e defendidas pelos feminismos; sobretudo nos terrenos acadêmicos. Como no esclarecem Portella e Gouveia (1999), para esses, toda ação que possui como base a educação e a formação, é necessariamente também um ato político. Ao questionar não só as práticas, mas, sobretudo as condutas adotadas enquanto pesquisadoras, professoras, psicólogas, e tantos outros lugares e status que possamos adotar; contribuem para uma visão política de nossos saberes. Portanto, fortalecemos nossos fundamentos nos campos feministas,

ao deleitarmos de suas inestimáveis contribuições, não apenas em ampliar os acessos e consequentemente posicionar-nos nas discussões sobre gênero nas psicologias, mas ao visualizarmos as linhas e tramas que traçam e marcam as estruturas de poder contidas em seus múltiplos usos.

Dos subsídios ofertados pelas teorias feministas às reflexões das psicologias, Gergen (2009) credita as críticas iniciais das primeiras endereçadas aos campos dessas ciências, tais como o da psicologia experimental, da psicologia cognitiva e em todo aquele em que fora observada a ênfase em discursos e práticas de dominação e exclusão, sobretudo quando o fazem, equivocadamente como vimos, com o uso do conceito de gênero. Em contra partida, Mayorga (2014) nos apresenta que, dos campos das psicologias, as primeiras propostas de diferentes visibilidade e atuações nasceram nos berços da psicologia social. A autora explica que, não por acaso, a acolhida desses saberes ocorreu no mesmo período em que a chamada crise da psicologia social se instaurou. Não nos surpreendendo na coincidência de sua data inicial: nos anos 1970 e 1980.

No mesmo período, citamos que tivemos a entrada das visões dos feminismos no campo acadêmico. No que concerne às principais críticas destas, direcionadas às perspectivas das psicologias, Gergen (2009) aponta para as queixas referente às ininterruptas criações de concepções individualizantes, equivocadas e consequentemente determinantes, advindas dos usos e abusos, em tons de desigualdades e desqualificações, das posições de poder em que se estruturaram. É neste cenário, de críticas às bases teóricas que norteiam e fundamentam as práticas dos mais diferentes saberes dessa ciência, que se apresentou como frutífero o campo para o desenvolvimento dos estudos sobre gênero na psicologia social.

Apesar das sutis e também evidentes distinções entre as perspectivas das psicologias, as críticas que lhes eram endereçadas se mostraram como um marco importante para as produções dessa ciência, nos diferentes aspectos, no cenário brasileiro. Ao compartilhar das perspectivas feministas quanto ao campo dos estudos de gênero, tornou-se possível para a psicologia social, por exemplo, desenvolver argumentos com sonoridades de maiores alcances, possibilitando envolver múltiplas dimensões circundantes aos fenômenos e populações que direciona seus estudos (MAYORGA, 2007).

A autora credita ainda às novas formas de olhar para as próprias produções e objetivos científicos, bem como aos novos investimentos da então chamada psicologia social crítica, nas tramas férteis dos estudos de gênero, o fato de não termos desenvolvido em linhas paralelas, o que denomina por uma psicologia social feminista:

Embora as perspectivas teóricas não fossem semelhantes, problematizavam os pilares da ciência moderna, que se expressavam numa psicologia social psicológica, de cunho individualizante. Essa talvez seja uma das explicações do porquê, no Brasil, não encontramos uma psicologia social feminista, já que a psicologia social que se buscou construir a partir da crise e que se tornou objeto de uma associação específica – a Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) – foi relativamente receptiva à articulação com as perspectivas de gênero. (MAYORGA, 2007, p. 591).

Ao denunciar a manutenção, através dos saberes científicos modernos, de configurações patriarcais existentes nas estruturas acadêmicas que compõem os corpos docentes, discentes e demais corpos que por estes campos transitam e são transitados por; teorias e metodologias feministas advertem sobre o cuidado que devemos possuir ao assumir, de forma reduzida às produções de pontos e linhas, posicionamentos compartilhados e localizados em suas perspectivas. Nos lembram, com frequência, que as vestes que desnudam seus olhares possuem propósitos que transcendem nossos objetivos de ciências pontuais, necessitando, pois, alcançar dimensões mais extensas, propondo em seu lugar enquanto práxis:

É com base neste princípio que as metodologias feministas pretendem, acima de tudo, garantir a criação de um compromisso científico, social, cultural e político que legitime e valorize, numa perspectiva de equidade, as experiências dos homens e das mulheres, bem como os significados que homens e mulheres constroem acerca das suas realidades sociais. E é precisamente esta lógica de compromisso declarado que consideramos ser a mais-valia das metodologias feministas, e por inerência, a mais-valia da utilização dos princípios feministas ao serviço da Psicologia. (NEVES E NOGUEIRA, 2005, p. 47).

Contribuindo ainda com esta perspectiva, dizem-nos as investigações circunscritas em Latour (2000) acerca dos processos de conhecimentos e ferramentas utilizadas para apreensão e expressão da realidade, que estes não residem apenas no cerne da estrutura de conhecimentos científicos adotada por uma pesquisadora; mas na compreensão de que há um ethos próprio sustentado por este, regido pelo entendimento dos fenômenos como sendo construídos e mantidos a partir de um contexto e intencionalidades a serem desveladas e questionadas. Logo, ao adotar uma posição crítica acerca de conhecimentos, que revelam o que se diz ser a verdade sobre algo, há a possibilidade de interação com as compreensões acerca de que os fenômenos são construídos e mantidos a partir de um contexto e intencionalidades a serem desveladas e questionadas (GERGEN, 1994).

Sardenberg (2007) confere a um dos maiores objetivos das propostas feministas, nas ciências e nos espaços da academia, o de construir e o de difundir conhecimentos que não se limitem apenas ao exprimir de sentidos sobre mulheres, por mulheres. Mas, sobretudo, o de produzir aqueles que são atos por si, destinados às mulheres e aos demais seres que possam se

beneficiar da força motriz de seus intrínsecos projetos de mudanças. A autora infere ainda, pertinentes questionamentos já realizados por Harding (1991), tanto aos níveis de críticas endereçados às ciências, quanto à existência, viabilização e elaboração de estratégias epistemológicas e metodológicas, quanto à proposta de fundamentar e equipar saberes ditos e tidos como feministas:

Questiona-se, por exemplo: o que torna esse saber especificamente feminista? Para construí-lo basta apenas denunciar e combater o androcentrismo na “má ciência”? Ou será que, de fato, só um saber fundamentado no ponto de vista das mulheres poderá levar adiante uma prática científica emancipatória para todas e todos? Mas, não seriam essas estratégias também “suspeitas”, dado “ (...) suas lealdades com os princípios do Iluminismo implícitos nesses projetos científicos e epistemológicos? (HARDING, 1991, p. 07).

Em suma, no tocante às contribuições dos feminismos, às produções de conhecimentos que contemplam as questões de gênero nascidas nos terrenos acadêmicos das psicologias, podemos e devemos reconhecer as influências e argumentações quanto às concepções e sistemas opositivos e determinantes, que alimentam e regulam as bases das relações de poder entre esses. Como resultado, tivemos as coordenadas de algumas de suas teorias e metodologias, reorientadas aos projetos de mudanças paradigmáticas de saberes ancorados nas proposições das ciências modernas. Ao preconizar discussões de aspectos flamejantes às tensões existentes entre os modos de conceber as formas de subjetivação, identificação e expressão do humano, permitiram as psicologias, os fios de contestações que agora vestem suas bases e modos de compreender e agir nos campos destes.

Aproveitando os ensejos presentes nestas linhas, que visam contemplar as contribuições dos feminismos para as psicologias, no tocante dos seus usos e produções relacionadas ao gênero; continuamos a vislumbrar as características dessas ferramentas analíticas, por possibilitarem generosas compreensões acerca das mais variadas formas de estabelecimentos e manutenções das relações de poder; sobretudo as que envolvem ações de denúncias e transformações das desigualdades. Sob estas telas, desejamos tecer brevemente sobre reflexões acerca de ações que consideram a interseccionalidade e a crescente e fundamental visibilidade, desta última, por parte dos que se propõem às diferenças, respeitar e lutar pelas suas existências e modos de ser e estar no mundo.

No primeiro capítulo deste estudo, fizemos menção ao conto medieval de Hans Christian Andersen (2002), quanto às novas roupas do rei. Este, tomado por indiscutível soberba intelectual, vestiu o que acreditou serem peças de alta costura, ditas pelos seus tecelões, que são apenas vistas por aqueles que são legitimamente pertencentes às famílias

nobres e reais. No que concerne aos avessos vivenciados pelos feminismos, quando postos nos cenários avaliativos pelos próprios saberes que intentam por analisar, Piscitelli (2008) nos introduz às outras faces das vestes em que estas perspectivas se viram encobertas e, por muitas vezes, expostas ao rompante desnudar dos paradoxos de suas próprias críticas.

Apontadas por negligenciarem importantes pressupostos políticos, teóricas e ativistas dos feminismos se viram questionadas quanto à coerência de suas falas e atos, considerados, pois, suportes em que penduram os trajes que marcam seus corpos e lugares, caracterizando os timbres e alcances de suas vozes. Estamos historicamente datadas entre 1980 e 1990. Os fios que aqui estão sob os duvidosos e céticos questionamentos, adornam as roupas das até então consideradas mulheres privilegiadas (PISCITELLI, 2008). As críticas a estas direcionadas, falam sobre o reconhecimento, em tecidos teóricos, que possuem quanto às existências das diferenças; se mostrando, contudo, ausentes em seus adornos e bordados analíticos, categorias como raça e classe, consideradas iguais em importância política quando comparadas às análises das vestes, até então tidas como favoritas, do gênero.

Foram as feministas negras, latino-americanas, mulçumanas, asiáticas, entre tantas outras, que produziram criticamente as vias iniciais para este despertar. Até então, não eram sequer consideradas suas marcantes nuances, também estruturantes das bases opressivas que mulheres e tantos outros seres são submetidos. Piscitelli (2008) credita aos dissabores experimentados por estes e demais grupos de mulheres, quanto à ausência de representatividades, as quais não só viabilizassem um sentido por uma identificação, mas um sentimento de relevância e pertença, destinado às mesmas intensidades de esforços direcionados às expressões de suas vozes, experiências e existências; tanto quanto se destinavam aos ecos emitidos pelas questões relacionadas a gênero.

Assim, compreendemos que a inestimável contribuição destas perspectivas feministas reside nas advertências que ampliaram as diferentes vias de visibilidades e concepções acerca das discriminações e violências outras sofridas, não apenas pela mulher, enquanto conceito único ao qual se dissertava. Mas pelas mulheres, plurais enquanto categorias; múltiplas em seus corpos, crenças, experiências e resistências. Desta forma, fomos também sensibilizadas quanto às produções contidas neste estudo, considerarem as leituras e interpretações dos atos e seus interlocutores, a partir das perspectivas da interseccionalidade.

Ao nos fornecerem ferramentas analíticas, estendendo as possíveis interpretações quanto aos acessos e conexões com as múltiplas diferenças e as articulações estabelecidas através dos atos nas relações, tornou-se possível identificar as mais diversas interações entre as latentes diferenciações de crenças, saberes e consequentemente manutenções de relações de

poder, que compõem os contextos evidenciados nas linhas que tecem os produtos circunscritos à interação dos campos das psicologias com os dos feminismos (PISCITELLI, 2008).

4 DESLOCAMENTOS METODOLÓGICOS: ENTRE CURSOS, DECURSOS E DISCURSOS

4.1 SOBRE A ESCOLHA DA NATUREZA PÓS-ESTRUTURALISTA DA PESQUISA

A produção dos diferentes conhecimentos sempre fora transpassada, ao longo dos séculos, pelas múltiplas faces de suas genealogias e metodologias. Contudo, nos sinaliza Spink (2003) de que, se existe uma convergência por parte de seus produtores é a de que, ao escolher uma metodologia, qualquer seja a área de conhecimento ou o campo e tema escolhidos para a sua produção, são percorridos posicionamentos éticos, políticos e demais cuidados iniciais por parte de quem o faz e de como se deseja trilhar os objetivos determinados e conteúdos, nem sempre tão determinados e previsíveis assim, traçados em seus trabalhos.

No que concerne ao nosso estudo, temos visto e vivenciado o fato de, ao assumir um paradigma de metodologia científica, assume-se também suas concepções ideológicas, políticas e todo seu aparato epistemológico a qual advém seus princípios éticos, teóricos e instrumentais. Fomos descobrindo, ao unir partes de nossos desejos, que o inteirar-se dessas proposições é um exercício fundamental da compreensão e condição primária do processo de investigação e atuação a qual se pretendeu conduzir (NEVES E NOGUEIRA, 2005). Desta forma, desejamos aqui esboçar reflexões, inestimáveis para nós, as quais estas trilhas nos trouxeram na construção de nossos passos em seus percursos.

Primária em nossas reflexões, a escolha pela natureza da pesquisa se revelou quase que de imediato. Como um mecânico despertar no meio de uma semana atribulada de trabalho, com nossas agendas expostas e frenéticas em nossas mentes, nos dispomos a realizar o exercício de nos questionar o que estamos a nos propor a fazer, quando, em súbito, nos deparamos com pastas de dentes em nossas torradas. Nos demos aquela breve pausa de quem percebe que precisa organizar novamente aquilo que se propõe a (d) ingerir logo cedo nos nutrir. Percebemos que o iniciar de nossos a-fazerem está para além de nos mecanizar em nossos objetivos, ou no chegar sem atrasos nas conclusões de nossos trabalhos.

Está aí o vislumbre de nossa primeira resposta. O ir além dos sentidos, do que se diz sentido, do que se faz ser e do que se tem como tido. Nossos anseios se encontram onde se visualiza ciência como via de construção de subjetividades e humanos. Acessar e tornar possível o dissertar dessas particularidades deste processo, são nossos principais itinerários a seguir, a se construir. Desta forma, o que há na proposta pós-estrutural que mais nos seduz são as possibilidades de vivenciar o processo, dinâmico por si, de investigar-ação que não só

permite, mas se faz em necessidade com um dialogar entre sistemas teóricos que contornam e (en) tornam os fenômenos (PINTO, 2004).

Com ofertas assim, é que se tornou possível o sentir dos trânsitos metodológicos como necessariamente o que nos faz ser em movimento, o que nos desloca. Inicialmente esta proposta traz encantos e levezas nos modos que idealizamos nos mover nesse estudo. Contudo, como todo transitar, ir além das vias que se tem por estruturadas e enraizadas, também nos fez sentir os desconfortos e desamparos das indefinições sobre os possíveis voos que idealizamos atingir quando assim nos propusemos a sermos aquelas que se permitem ao mesmo tempo ter asas e sermos tocadas no e pelo campo de pesquisa.

Em “Ciência em ação”, Latour (2000) aborda sobre as muitas incertezas e contestações, os múltiplos discursos e necessidades de tomadas de decisões, que se discurrem paralelamente e simultaneamente entre os diferentes atores e autores envolvidos, de maneira direta ou indireta, na construção de um conhecimento científico sobre dada realidade. O autor nos fez recordar daquilo que, por um instante, achávamos não desejar lembrar ou saber: Seríamos afetadas pelo outro. Quem ou quê seria este outro? A que lugares nos conduziriam? Estaríamos mesmo dispostas a adentrar nas chamadas zonas de sentido das realidades dos fenômenos estudados?

Latour (2000) clarifica-nos, neste convite ao outro, ao considerar que o fazer científico é composto, em intensidades, pela dinâmica de forças de enunciados e por quem ou pelo o quê estes são expressos; estejam estes dentro ou fora do campo de pesquisadores e pesquisados previamente estabelecidos para dado estudo. Sendo assim, o autor opta por uma visão acerca do (fazer) científico como sendo da maturação de um fruto a partir do momento em que energias de aproximação, sejam elas quentes ou frias, lhes são investidas. Ou seja, é pela via dos contatos, contratos e de sensíveis tatos com o que se pretende interpretações inferir, que se torna possível nossas produções.

A obviedade deste cenário não reduz nossas receosas surpresas à mera ignorância ou ingenuidade. Disponibilizar-se ao outro, com o outro e pelo outro nem sempre produz frutos com sabores adocicados e texturas das mais suaves. Como dissemos anteriormente, aderir a uma proposta metodológica que nos permite o desfrutar de nossas concepções e ideações em movimentos e em transformações, podem e trazem atritos, exposições e dissabores marcantes. Não ficariam, pois, surpresos em descobrir que são justamente os atritos e degustações destes encontros com o outro, o combustível para nossas avaliações e reavaliações acerca do que consideramos saber de si e do outro, do que acreditamos ou não por serem consideradas nossas práticas e realidades.

Justo por estas lentes que Latour (2000) nos apresenta em seus escritos, outras faces sobre a importância de se conhecer e discursar sobre os posicionamentos científicos, as produções realizadas a partir de então, as teorias e técnicas adotadas ao que ele chama de cultural do material e imaterial, o que nos leva a outro conceito seu denominado de tecnociência, o qual se refere a (re) ações de ordem humana e não humana da práxis deste fazer ciência. Portanto, considerarmo-nos neste processo científico não só se apresenta como a descrição da estrutura que sustenta e procura viabilizar seus frutos, mas como condição *sine qua non* dos paradigmas e teorias adotados neste estudo.

Quem é, de onde fala, o que fala, para quem fala e o porquê o fala, representam cientificamente para nós, questões indissociáveis para compreensão dos objetivos e motivações da realização de uma pesquisa com perspectiva pós-estruturalista. Para respondê-las, mostra-se necessário acessar e refletir acerca de seus elementos antecedentes; é importante ressaltar que o termo “respostas” utilizado nesta prerrogativa refere-se àquilo que possui potencial de fornecer sentidos e localizações acerca de dado saber, não necessariamente uma aspiração de uma compreensão totalitária e definitiva do que se diz ou do que se é (HARDING, 1986).

Achamos no mínimo curioso como o ato de escrever sobre nossas investigações é um processo de construções e desconstruções, simultaneamente. Na possibilidade de vislumbrar e criar realidades nesses infindáveis questionamentos e pontuações, é que encontramos nossas aproximações com a escolha da natureza deste estudo. Ouvimos com frequência, daqueles que se disponibilizam a fazer esta trajetória, o quão transformador o processo de fazer ciência possa parecer. Mas só compreendemos de fato quando o sabemos. Sobre esse saber, o que de fato podemos dizer que sabemos ou que, nessas linhas, dispomo-nos, a dizer que se sabe?

Concordamos com Kehl (2016) que sapiência está ligada à experiência. Experiência é sentir, um ato de fazer sentido. E é esta palavra, tão repetida de diversas formas e significados entre estas linhas, que temos por objetivo maior em alcançar, quando por estes instrumentais nos vemos em penhascos debruçarmo-nos: Que nossas ações, sejam elas subjetivas, científicas, escritas ou não escritas possam fazer sentidos para além do que envolvem os objetivos de nossos eus. Que os ditos e não ditos por esses parágrafos alcancem e sejam contemplados por outras localidades, por aqueles que compartilham dessa e de outras realidades. Que elas possam, assim como fazem conosco, afetar as vossas experiências sobre o que quer que tomem por serem suas realidades ou das realidades que aqui nos propomos a (nos) desnudar.

4.2 SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DAS TEORIAS E METODOLOGIAS FEMINISTAS

Quando nos deparamos com a questão de fazer ciência, inúmeros foram os momentos em que esbarramos nas reflexões acerca dos caminhos que levam ao aperfeiçoamento das ciências. Sobre esses, observamos que, apesar das diferenças entre seus cenários e trajetórias, os ciclos paradigmáticos estavam ali, sempre presentes, envoltos nas leituras de seus mapas e caminhos percorridos e a percorrer. Por paradigmas, consideramos, assim como Pinto (2004), como sendo os movimentos em e de teorias, em que os corpos científicos enfrentam e (se) confrontam quando em uma escalada em dada ciência se propõem a realizar.

Questionamos-nos a que escalada estávamos nos propondo na psicologia e pela psicologia, quando neste estudo resolvemos nos aventurar. Almejávamos aperfeiçoamentos deste campo? Também. Por visualizar a intensa reprodução e afetações de seus ecos muito mais em nós mesmas do que nos requintes de nossas teorias nas psicologias. Desta forma, percebemos a necessidade de um mergulho antes de nos propor a iniciar uma ascensão por estes terrenos. Um mergulho nos princípios teóricos daquilo que nos propusermos a melhor conhecer. Que nos conduzisse às águas que dão origem, que viabilizam e que assim fornecem o pulsar de vida às discussões que aqui, em suas margens, intentamos plantar, cultivar e diversos frutos desejar.

Assim, aproveitei-me das produções e histórias oriundas dos caminhos que minha orientadora, Karla Adrião, antes desse nosso reencontro, aspirando conhecer as terras e vozes que nutrem os contornos dos movimentos que se dispõe a realizar, quando no âmbito da academia, e em tantos outros, está a se doar. Iniciei em sua nascente. A específica epistemologia que utiliza, traz de maneira calma e límpida em suas águas, que o modo como iríamos investigar os fenômenos iriam interferir nesses mesmos investigados. Desta forma, não poderíamos intentar o fenômeno apreender em nossas mãos e delas, escrever qualquer conceito tido como sua única verdade.

Adrião e Toneli (2008) consideram que são os princípios teóricos das propostas metodológicas feministas, ao construir sob as múltiplas possibilidades de investigação e de leituras conferidas as atuações em campo, que legitimam o conhecimento a ser produzido por estas vias. O que nos leva compreender um pouco mais sobre a epistemologia dessas metodologias; essa parte do princípio de que o objeto ou fenômeno a ser estudado recebe influências durante todo o processo de investigação e de quem a está conduzindo. Desta maneira, não há como considerar neutralidades quando os aspectos subjetivos e modos de

visualizar as realidades de quem os investiga, são necessariamente associadas à natureza e produções de seu estudo.

Tais considerações são chamadas por Rey (1998) de princípio do indeterminismo, uma vez que considera que a atuação daquele que investiga parte necessariamente de sua interação com o que pretende estudar, resultando assim em conhecimentos marcados pelos atravessamentos de quem os produz. Desta forma, consideramos a adição das propostas teóricas e das metodologias feministas ao estudo qualitativo que intentamos aqui realizar, sensivelmente coerentes às nossas formas de visualizar e desejos de se mover no âmbito das produções em psicologias na academia.

Adrião e Toneli (2008) também nos apresentam a natureza do campo das metodologias feministas; estas se caracterizam por suas atuações e interações multidisciplinares e pelas suas defesas na pluralidade metodológica que um estudo possa vir a se ancorar. Consideram-se, pois, por conhecimentos e práticas científicas que realizam uma ciência com uma natureza de viabilidade e não de propriedade, o que quer dizer: àquela que não possui por fins uma verificação e apropriação direta e linear dos dados, mas uma explicação direcionada e fundamentada em sentidos de realidades múltiplas e de processos a que visa elaborar produções de discursos a partir de.

Utilizando-se de vários instrumentos, tanto na coleta de dados quanto nos processos de análises, as metodologias feministas são conhecidas por apresentarem sua pluralidade metodológica. Para Neves e Nogueira (2005), os objetivos de seu uso ultrapassam a proposta de uma alta credibilidade aos achados e conclusões, bem como de uma melhor compreensão por parte de quem as investiga, quando utilizam no contexto de investigação, as várias possibilidades metodológicas. Para estas autoras, a escolha por essas está intimamente relacionada aos pressupostos de promover, com responsabilidade, mudanças em contextos de desigualdade de vozes:

A opção da pluralidade metodológica pelos/as investigadores/as feministas é assim uma opção técnica deliberada, na medida em que expressa preocupações em prol do compromisso que esta visão da ciência assume face à mudança social. Também por esta razão muitos/as autores/as insistem na ideia de que não há apenas uma metodologia feminista específica, mas antes um conjunto de metodologias que, ao ser usado ao serviço dos princípios feministas, pode ser denominado de metodologias feministas. (NEVES E NOGUEIRA, 2003, p. 50).

Apesar de amplamente debatidas há décadas como prática de pesquisa por pesquisadoras como Harding (1986) e Schienbinger (2001), observamos na fase de levantamento da literatura, que possuímos poucas produções que contemplam as estruturas

ofertadas pelas metodologias feministas e a aplicação de suas técnicas, em comparação às demais propostas metodológicas, no contexto acadêmico. Assim sendo, achamos relevante inquietá-los acerca desta realidade, a qual levanta dados tão pertinentes às características e inferências em nossas análises.

Ao que chamamos de estruturas ofertadas por essas metodologias, exemplificaremos com o uso de proposições utilizadas por Portella e Gouveia (1999), quanto aos requisitos fundamentais no uso dessas metodologias: Expressar clareza no uso e efeitos sobre gênero nas relações sociais e institucionais; identificar estruturas das relações de poderes e consequentes produtos oriundos de seus conflitos e desigualdades de posições e ações e realizar produções que contemplem as dimensões nas quais relações de gênero se veem instaladas; são elas: dimensão simbólica; dimensão normativa; dimensão institucional e dimensão subjetiva.

Pesquisando mais sobre as metodologias feministas, descobrimos propostas interconectadas que muito nos trouxeram brilho aos olhos. Não nos aprofundaremos neste momento em suas linhas, apenas por não termos por intenção adotarmos como exclusivo direcionamento de nosso percurso metodológico. Contudo, não pontuá-las nesta escrita, seria omitir importantes fontes em que vimos nossa sede por reflexões neste campo novamente esperança possuir. Estamos aqui nos referindo às chamadas pedagogias feministas, as quais se fundamentam no reconhecimento das desigualdades produzidas nas relações de poder entrelaçadas às questões de gênero, no âmbito educacional (LOURO, 1997).

A autora insere ainda, na breve conceituação acima, que as formulações pedagógicas ancoradas nas óticas feministas acabam por propiciar uma perspectiva de pedagogia emancipatória, uma vez que irá oferecer um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que visam romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula e conteúdos abordados (LOURO, 1997). Outra contribuição que esta autora nos trouxe, não apenas na incessante construção do que consideramos serem as metodologias feministas, mas no referido uso dessas, está na inferência de reflexões acerca de princípios norteadores, como as dimensões já aqui descritas por Portella e Gouveia (1999).

Louro (1997) ao escrever conceitos norteadores para o entendimento e prática dessas metodologias, sugere que seja evitado o uso assemelhando-os às receitas ou técnicas pré-determinantes. Esclarece que tais princípios foram construídos a fim de que seja compreendida que toda ação educativa é necessariamente política. Esclarecendo-nos o fato de que o processo educativo-político que aqui produzimos, deve visar prioritariamente, que os conhecimentos que aqui consideramos e produzimos afetem todos os envolvidos enquanto

instâncias subjetivas totais e não apenas intelectuais, bem como o modo como se visualizam nas relações de poder que estão inseridos.

Por fim, não poderia deixar de mencionar que, apesar de inicialmente entender os feminismos apenas enquanto movimento político; com este estudo, tivemos a oportunidade de acessar faces outras e dimensões mais abrangentes suas. Consideramos que, diante do ato de identificá-lo, também, como um percurso teórico-metodológico, o mesmo propiciou importantes vias de acesso e compreensões de conteúdos e dinâmicas relacionais e institucionais correlacionadas aos estudos de gênero na academia; sobretudo através das lentes de ciências como as psicologias. Assim, o mesmo trouxe inestimáveis contribuições, não só ao nosso modo de interagir com os dados, mas na forma como nos percebemos em interfaces com estes.

4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE DOCUMENTAL

A análise documental tem por um de seus objetivos dissertar e produzir acerca de conhecimentos e novas formas de compreender os fenômenos registrados. Quem investiga, por sua vez, deve interpretar as produções, de modo a sintetizar as informações, apontar tendências e realizar inferências acerca dos dados expressos (CELLARD, 2008). O autor adiciona ainda que os documentos não existem de forma isolada e, por isso, necessitam ser situados em uma postura teórica para que o seu conteúdo seja entendido e assim manuseado. Ao realizar a seleção e análise inicial dos documentos, os contextos de criação, os autores, os interesses revelados, a confiabilidade da produção, a natureza do texto e os conceitos chaves escolhidos, devem ser considerados.

A escolha pelo uso do procedimento da análise de documentos neste estudo se justifica pelas inúmeras aproximações já citadas e contribuições que esta metodologia nos oferece; dentre elas, o de adicionar à dimensão do tempo e espaço em que esses foram produzidos, a compreensão do contexto social, econômico e político de sua criação e publicação. A análise documental nos ofertou inúmeras possibilidades de compreensão acerca dos processos e de suas trajetórias de desenvolvimentos e evoluções, tanto das vozes presentes nos discursos contidos nas produções analisadas, como da escolha de conceitos, conhecimentos, comportamentos e práticas adotadas por estes (CELLARD, 2008).

Ao que se refere à relevância do uso documental na produção de conhecimentos em e de redes, Latour (2000) enfatiza a importância do registro em documentos das produções realizadas fora e dentro do campo ou laboratório em que a investigação fora delimitada. Para ele, a dinâmica existente entre o conteúdo propriamente tido como objeto de estudo e aqueles

que o circundam, corresponde o próprio ser ciência. Desta forma, uma produção viabilizada por dado método e registrada em documento para uso múltiplo deste saber, possui as etapas iniciais para prosseguir em seu processo de tornar-se conhecimento científico. Latour (2000) acrescenta ainda a importância do não limitar-se ao registro do universo presente ou circundante ao campo ou laboratório. De acordo com ele, o pesquisador deve transpassar estas barreiras pré-estabelecidas para que assim, possa coletar informações imprescindíveis à construção de representações múltiplas de dada realidade, bem como para expansão e manutenção das conexões em redes dos diferentes saberes desta.

Não há dúvidas quanto ao uso de documentos como fontes de informações referentes a dados saberes e legitimações de práticas, como é o caso das produções acadêmicas aqui contempladas. As indicações e esclarecimentos que trazem em seu conteúdo para referir-se a determinadas questões ou como subsídios e parâmetros de suporte para outras, de acordo com o domínio e o interesse de quem as pesquisa, contribuem para o conhecimento das relações entre as estruturas de formação, direcionamento, apreensão e modos de articulação dos saberes presentes na ciência em questão (FIGUEIREDO, 2000).

Não podemos deixar de informar um dado importante, o qual tem sido relacionado às frequentes confusões acerca do uso da pesquisa documental com o da pesquisa bibliográfica. É a natureza das fontes destas diferentes formas de investigações que permitem o entendimento e a dissociação entre elas. Enquanto que a pesquisa bibliográfica preocupa-se com a expressão das variadas contribuições dos diferentes autores sobre dado tema, a pesquisa documental possui interesse em produtos que ainda não receberam um tratamento analítico científico, em outras palavras, seu interesse reside nas fontes primárias acerca de dado tema (OLIVEIRA, 2007).

Latour (2000) acrescenta a visões como esta, que os estudos de laboratórios devem compreender ainda como os documentos previamente selecionados são produzidos, seus signos e significados são inseridos e como são interligados por meio de uma dinâmica cultural, temporal, política e social que os perpassam. Para o autor, o aspecto burocrático em que são produzidos e estão inseridos esses documentos é um dos fatores que possibilita a pluralidade de existências de interpretações e entendimentos acerca das construções sociais e redes de saberes, sejam estas consideradas científicas ou não.

4.4 DAS INTERLOCUÇÕES AS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA

Este estudo teve por intenção, construir reflexões sobre os estudos de gênero no âmbito acadêmico, a partir de um mapeamento das produções de relatórios, especificamente daqueles provenientes das exigências de conclusão do curso de graduação em psicologia da UFPE. Visando identificar os diferentes discursos produzidos por alunos em proximidade à sua formação, identificamos aqueles que circundam os modos e moldes como os processos relacionados a conceitos e ações do campo dos estudos de gênero são relatados através das lentes e atuações das psicologias.

A escolha por esse tipo de documento não se mostra aleatória, tampouco inédita. Realizei minha formação em psicologia nesta mesma universidade, concluindo-a no ano de 2013. Durante minha trajetória acadêmica, realizei a formação de bacharel nesta mesma ciência, sob os moldes da estrutura curricular em época proposta. Para concluir esta formação, foi preciso realizar uma pesquisa. Nesta, visei identificar as visões que estagiários egressos que cursaram seu estágio obrigatório à formação na clínica de psicologia desta universidade, construíram enquanto experienciavam este momento de transição e inicial prática de suas escolhas profissionais.

É no referido estudo que identifico as primeiras nascentes de minhas reflexões e interrogações quanto ao modo que ciências, neste caso as psicologias, interagem com demais conhecimentos científicos e não científicos. Posterior a este momento, fui imediatamente inserida na prática clínica institucional. Nela, pude ter as margens de minhas turbulentas águas questionadoras, diariamente estimuladas pelas ações e dúvidas que eu e meus colegas nos deparávamos a cada encontro com pessoas e situações de vida que traziam. Sem contar com as regras institucionais, que fazem de sua natureza, um verdadeiro desafio à criação de novas vias de deságues.

Inserida há alguns anos neste contexto, tive a oportunidade de expressar entre estas linhas um pouco das forças e direções de ondas que esta trajetória tem por suscitado. Desta vez, desejei desbravar suas nascentes, lembrando daqueles iniciais fluxos que a graduação com suas ofertas e ausência delas, pôde me oferecer. Mergulhei em seis discursos inscritos em seis relatórios finais, inseridos entre os anos de 2015 e 2017. Seus autores são identificados por cinco nomes de origem feminina e um nome de origem masculina. O desejo por melhor mesclar as identidades sexuais de minhas fontes não superou a realidade que o banco de dados pôde oferecer.

Como critério de seletividade do material, utilizamos como parâmetro inicial a reforma curricular ocorrida no ano de 2012. Mas, o que vimos de tão diferente na proposta desta nova estrutura? A resposta está na singela e tímida primeira oferta de uma disciplina eletiva denominada Gênero e Sexualidade. Apesar de aprovada, a referida disciplina apresentou poucos fluxos de ofertas semestrais nos consecutivos anos. Sendo ministrada por dois de nossos docentes, referência em pesquisas nestes campos, a saber: Luís Felipe Rios¹ e Luciana Leila Fontes Vieira². Como meus dados precisavam estar inseridos em relatórios finais de conclusão da graduação, a escolha por estes foi classificada: todos os relatórios são de alunos que cursaram a supracitada disciplina.

Por ser recente a validação de sua oferta e o curso possuir dez períodos de duração, poucas foram as produções que encontramos no acervo, sob estes critérios, presente na Coordenação de graduação de psicologia da UFPE. Pudemos, através de uma coleta no sistema digital sig@, verificar quais alunos cursaram a disciplina e entregaram o relatório final que almejávamos. Desta busca manual em conjunção com cruzamento de dados virtuais, conseguimos acessar os primeiros seis relatórios. O número par apenas representa a quantidade que achávamos pertinente, diante do vasto campo de ideias e discursos, que poderiam nos apresentar. Mostrou-se suficiente também, dada à questão objetiva de prazos que precisamos conduzir nossas realidades e produções acadêmicas.

Diante dos dados, me questioneei acerca dos critérios avaliativos que desejei utilizar sob eles. Por que se mostrava importante para mim, que estes autores tivessem tido acesso à mencionada disciplina? A resposta encontrava-se na esperança desses terem tido, minimamente, um acesso às interfaces de estudos de gênero com as psicologias que intentavam construir em seus campos de atuação. A disciplina não se mostra como garantia de que esses utilizariam considerações, termos ou teorias dos estudos de gênero em seus relatórios, mas produziam o combustível a meu desejo de que estariam munidos de breves experiências de contato acerca deste vasto campo, do qual acreditamos ser indissociável aos objetos e objetivos de estudos das psicologias.

¹ Professor dos programas de graduação e pós-graduação em psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Mestre em antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), doutor em saúde coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

² Professora dos programas de graduação e pós-graduação em psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (FPE), mestre em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Universidade de Paris VII, doutora em saúde coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Como já expressei em linhas anteriores a estas, ao contemplarmos os paradigmas teóricos e metodológicos em que são fundamentados e justificados os discursos presentes nessas produções, visamos refletir sobre a natureza e condução destes e suas possíveis relações com os estudos de gênero em interface com as psicologias, no âmbito da academia. A partir das contribuições das perspectivas teóricas e metodológicas feministas, acerca das produções e articulações de saberes nesses campos, se tornou possível inferir análises múltiplas acerca do que essas vozes nos apresentaram. Assim sendo, optamos pela análise de conteúdo como dispositivo de leitura e via de expressar nossas visões e inquietações nestas linhas, quanto ao que nos apresentaram essas produções, seus discursos e seus possíveis ecos.

Através desta ferramenta de leitura e análise, visamos identificar se gênero apresenta-se apenas como uma categoria descritiva ou se possui alguma correlação com as formas que às teorias feministas lhes visualizam, dentre os discursos presentes em linhas dos relatórios selecionados. Interessou-nos também revelar quais situações e temas foram discutidos ou analisados a partir de uma perspectiva de gênero. Realizando interfaces com as ideias e pressupostos das autoras e autores aqui referenciados, buscamos identificar ainda possíveis articulações de gênero com outras temáticas e categorias, tais como: raça, classe social, orientação sexual, lugar de origem, religião, entre outras.

Ao que concerne à estrutura que fundamenta a elaboração e confere identidade e seus respectivos fins aos relatórios, essa se apresenta no seguinte formato e respectiva ordem de apresentação em seus sumários:

- 1. Dados de identificação:** Onde é possível acessar o nome, a matrícula e os contatos do discente. Contém ainda identificação do local de estágio e os nomes do profissional supervisor; este necessariamente possui vínculo com a instituição em que foi realizado o estágio; assim como a do professor orientador, vinculado ao programa de graduação da universidade.
- 2. Informações gerais sobre o estágio:** Contem as datas de início e término do estágio, apresentando ainda o total de carga horária, dias e turnos em que foram realizadas as atividades específicas e propostas para cada estagiário, tanto pela natureza da instituição onde ocorreu sua prática, quanto da universidade, como é o caso dos encontros de orientação de estágio, em que se apresentam como obrigatórios a todos.

3. **Resumo:** Contendo breve apresentação dos objetivos, local e atividades realizadas no estágio, assim como as abordagens teóricas em que fundamentam suas intervenções e modos de visualizar esta experiência.
4. **Introdução:** Tópico em que dissertam sobre a importância da experiência prática do estágio para consolidação enquanto futuros profissionais, pontuando suas primeiras impressões sobre a determinada área ou/e prática das psicologias pôde neste momento melhor conhecer e atuar através de.
5. **Fundamentação teórica:** Onde localizam os aportes teóricos que possuem afinidade e/ou são ancoradas as práticas da instituição em que fora realizado o estágio, bem como os suportes para elaboração e justificativas de suas intervenções.
6. **Caracterização do serviço de psicologia onde o estágio foi realizado:** Aqui são apresentados históricos, objetivos, responsáveis e práticas que alicerçam as instituições em que os estágios foram realizados.
7. **Atividades realizadas:** Neste tópico são apresentados os detalhes das atividades já pontuadas no tópico “informações gerais sobre o estágio”. Nele, são descritas atividades como estudos dirigidos, supervisões, características do atendimento, reuniões técnicas e orientações.
8. **Apresentação de estudo de caso:** Principal fonte de nossos dados, análises e construção de interpretações. Aqui se encontram os relatos de como foi para cada um dos estagiários, participar e conduzir atendimentos através das lentes das psicologias.
9. **Avaliação do estágio:** Neste tópico são descritas as impressões que esta experiência, em seus específicos locais, proporcionou aos estagiários;
10. **Auto-avaliação:** Onde dissertam sobre as afetações, reflexões e significações suscitadas ao se perceberem imersos, conduzidos e conduzindo esta experiência;

11. Referências Bibliográficas: Utilizadas para suporte teórico, prático e metodológico na produção do relatório;

12. Anexos: Documentações diversas, tais como plano de estágio, plano de atividades, cronogramas, entre outros.

Assim sendo, antes de convidá-las às nossas imersões no cenário analítico das leituras e análises dos dados deste estudo, demonstraremos abaixo um quadro contendo informações gerais acerca de nossos interlocutores e lugares de onde falam, construído a partir dos conteúdos fornecidos pelos seus relatos documentais. Neste quadro, é possível acessar as denominações que proporcionam reconhecimento do que aqui se referencia as identificações dos autores, as áreas em que sinalizaram terem realizado as práticas nas psicologias, os locais onde vivenciaram seus estágios e as abordagens teóricas que direcionaram seus exercícios:

Quadro 01 – Informações gerais dos relatórios.

Autor/a	Área de atuação	Local de atuação	Abordagem Teórica
Estagiária 1	Psicologia Clínica	UNIAPS	Gestalt
Estagiária 2	Psicologia Social	NAPPE	Gestalt e Grupo
Estagiária 3	Psicologia Hospitalar	Hospital da Restauração (HR)	Hospitalar
Estagiário 4	Psicologia Clínica	Serviço de Psicologia Aplicada (SPA)	Psicanálise
Estagiária 5	Psicologia Clínica	CEEQ	Cognitiva Comportamental
Estagiária 6	Psicologia Hospitalar	Hospital Agamenon Magalhães (HAM)	Gestalt e Hospitalar

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

4.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO DISPOSITIVO DE LEITURA DAS INSCRIÇÕES DOCUMENTAIS

Creswell (2007) nos apresenta que a utilização de técnicas para realizar as análises de dados de uma pesquisa corresponde a um tipo de metodologia de interpretação. Infere ainda, que é a partir do manejo e preparação mínima dos dados para introdução do processo de construção da análise que se torna possível a obtenção, ou diríamos produção, de sentidos adotados às imagens e textos de onde se originam (a construção) os dados. Dentre as diferentes estratégias analíticas que satisfatoriamente poderiam nos presentear com

diversificadas lentes para as leituras dos dados de nosso estudo, optamos pela análise de conteúdo como dispositivo inicial deste processo.

A escolha é pautada pela proximidade com os objetivos aqui intentados, o de leitura e produção de sentidos a partir das produções de relatórios acadêmicos, com a proposta de conceituação base produzida por Bardin (2006), quando esta visualiza esse dispositivo como um conjunto de técnicas analíticas para descrição das diferentes formas de comunicações, o qual toma por finalidade revelar potencialidades de significados presentes nos conteúdos transmitidos por estas comunicações, a partir de procedimentos estruturados e sistematicamente entrelaçados aos objetivos iniciais do que se propõe investigar.

Ao propor uma compreensão crítica dos sentidos encontrados nessas comunicações, bem como o apreender das intenções e significados de (re) ações e elementos ocultos e considerados incertos nos discursos; Bardin (2006) explicita ainda que a análise de conteúdo contribui com o enriquecimento e ampliação das reflexões e leituras acerca dos fenômenos e ocorrências estruturais e circundantes a estes, quando objetiva trazer à superfície as potenciais significações, sejam estas manifestas ou latentes, dos dados e seus conteúdos.

Compreendida por Minayo (2001) como um dispositivo que transcende o termo “conjunto de técnicas”; a análise de conteúdo, além de se propor a verificar e relatar o que esta para além do conteúdo manifesto, a mesma, a partir de uma aplicação quase que generalizada às formas de comunicação, promove uma apreciação, e consequente reflexão, acerca dos dados produzidos a partir do comportamento do humano em consonância com a cultura e a sociedade em que este se vê inserido temporalmente. Em outras palavras, consideramos complementares, e não concorrentes, as visões das autoras quando visualizam as relações entre as instâncias macro e micro políticas, culturais e sociais em que as dinâmicas de comunicação ocorrem.

Das contribuições fornecidas pelas inúmeras reflexões que Latour (2000) proporciona ao pensar sobre a prática científica, sobretudo quando se refere à etapa de tratamento fornecido aos dados e seus conteúdos a serem analisados; o autor sugere que o pesquisador não limite seus esforços apenas às investigações dos porquês e modos que certos discursos são emitidos. Mas que se concentre também na dinâmica, e sua expansão, que permeia as redes dos diferentes saberes. O mesmo acredita que esta é a única maneira de se adquirir a compreensão acerca dos movimentos e transformações que transpassam a existência de discursos e de conexões das redes de saberes; tornando, portanto, frágeis e fronteiriças as demarcações do que se diz ser puramente científico e puramente social na contemporaneidade.

No que concerne às considerações do uso da análise de conteúdo para compreensão e discussão de dados presentes em materiais textuais, Flick (2009) nos sinaliza que este tipo de análise tem se mostrado como um dos procedimentos considerados clássicos para o manuseio de produções textuais, uma vez que a origem ou a natureza categórica do material, como exemplos: transcrições, diário de campo, fotos, áudios, documentos gerais, entre outros, não se apresenta como empecilho ou com potencial de inadequação a esse procedimento metodológico; uma vez que considera que todas as formas de documentação têm relevância no processo de pesquisa.

Assim, compartilhamos da ideia desses autores, os quais consideram que o processo analítico tem em sua natureza o requisitar de fases que possam vir a fornecer fecundos campos, nos quais se torna minimamente possível a produção de inferências que resultam nos sentidos atribuídos aos ditos e não ditos de dada comunicação (Minayo, 2001; Creswell, 2007; Flick, 2009). Desta forma, como mencionado anteriormente, tivemos por intenção mergulhar nos conteúdos inscritos e circunscritos das produções textuais de relatórios de conclusão do curso de graduação em psicologia da UFPE e que cursaram a disciplina que contempla estudos de gênero neste mesmo programa.

No que concerne as etapas vividas por nós, no processo de análise dos conteúdos presentes nos supracitados documentos, seguimos o que Bardin (2006) denominou de fases em sua terminologia das etapas técnicas de sua análise. A saber:

1ª Fase ou Pré Análise de dados: Nesta etapa inicial consideramos as condições de produção desses relatórios, ou seja, consiste em uma pré-análise do material coletado. Verificamos se os mesmos estavam nas condições exigidas de integridade e normativa do curso, revalidando-os como tal. Após este momento, se tornou possível realizar a inserção em sua escrita. Nela pudemos melhor conhecer as formas que cada autora e autor manuseiam suas realidades, objeções, objetivos e conclusões das experiências que descrevem. Após conhecer um pouco mais sobre seus estilos de escrita, foi possível construir um quadro analítico que viabilizasse reflexões acerca de categorias desses conteúdos. Esta fase se caracteriza por ter sido construída diariamente, por cerca de vinte dias, desde a consolidação dos conjuntos de categorias que desejamos considerar, ao estabelecimento das justificativas dos não usos de outros que visualizamos, porém, por questões pragmáticas, não os inserimos em nossas contemplações. Considero este momento como de conflitos e de práticas resilientes quanto ao seu fechamento.

2ª Fase ou Tratamento dos resultados: Após a construção de um cenário prévio dos conteúdos e objetivos que visamos trabalhar com estes, vivenciamos a segunda etapa da proposta de Bardin (2006). Conhecida como a fase onde, nos resultados escolhidos, são inferidos apontamentos e interpretações das pesquisadoras. Esses não ocorreram de forma orientada apenas pelos nossos pontos de vistas pessoais, mas certamente em conjunção com os paradigmas e objetivos que trazemos neste estudo; bem como entre enlaces com todo o aporte teórico que lhes conduzem. Mais semanas foram necessárias. Assim sendo, considero este momento como de primeiro vislumbre de formas e gestos conectados, frente ao emaranhado de ideias e conceitos levantados e tocados até então. Apesar de intensa, esta fase proporcionou ainda mais exercícios de abertura de visões e compreensões acerca do que a escrita potencializa em todos nós. Pudemos ainda verificar como nos marcam as primeiras lições de orientações positivistas, enquanto em plurais tentativas se buscava “fazer encontrar ou concordar” dado recorte com dada teoria. Entre frustrações e compaixões, finalizamos esta etapa com a sensação de “algo mais a dizer”. De início amarga, hoje mais aceita por melhor entendermos que estamos sempre a nos fazer e refazer; por melhor entendermos que integrar discursos, ações e subjetividades não é torná-los um todo, completo; mas um todo que existe e por isso, é e precisa ser inacabado em si, por si. Por ter onde fazer e como se refazer.

3ª Fase ou Considerações: Diante das interpretações atribuídas às produções, restou-nos o contentamento com os resultados obtidos. Novamente, deparo-me com o antigo desejo de concluir cartesianamente àquilo que, entrelinhas, me esforço por não julgar ou simplesmente categorizar. Como quem deseja encontrar qual eixo minhas observações se encontram, construo inicialmente uma curva nada compatível com meus objetivos iniciais. Sem dúvidas, a fase de maior exercício em desnudar-se perante aquilo que nos transforma. Conflitos e angústias me tomaram nas releituras da segunda fase. Teria eu seguido as propostas dos paradigmas metodológicos e teóricos ao qual construí toda essa trajetória? Eis que percebo que, ironicamente, está em minha dúvida a fonte de minhas respostas. Realizamos, então, as considerações acerca de todo o empenho e trabalho produzidos. Gratas pela experiência e por todas e todos que nela contribuíram para a produção do que visualizamos hoje; convidamo-los ao mergulho nesta inquietante e transformadora proposta a qual fomos seduzidas a conhecer (nos).

4.6 CONSIDERAÇÕES E IMPLICAÇÕES ÉTICAS

Intentamos aqui cumprir a fundamental tarefa de uma pesquisa, ao refletir sobre as complexas determinações interpostas às dinâmicas das realidades compartilhadas. Nas construções dos parágrafos e tons neles utilizados, pretendemos articular ética e perspectivas dos feminismos, exercitando questionar não apenas o que nossos olhos estavam por ler, mas o que as nossas próprias colocações tinham por dizer. Ainda sobre como nossos olhos enxergam, entendemos a ética, para além de crenças e comportamentos pontuais, mas sim, como um processo de valoração que transpassa a sociabilidade humana, mesmo se considerarmos as contradições postas a esta condição (KEHL, 2002).

Consideramos que a ética em práxis possui conexões com as experiências históricas, particulares e singulares. Desta maneira, acreditamos que seu exercício é, por si, o revelar da elástica capacidade humana em adquirir e expressar valores por meio de suas experiências objetivas e subjetivas, quando inseridos estamos em nossas relações com e no mundo. Quando a expressão desses valores se fundamenta em práticas que recusam a construção ou a tonificação de relações de dominação entre os saberes, Branca Alves e Jaqueline Pitanguí (2007) consideram que estão alinhadas com os princípios éticos feministas. Quanto a estes, as autoras traduzem por serem processos enraizados e nutridos inicialmente no passado, construídos incessantemente em nossos cotidianos e, como todo processo que visa a transformação, contém contradições, avanços, recuos, receios e satisfações.

Não podíamos deixar de pontuar os afetos desenvolvidos durante este exercício de articular princípios e valores de perspectivas feministas, às implicações éticas de uma dada cultura de escrita. Aqui nos referimos às estruturas exigidas à natureza de elaboração da fonte de nossos dados, ou seja, aos relatórios acadêmicos que contenham as experiências e, portanto, os modos de ver e ser em dada realidade, neste caso, no âmbito acadêmico das psicologias. Esses, por sua vez considerados marcadores de dado poder, quando atingem scores estipulados por quem os ditam e regem, conferem a quem os produziu, o título de profissional de psicologia, sendo, pois, parcialmente autorizado à suas ações no mundo desempenhar.

Sobre articular aos princípios coletivos, construídos pela profissão em psicologias, uma perspectiva que visa superar categorizações, normatizações e demais formas de opressão, entendendo essa profissão em seu desenvolvimento histórico, sem dúvidas se mostrou um intenso desafio. Adentrar pelos lugares e espaços políticos que um dia nos vimos inseridas e circunscritas, buscando promover novas formas de olhar para as relações ali descritas, ainda

se mostra latejante em nossos dedos e corações. Identificar e advertir as violentas linhas que rasgam, invadem e traçam as vozes e cotidianos de quem as produzem e também por quem é dissertado por, apresentam-se como ressoantes transformações, provenientes da proposta de estarmos localizadas nestes e para estes lugares (SAFFIOTI, 2004).

Assim, em nosso caminhar, acreditamos que enquanto seres que ocupam os mais variados espaços e status nas relações cotidianas e de poder, buscamos nestas linhas potencializar a solidariedade e o reconhecimento no outro e para o outro. Reconhecendo estas como autoras de uma transformação de si e do mundo, que dissertam sobre os modos como vivenciaram dada experiência. Temos por intenção, através desta pesquisa, contribuir para a elasticidade de nossas formas de visualizar nossas produções, estimulando não o livre e possível julgamento, mas o de advertir para as potencialidades e ecos que estas (re) produzem em nossas vidas, excitando os desejos que, sob elas, eticamente possamos ser vozes de transformação e cuidado.

5 INFERÊNCIAS SOBRE POTENCIAIS DE VOZES E ENSURDECEDORES SILÊNCIOS DO PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O psicólogo é um profissional que lida com os fenômenos psicológicos, tendo por isso um campo de atuação abrangente. No momento atual, a prática psicológica tem se evidenciado, principalmente, nas áreas da Saúde, da Educação e do Trabalho. No entanto, a cada dia, observa-se uma demanda crescente em relação aos serviços desse profissional em outras áreas de atividades humanas, como por exemplo, no âmbito do Esporte, do Direito, do Meio Ambiente e Ecologia Humana. Este profissional, no mercado de trabalho, além de dedicar-se à docência e à pesquisa, pode atuar em setores privados ou públicos, desenvolvendo uma prática voltada para o diagnóstico e acompanhamento psicológico de indivíduos, grupos e instituições. Considerando a abrangência da atuação do psicólogo, as disciplinas do curso têm como objetivo oferecer uma formação básica consistente no que se refere a conhecimentos e práticas imprescindíveis tanto ao exercício da profissão, bem como à construção do conhecimento psicológico. (Site do departamento de psicologia da UFPE, 2013).

Com esta breve, porém esclarecedora introdução acerca das ações e campos profissionais que um psicólogo pode se visualizar atuando, que o programa de graduação em psicologia em bacharelado da UFPE inicia sua apresentação em seu site oficial, bem como os componentes que estruturam suas bases físicas e educacionais. Localizado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), o Departamento de Psicologia oferta 80 vagas anuais para novos discentes no referido curso através do concurso de vestibulares ofertados pela universidade. Metade destas vagas são destinadas a primeira entrada, a qual o curso inicia sua formação no primeiro semestre de cada ano e a segunda, no segundo semestre com a segunda entrada de discentes.

Com carga horária mínima de oito semestres e máxima de dezoito semestres, exigindo assim pouco mais de quatro mil horas de cumprimento de atividades acadêmicas diversas, o departamento promove a formação em turno integral, a depender das disciplinas ofertadas em cada período. Nascido às margens das obscuras águas trazidas pelo período da ditadura militar brasileira, sem esquecermos aqui a já comentada crise dos paradigmas modernos nos anos 60; o departamento de psicologia da UFPE não só resistiu às violentas investidas e forças desses deságues, mas, apesar das variadas formas de opressões e desinvestimentos sofridos, produziu e ampliou significativos frutos aos campos de elaborações e atuações de seus conhecimentos, conforme trecho a seguir:

O Departamento de Psicologia da UFPE teve suas origens na Divisão de Psicologia do Instituto de Ciências do Homem, criada em 1963. Com a Reforma Universitária, em 1970 essa Divisão foi transformada em Departamento do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. De acordo com a sua finalidade básica de promover o ensino, a pesquisa e a extensão o Departamento apresenta o compromisso com a formação de recursos humanos para as universidades e a sociedade em geral e com a

produção do conhecimento psicológico, respeitando o pluralismo de perspectivas teóricas e metodológicas para se adequar à complexidade de seu objeto de investigação. O Departamento é responsável pelo Curso de Graduação em Psicologia, pelo Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), pelas Pós-Graduações em Psicologia e em Psicologia Cognitiva (ambas com modalidade de mestrado e doutorado), e pelos laboratórios e núcleos de pesquisa. (Departamento de psicologia da UFPE, 2013).

Em seu perfil curricular (ver anexos), encontramos componentes que possuem tanto características de obrigatórios, quanto de componentes eletivos ao decurso para aquisição do título de bacharel no mencionado programa. No tocante aos componentes eletivos, gostaríamos de brevemente atentar para a disciplina “PS635 - Gênero e Sexualidade”. Nascida da última proposta de reforma curricular deste programa, ocorrida em 2012, foi e é ministrada há cerca de cinco anos. Contudo, desde sua efetivação, sua oferta não ocorre de forma semestral, tampouco anualmente consecutiva. Para que seja ofertada semestralmente, a disciplina necessita obter dois pré-requisitos: um docente com disponibilidade para ministrá-la e um número mínimo de alunos que se mostraram voluntariamente interessado a cursá-la.

Diante de todos estes dados, ocorreu-nos a primeira preocupação: De todo um perfil de formação profissional curricular, apenas um único deles apresenta, ao menos em formato literal de suas intenções formativas, o nome gênero em sua proposta enquanto componente curricular. Talvez nos considere exigentes afinal, psicologia enquanto ciência possui um vasto mundo a se reconhecer e desbravar. E, apesar da carga horária formativa ser extensa, consideramos que uma média de cinco anos de ensino parece pouco quando pensamos nos infindáveis caminhos e saberes existentes e interconectados a essa.

Neste ponto, entendemos a formação acadêmica como fundamental, porém necessariamente introdutória, a toda prática científica e profissional. Contudo, não podemos deixar de mencionar que, ao visualizarmos categorias como gênero e sexualidade em componentes disciplinares tidos como não obrigatórios a estas formações, sem dúvidas, nos trouxeram questionamentos quanto aos modos como essas são concebidas e, conseqüentemente, quais lugares lhes são conferidos. Apresentamos a seguir breve trecho de Arruda (2000) na tentativa de melhor legendar o que querem expressar nossas impressões e sentimentos:

Contudo, é forçoso reconhecer que a entrada da categoria de gênero na psicologia, embora tenha provocado mudanças de enfoque e de direção da pesquisa, não encontrou ainda uma sistematização como a que se vê em outras partes do mundo, e por vezes parece não ter atingido o protagonismo que alcançou em outras ciências sociais. (ARRUDA, 2000, p. 114).

Não desconsideramos as reais possibilidades de, por exemplo, em disciplinas como “Psicologia e Educação”, “Psicologia e Cultura” ou até mesmo em “Processos de Subjetivação”, docentes se propuserem a contemplar essas categorias em suas teorias, práticas e até mesmo garantir sua apreciação na presença de sua descrição em ementas de ensino. Uma vez que, do total de horas exigidas para conclusão no programa de graduação em psicologia da UFPE, temos três mil cento e oitenta horas ofertadas por disciplinas consideradas obrigatórias e complementares e novecentas horas ofertadas por disciplinas denominadas eletivas, dentre as quais encontra-se a disciplina que possui os conceitos de gênero e sexualidade em seu nome.

O programa também contempla uma formação a partir de eixos de atuação profissionais, tais como atuação em psicologia clínica ou em psicologia social. Desta forma, as disciplinas eletivas, além de serem ofertadas uma vez ao ano, acabam por competir com as disciplinas complementares destes eixos, dependendo, pois, do perfil de escolhas dos eixos de atuação dos alunos de cada ano, para que assim possam ser viabilizadas. Assim sendo, o que aqui intentamos por advertir é o mesmo localizado e justificado nas linhas escritas por Narvaz e Koller (2007), quando se referem às características dos cenários científicos formativos a que são endereçados os estudos de gênero, bem como o de semelhantes reflexos destinado aos campos dos feminismos:

Quaisquer que sejam as matrizes teóricas dos estudos de gênero (ver Colling, 2004; Mariano, 2005; Pereira, 2004), o preconceito e a marginalização imputados aos estudos feministas e de gênero têm sido apontados por diversas pesquisadoras, o que se constitui em importante obstáculo a sua legitimação acadêmica (Adelman, 2003; Bordo, 2001; Costa, 1994). Tal marginalização parece estar associada à relação do surgimento e da institucionalização deste campo de estudos com os movimentos sociais, sobretudo em sua estreita vinculação com os partidos de esquerda e com os movimentos de mulheres. (NARVAZ E KOLLER, 2007, p. 218).

As supracitadas autoras trazem ainda, as consequências conceituais históricas e políticas em que podem nos esclarecer melhor o porquê que muitas instituições de ensino ancoram e localizam, descuidadamente, saberes que promovem as desconstruções de paradigmas modernos, como o caso dos estudos feministas e categorias que trazem em si, constructos analíticos, como o caso de gênero:

A resistência para a incorporação da temática de gênero nos currículos universitários, em especial nos currículos básicos da graduação, ocorre não só no Brasil, mas em quase todos os lugares do mundo (Descarries, 1994). A relativa aceitação dos núcleos de estudos de gênero nos cursos de pós-graduação das universidades evidencia que o gênero é tomado como temática apenas de

especialistas, bem como desvela o conservadorismo do meio acadêmico, que tem dificuldade para atualizar seus currículos. Além disso, os estudos de gênero estão presentes apenas em algumas universidades e em alguns campos do saber, sobretudo na História e nas Ciências Sociais, como se outras ciências pudessem prescindir do gênero. A institucionalização e a transversalização dos estudos de gênero em todas as áreas de conhecimento é uma importante reivindicação das pesquisadoras feministas (Adelman, 2003; Costa e Sardenberg, 1994; Lopes e Piscitelli, 2004; Malheiros, 2003; Maluf, 2004). (NARVAZ E KOLLER, 2007, p. 218).

Deste modo, não deixamos de reconhecer as conquistas apresentadas pelo programa de graduação em psicologia da UFPE; quando em seu perfil curricular oferece uma disciplina que visa contemplar categorias como gênero e sexualidade, diante do ainda atual cenário reportado pelas autoras. Adicionamos ainda o importante fato da oferta da referida disciplina ter sido, até então realizada, por dois significativos pesquisadores das áreas supracitadas, são eles Luís Felipe Rios e Luciana Leila Fontes Vieira. Portanto, não temos por intenção desconhecer as barreiras transpassadas e os desafios alcançados que os envolvidos, neste exercício, tiveram por conquistar. Desejamos, sobretudo, anunciar os contínuos investimentos nos solos das reivindicações feministas, viabilizando meios em que seus frutos possam continuar não só se desenvolvendo, mas habitando suas terras por direito garantidas.

Assim sendo, após esta breve apresentação do programa de graduação em psicologia da UFPE, desejamos conduzi-los caminhos adentro de outras de suas importantes propostas. Como já mencionado, para obtenção do título de bacharel neste programa, faz-se necessária a elaboração de um relatório contendo às experiências práticas e teóricas vivenciadas pela, até então discente. Pouco antes de falarmos sobre este importante documento, gostaríamos de brevemente dissertar de como visualizamos nosso exercício de vê-los sob as lentes que aqui nos propusemos, durante toda a trajetória deste estudo.

Concordamos com Mayorga (2014) quando confere a interpretação produzida em trabalhos com perspectivas feministas nos campos das psicologias, como sendo a construção de múltiplas vozes ao contemplar artigos, leituras e diálogos outros com teóricas que visam estabelecer diálogos entre estes campos. Esta visão adiciona força e coerência ao que, na introdução deste estudo, explicamos por ser nosso uso de ações, emoções e verbos em tempos plurais. Uma vez que consideramos os produtos destas linhas como os esforços e pulsar de vidas escritas e traduzidas por muitos braços, corações e mãos.

As lentes usadas para analisar os dados aqui referenciados, desejaram capturar as situações diversas em que, tanto os discentes quanto seus alvos de escrita, optaram por descrever em suas vivências teórico-práticas. Enquanto que, para nós, se veem inseridos,

conscientes ou não, na potente dinâmica que rege as engrenagens das relações de poder. Vistas como significativas vozes e atos inseridos nestas, tivemos por intenção seus sons e movimentos acessar e em pontos, vírgulas e linhas um outro olhar desvelar. De longe, uma tarefa árdua. Não apenas pelo estridente atravessamento destas experiências e sentidos, mas pelos ecos que em nós ainda propagam.

Com objetivos de identificar e dissertar sobre quais perspectivas gênero está por ser abordado, ou até mesmo ignorado, nas construções dos argumentos apresentados em suas produções, procuramos alinhar-nos com as diretrizes das metodologias feministas quando, ao contemplar desde um silencioso sussurro a um ressoante grito, tentamos não ignorar quem os produziu, a partir do quê, dito por qual instância, localizado onde e sob quais objetivos e referências está inserido. Acreditamos ainda que nossas inferências não esgotam as possibilidades de outras reflexões sobre as mesmas temáticas e elementos relacionados aqui trazidos.

Certas de que nossas interpretações jamais alcançariam a experiência propriamente vivida e descrita; as consideramos como tentativas de acessibilidade, compreensão e atuação em nossas realidades, dos múltiplos campos que aqui pontuamos, através de outras experiências. Experiências essas que também foram nossas, quando em notas e timbres diversos nos propuseram o exercício de intensos deslocamentos aos lugares que um dia já ocupamos. Portanto, não se tratando apenas de um sentimento de empatia ou de profunda identificação com essas vozes, não temos por intenção a elas conferir o estabelecimento de lugares de sentenças. Reiteramos que julgamentos, discriminações ou demais ações punitivas não representam nossas vozes.

5.1 DAS LEITURAS DOS RELATÓRIOS

Apresentado como requisito de avaliação e aprovação na intitulada disciplina obrigatória Estágio Específico 2 no referido programa de graduação em psicologia, a produção intitulada de relatório final foi nossa fonte documental de busca e interpretação dos dados que compõem este estudo. Como anteriormente citado no capítulo de percursos metodológicos traçados, tivemos acesso a seis relatórios desta natureza, a partir dos critérios de suas aprovações; depósito catalogado na coordenação do programa e elaboração por discente que tenha tido a experiência de cursar e concluir a já comentada disciplina eletiva sobre gênero e sexualidade.

Dos seis relatórios, observamos que cinco deles foram elaborados por discentes de nomes femininos e apenas um de nome masculino. Apesar de não nos parecer um problema, tínhamos inicialmente o desejo de acessar quantidades de produções mais equilibradas quanto ao gênero dos autores que as produziram, unicamente pautadas na curiosidade de encontrar visões e discursos variados quanto ao que podíamos acessar em suas interpretações advindas das experiências enquanto estagiários, no tocante ao acesso às vivências daqueles que emitiriam sons e emoções a partir do lugar de categorias culturais compartilhadas consigo e também consideradas opostas, como é o caso do demarcador indicado.

O insucesso em acessar e apresentar o quantitativo e características supracitadas se deu pela ausência de outros relatórios que apresentassem os critérios exigidos e que possuísse em seus inscritos um nome que remetesse ao comumente considerado masculino. Fato este que despertou para diversas interrogações quanto ao que Yamamoto (1998) já discursava acerca da psicologia ser uma ciência produzida por homens, mas profissionalmente exercida por mulheres. Sem dúvidas um questionamento pertinente e até próximo de nossas discussões, contudo, por questões de ordem prática, como prazos e delineamento de pesquisa, optamos por não desconsiderar totalmente este aspecto, entretanto, não nos aprofundaremos neste espaço quanto aos fenômenos que lhes circundam.

Imersas nas apreciações de vozes descritas entre organizações e estruturas textuais, decidimos para além de leituras, escutas disponibilizar acerca de suas experiências, sendo norteadas pelos fictícios e metafóricos títulos que conferimos as duas categorias analíticas, identificadas pelos tópicos “sobre a emissão de vozes e potenciais de evocação” e “sobre o lugar de silêncio e das relações de poder”. Relembramos que nossas intenções, ao construí-las, alocam-se nos desejos de realizar reflexões sob as ações identificadas, selecionadas e descritas como sendo resultados de atos da e pela ciência psicologia, (des) norteados pelos saberes e poderes circundantes às questões ligadas ao gênero. Tendo por suas finalidades a promoção de um olhar e consequente construção de gestos críticos às formas de descuidos que podemos, mesmo que despropositalmente, vir a (re) produzir.

Desta maneira, temos por nossos focos e objetivos os ditos, não ditos e ecos ressoados, quando pensamos nos vetores de emissão destes. Consideramos seus interlocutores como autores em formação, portanto, em construção de seus potenciais e evocação de diligências e saberes. No entanto, não podemos desconsiderar que suas vozes são também nossas vozes, logo, a inferência de reflexões em suas ações representam unicamente os desejos cuidadosos de produzirmos uma constante vigilância sob nossas produções e reproduções enquanto nos anunciamos como profissionais dessa ciência. Assim sendo, as autoras e autor dos relatórios

são identificados, dentro de seus comentados contextos, pelo nome comumente estabelecido ao seu lugar nesta experiência, ou seja, como estagiárias/os.

5.2 SOBRE A EMISSÃO DE VOZES E POTENCIAIS DE EVOCAÇÃO

Neste primeiro momento analítico, tivemos por intenção apresentar trechos de conteúdos presentes nos seis relatórios, em que se puderam identificar potentes entonações e vias de discursos em que foram interpretadas relações igualitárias entre as psicologias, as questões de gênero, os feminismos, as interseccionalidades, as políticas da diferença e demais temas, considerados por nós, pertinentes aos saberes formativos e (re) produzidos pela referida ciência, bem como dos ecos transmitidos pelos perpasses elucidados nos campos de gênero e demais categorias e ferramentas analíticas contempladas.

4.1.1 O uso do gênero textual masculino e feminino e as práticas das psicologias

A Unidade de Apoio Psicossocial (UNIAPS) é vinculada à Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco (SES) e tem como objetivo acolher os servidores e servidoras da SES, sejam **eles/as estatutários/as** ou **terceirizados/as**, que apresentem conflitos nas relações sociais e interpessoais no local de trabalho, ou de ordem pessoal, que esteja dificultando a produção destes/as em seu ofício laboral. Busca, dessa forma, promover uma maior qualidade de vida e de trabalho para servidores e servidoras, prevenindo assim o adoecimento por causas laborais e promovendo saúde e segurança no trabalho. (Estagiária 1, grifos das pesquisadoras).

O estudo de caso a ser discutido no presente relatório trata-se de uma oficina terapêutica, a qual tive a oportunidade de atuar como facilitadora junto à uma das minhas colegas de estágio, no espaço Bem-estar do NAPPE (Núcleo de Apoio Psicossocial de Pernambuco) [...] Planejando a oficina, montei meu projeto com o objetivo de proporcionar **as/aos usuárias/os** da instituição, experiências de cunho corporal e reflexivo que permitissem o processo de autoconhecimento a partir da integração mente-corpo, bem como estimular o despertar do processo de autorregulação como busca consciente e autônoma do bem-estar. (Estagiária 2, grifos das pesquisadoras).

Ao fazerem uso de elementos gramaticais, como os artigos acima destacados, interpretamos os seus empregos com os propósitos e/ou tentativas de demarcar um lugar de reconhecimento de uma rejeição a uma generalização de nossas constituições subjetivas enquanto seres sociais, sobretudo quando reconhecemos a atribuição, em língua, de estatutos que nos consideram unificadas e, como a própria denominação dita, prioritariamente masculinizada. Não nos identificando, pois, enquanto homens, mulheres, queer e demais vias de se conceber e de sermos representados socialmente enquanto sujeitos e subjetividades.

Sobre o emprego do gênero masculino na língua portuguesa, diante de nomes biformes escolhidos em nossas produções para representar o conjunto expresso pelos gêneros

masculino e feminino, Azeredo (2008) nos adverte ao creditar a estas nossas ações escritas, possíveis reforços às desigualdades entre homens, mulheres e demais expressões relacionadas a gênero. As conclusões da autora nos introduzem as reflexões e consequente tentativas de produções em que, diante de nomes com esta natureza, temos com frequência, selecionado expressões masculinas para representar o conjunto expresso do que se considera por conceitos e formas masculinas e femininas.

Desta maneira, apesar das dificuldades em língua que encontramos ao procurarmos mencionar sobre algo ou alguém, não podíamos deixar de notificar os esforços que as supracitadas estagiárias realizaram ao buscar considerar e incluir em suas populações de potenciais investimentos de cuidados, nomes que remetam à pluralidade que somos e possamos vir a ser. Aproveitamos, pois, detalhes como estes, para inferir reflexões que ressoam em todas as nossas formas de vir a elaborar não só produções, mas intervenções outras, sejam elas textuais e/ou orais.

Antes de finalizarmos este específico ponto de relevantes questionamentos, desejamos acrescentar ainda um tom mais denso às inquietações trazidas por Azeredo (2008) quando nos remete que a normatização de nossa língua portuguesa, contempla apenas dois gêneros: o masculino e o feminino. Não existindo, pois, o que poderia ser considerado ou mencionado por um gênero outro ou até mesmo plural, tampouco uma regra que coloque o emprego de masculino como um gênero contemplativo de todos, a ser empregado diante de nomes biformes. Nesse contexto, atentamos e desejamos despertar para as inquietações de: quem ou o quê determinou gramaticalmente que o masculino deve ser imperativo? Como podemos orientar ou ainda adicionar às nossas formações e produções, menções mais igualitárias e contemplativas, tanto ao gênero, quanto as categorias outras?

5.1.1 Relações de poder: igualdade e diferença nas práticas das psicologias

Dando continuidade às nossas leituras e inquietações, outros recortes que consideramos como meios em que se evocaram, em bom som, a luta pelas nossas idiosincrasias e singularidades, foram os apresentados pelas estagiárias 3 e estagiária 6. Ambas tiveram a experiência de estágio em instituições hospitalares e expressaram o quanto relações de poder, tanto em aspectos de natureza infraestrutural, tais como as discrepantes diferenças de tratamento, em termos gerais, entre enfermarias de hospitais públicos e hospitais privados, como as atravessadas pelas dinâmicas de hierarquias relacionais, tais como o

estabelecimento da relação entre a equipe e o paciente; não só podem como se apresentam como formas de generalização, opressão e despersonalização de seres:

A partir das reflexões, a minha prática enquanto estagiária do serviço foi atravessada pelo princípio da promoção da autonomia dos pacientes atendidos, visto que **muitas vezes, os profissionais assumem posturas de poder sobre o corpo do outro, e este, em sua fragilidade, aceita passivamente o que lhe é imposto** (CARNEIROS E BERTI, 2009). Sendo assim, **a construção da autonomia do paciente** hospitalizado, estaria relacionado com a apropriação do seu quadro clínico, prognóstico e todas as questões que envolvem a hospitalização além da capacidade de se autogovernarem, **de fazer escolhas livres de coações e assumir os riscos dessas escolhas**. Além disso, os atendimentos tiveram objetivo de ser um aliviador do sofrimento ocasionado pela hospitalização, com **a promoção de um local para expressão e possível alívio das angústias dos pacientes e o estabelecimento de uma relação de cuidado para com o outro** que muitas vezes só é visto com um olhar exclusivamente voltado para as questões orgânicas numa perspectiva de cura de um corpo adoecido [...] É impossível destacar a instituição hospitalar sem citar **os jogos de poderes que ali se perpetuam e reverberam fortemente na minha insegurança em relação ao meu papel dentro da instituição**, aos medos e as dificuldades em ancorar as intervenções na abordagem teórica escolhida. (Estagiária 3, grifos das pesquisadoras).

O que nos move? O que move todas essas pessoas? Como elas conseguem? Foram perguntas que atravessaram o meu percurso durante o período do estágio. A cada caso atendido, a cada pessoa que se mostrava forte e resiliente e a cada sujeito sem forças para continuar, sem perspectiva de uma melhora, com um futuro incerto, sujeito ao diagnóstico. Ao surgir uma doença ela não rompe apenas com o presente, a rotina e tudo aquilo de convívio familiar. Ela rompe com o futuro, os planos, a organização familiar que tem que se ajustar a rotina hospitalar, **a institucionalização de um espaço compartilhado** com outras pessoas como as enfermeiras, o alimento que tem hora pra ser servido e como sabor nada familiar, procedimentos invasivos, visitar médicas que lhes **despersonaliza e esquecem que cada um ali tem um nome e sobretudo uma história**. (Estagiária 6, grifos das pesquisadoras).

Ao advertirem sobre esta histórica e ordinária prática, a qual não se encontra apenas reproduzidas por equipes de saúde em corredores hospitalares; as estagiárias acabam por defender o que Araújo (2005) traz por uma de suas certezas nas relações entre gênero e poder. Para esta autora, os seres humanos não são iguais, pois não nascem iguais e, como tal, não podem ser tratados como iguais, sejam quais forem as circunstâncias a esses inscritas. Motivada pela desconstrução de oposições como igualdade e diferença propostas por Scott (1986), as autoras irão sugerir que a igualdade não é a eliminação da diferença, sendo tampouco a diferença um obstáculo que impeça relações de igualdade.

Assim, consideramos as reflexões em forma de denúncias emitidas pelas estagiárias, como compartilhamentos das visões e propostas de mudanças sociais semelhantes às propagadas pelos feminismos. Visualizar tais discursos, sendo reforçados por outros, como o do trecho a seguir emitido pela estagiária 5 ao refletir sobre o lugar que ocupamos enquanto

interlocutores das psicologias, apresentam-se para nós como fontes de inspiração e satisfação. Ao concebê-los como atos que gritam e potencializam nossas necessidades em reconhecer o que move nossas atuações, promovem a sustentabilidade no cerne de nossas teorias e práxis do que já expressava Scott (1986) quanto na igualdade residir as diferenças:

Perceber-se enquanto sujeito, acima da profissão que venhamos a assumir **enquanto psicólogos/os, é o enxergar o outro como um sujeito de potencialidades, não resumindo-a/o à sua doença**. Esse vem sendo um dentre tantos **desafios da psicologia enquanto aquela que permeia as ciências da saúde e o campo das ciências humanas**, humanizar nossa formação e nossos espaços de atuação **promovendo o cuidado de forma integral e multifacetada**. (Estagiária 5, grifos das pesquisadoras).

5.1.2 A produção de diálogos entre categorias: Interseccionalidades nas práticas das psicologias

Ainda no que se refere às potências de transformação social em que acreditamos que as intervenções práticas das psicologias possam, com a adoção das visões supracitadas vir a atingir, continuamos com trechos expressos pela estagiária 5, ao relatar suas impressões acerca das aquisições de Leonardo, paciente de nome fictício dado por ela mesma, portador do transtorno do espectro autista (TEA). No início de seus relatos, a estagiária apresenta frustrações ao perceber que suas iniciais tentativas de promover desenvolvimento às habilidades sociais de Leonardo, mesmo que baseadas nas literaturas de referência sobre este transtorno, eram sempre não correspondidas e, portanto, decepcionantes.

Ao (se) permitir situações como sessões menos controladas ou pré-determinadas pelo o que a literatura categoriza por ser e o que fazer nestas circunstâncias, a estagiária relata ter vivenciado respostas mais espontâneas, receptivas e até responsivas por parte de seu paciente, revelando sensivelmente as consequências advindas do ato de estarmos abertos ao outro, em especial quando o concebemos como diferente:

Leonardo não gostava muito de toque, o que pode ser algo comum no autismo devido a disfunção na integração sensorial [...] Um dos pontos que foi uma surpresa nas sessões de Leonardo é que pude observar que ele gostava do toque. Logo nas primeiras sessões surgiu uma brincadeira que ele gostou e era através dessa brincadeira que ele interagia melhor conosco. Após cantar uma música eu fiz cócegas em Leonardo e ele gostou, rindo bastante. Na tentativa de pedir para que fizesse novamente ele colocou a mão na minha cabeça e fiz cócegas de novo, ele colocava a mão na minha cabeça e na do meu supervisor e nós fazíamos o que ele estava pedindo, então meu supervisor adicionou mais uma “regra” na brincadeira, quando nós colocássemos a mão na cabeça dele, ele iria fazer cócegas na gente e Leonardo aderiu ao novo modo se divertindo também. (Estagiária 5).

Diante deste relato de experiência, fomos motivadas a ampliar nossas visões acerca dos atravessamentos em que nossa categoria de análise central, gênero, está perpassada. Apesar das dificuldades, ignorar essas vozes, tão oprimidas e discriminadas enquanto gênero, nos pareceu contraditoriamente descuidado e sem sentido. Sentindo, então, os ecos emanados por seus corpos, traçaremos aqui breves linhas acerca de categorias que reportam a multiplicidade de diferenciações que se articulam ao gênero, permeando todo o social. Para tal, iremos nos ancorar nas produções de Haraway (1991) em que esta concede relevância às análises das diferentes categorias alinhadas a gênero e que também sofrem com as investidas estabelecidas e dominadas pelas relações de poder.

Haraway (1991) nos oferta o criar de categorias alternativas a gênero, raça, classe e tantas outras. Bióloga e historiadora, a autora nos conduz a uma não historização da relação entre as categorias sexo e natureza, quando retrata o caráter de construção social em que gênero é perpassado. Resultando assim, em ideias rígidas e pré-concebidas relacionadas às identidades que permitem, para além de identificar, categorizar mulheres e homens. Desta maneira, ao ser concebida a distinção sexo/gênero, tornou-se, para as relações de poder, inviável a desconstrução de corpos sexualizados, patologizados e racializados, enquanto objetos de conhecimento e espaços de intervenção e dominação de ciências como a biologia.

A autora adiciona ainda reflexões acerca da centralidade concedida à categoria gênero. Contraditoriamente, esta centralidade acaba por ofuscar e subordinar todas as demais, indicadas e defendidas por movimentos políticos da diferença, tais como temos visto com grande intensidade na última década, o movimento de defesa pelos direitos de pessoas com transtorno do espectro autista. Contribuindo para tal movimento e os demais desta natureza, Haraway (1991) propõe trabalharmos com o denominado por ela de aparatos de produção corporal, os quais mobilizam reflexões acerca de categorias como o corpo, a biologia, a patologia, a raça, o sexo e a natureza enquanto produções históricas que atravessam os corpos e suas subjetividades.

Ao propor a emergência sobre o pensar destes corpos, nossos corpos, marcados por diferenças, extraíndo de nossas leituras a perspectiva daquilo tomado por natural e, portanto, por advir da natureza, ser considerado um recurso para a cultura e normatização, tais como as categorias inicialmente concebidas como fundantes e determinantes, como sexo e gênero. A autora contribuiu, não apenas para movimentos políticos durante a década de 1990, acerca da incessante busca por categorias analíticas alternativas, também conhecidas por categorias de

articulação ou interseccionalidades³. O que para nós se apresenta como de imensurável valor no tocante aos debates sobre as interseccionalidades, está no centro de suas propostas em perceber e promover a coexistência entre as diversas abordagens acerca do humano, sejam elas consideradas científicas ou não.

Ao adotar diferentes perspectivas, as quais compartilham de conceitos com intenções de articulações entre o que há de diferente e nas diferenças, produz outras formas de visualizar e compreender funções atribuídas aos referidos conceitos e suas conexões com o uso de dispositivos nas relações de poder. Leituras como os estudos de Piscitelli (2008) muito contribuíram ao adicionar que os questionamentos trazidos pelas discussões no campo das interseccionalidades também enfocam as diferenças de termos denominados de agência (agency) concedida aos sujeitos, isto é, as possibilidades no que se refere à capacidade destes em agir, mediados pelas normas e imposições culturais e sociais.

Assim sendo, apesar de não utilizar propriamente o conceito de interseccionalidades, a estagiária 5 nos apresenta a seus preciosos relatos quanto aos seus esforços e cuidados investidos em seus pacientes, tão marginalizados pela sociedade em prol da diferença biológica e/ou comportamental que apresentam. Apesar de, neste caso, não serem inferidas diretamente analogias quanto às questões referentes a gênero, não podíamos omitir os canais de importantes advertências emitidas por esta aguda voz, quanto ao expandir de nossos olhares, especialmente os considerados psicologizantes, para as categorias outras que o atravessam.

Em trecho a seguir, acrescenta pertinentes considerações às supracitadas e potenciais transformações nas formas de compreender e dissertar sobre os sujeitos para as psicologias, quando ofertamos aos estudos de interseccionalidades e políticas das diferenças, seus devidos lugares em nossas construções e propagações de saberes, considerando principalmente os espaços de nossas formações enquanto vetores das psicologias. A estagiária 5 esclarece ainda mais a necessidade desta adição transcender as ações de ofertas de diálogos em disciplinas teóricas entre interseccionalidades e psicologias, advertindo a imprescindibilidade de contemplarmos demais campos e saberes como os da educação e áreas outras da saúde, ampliando nossas visões e práticas integrais sobre atenção e cuidados (básicos) ao humano:

Estagiar no CEEQ me proporcionou uma mudança de perspectiva bem grande e o interessante é que quando **fui atrás de outras teorias para a produção desse relatório**, de fato trouxe um embasamento do que experienciei na prática [...] Estagiar no CEEQ **me proporcionou aprendizagem de muitas questões que não**

³ Ver Capítulo 2.

são trabalhadas no curso de psicologia da UFPE, como a terapia com animais, terapia com crianças, terapia com deficientes e entre outras. **O estágio me proporcionou também um trabalho em contexto diferente do que geralmente se encontra em psicologia, percebi que a psicologia pode ser mais abrangente do que pensava.** Além disso, foi muito rico para mim o fato de poder trabalhar em equipe com diferentes áreas de saúde. **Seria mais interessante também se tivesse profissionais da educação atuando em conjunto** (Estagiária 5, grifos das pesquisadoras).

5.1.3 Reconhecendo e expandindo limites: sobre os usos das psicologias

Ainda sobre vozes que acrescentam valorosos timbres aos acordes destas reflexões, vistas por nós como formas de advertências e melhorias de nossas constituições e reproduções de saberes na ciência psicologia, temos a apresentada pelo estagiário 4 que, em trecho que destaca importantes tomadas de reconhecimentos dos lugares que ocupa na sociedade, sobretudo os de propagador desses saberes e práticas das psicologias, notifica o que Haraway (1995) já considerava por importante prática de localizarmos nossos lugares de privilégios, bem como o de adotarmos uma consciência de desenvolvermos e propagarmos perspectivas parciais, portanto éticas e responsáveis, acerca de qualquer dado ou conceito que tomarmos por e para conhecer:

Os limites da psicologia foram muitos diante de situações tão complexas, mas a certeza de que ao acolher a dor do outro ela pode ser atenuada mesmo que minimamente foi o que muitas vezes deu sentido para a minha prática durante esse período de estágio. **E a partir destas relações dialógicas também aprendi muito, me deparei com meus privilégios e questionei o meu papel dentro daquele campo.** (Estagiário 4, grifos das pesquisadoras).

Representando as poderosas notas que clamam pela devida atenção e compreensão de nossos saberes, desenvolvidos pela e na academia, o trecho da estagiária 6 promove, a já conhecida e ratificada conotação empregada pelas perspectivas pós-estruturalistas, de potencializarmos os alcances de nossas produções, tornando-nos vigilantemente atentos a quem de fato as estamos endereçando.

É vital destacar como o serviço faz uma ligação entre **a universidade e a comunidade local**, pois **a função da universidade também inclui servir as pessoas**, mas muitas vezes o conhecimento fica preso dentro dela mesma. Como um serviço que executa um dos pilares da universidade, a saber, **a extensão**, foi possível **utilizar o conhecimento para trazer atendimento de qualidade para as pessoas** (Estagiária 6, grifos das pesquisadoras).

Com esta potente vocalização, temos muito bem representada o que Piscitelli (2008) simboliza como a histórica e incessante busca dos feminismos, por ferramentas analíticas que

visam compreender e fornecer visões acerca das diversificadas distribuições das relações de poder que situam, não só categorias como gênero, mas ciências que o atravessam como um todo, como a psicologia. Aos quais, ao possuírem atribuídas às suas propostas de ações e localizações no mundo, posições de desigualdades e subalternidades, possam com bases nessas ferramentas e nas potências dos alcances de seus conhecimentos, reconhecer as forças de suas dimensões, modificando assim tais posições e o ressoar de seus emergentes ecos, tão presentes e estridentes nos trechos que neste tópico pudemos atravessar e sermos atravessados por.

5.2 SOBRE O LUGAR DE SILÊNCIO E DAS RELAÇÕES DE PODER

Neste segundo momento analítico, advertidas pelos trechos dos mesmos interlocutores do tópico anterior, tivemos por intenção neste espaço notificar, sobretudo, nosso insustentável e ensurdecido mutismo frente aos impactos na nossa formação e consequentes conduções frente as, tão nossas, realidades. Sob nossos modos de formação e condução, foi possível identificar afonias, rouquidões e emudecimentos frente às questões de gênero, atravessadas pelos discursos de intervenções das psicologias. Destacamos ainda, que os silêncios aqui interpretados são visualizados, não apenas como ausências de sons que contemplem estas categorias. Mas o de sibilantes (re) produções de saberes, ancorados em sinfonias e acordes que frequentemente se apresentam indiferentes a existência e impactos nessas categorias, mas não em suas intencionalidades e nos ecos que ressoam do alcance de suas forças.

5.2.1 Relações de poder e interseccionalidades nos campos psi

No trecho a seguir, de escrita elaborada pelo estagiário 4 quanto à apresentação e elementos de percepções que obteve da dinâmica emocional da paciente escolhida para ser seu estudo de caso no relatório, fomos inquietadas pelo modo como relata o fato dessa estar cursando um curso de doutorado, bem como pelas suas impressões acerca de como a paciente considera este seu presente status acadêmico em sua vida:

O caso escolhido para ser apresentado foi o de C.P.N. A cliente possui **27 anos, do sexo feminino e atualmente está cursando doutorado**. O período de atendimento foi de outubro de 2016 até julho de 2017. A cliente foi repassada de outro estagiário. (Estagiário 4, grifos das pesquisadoras).

Há também os **questionamentos sobre ela em sua própria vida**, pois ela traz **como se fosse uma coadjuvante em sua própria vida**, é sempre o desejo do outro, ela sempre **fazia as coisas para conseguir reconhecimento**, e **ela nunca aparecia em seu discurso**. Ao questionar o que ela gostaria de fazer, por muitas sessões sempre respondia não sei, o que acontecia muito nas sessões [...] Outras intervenções

trabalhadas foram relacionadas a forma que ela enxergava as outras pessoas, pois parecia que para ela o outro era sempre melhor, eram sempre idealizadas, enquanto que ela nunca era vista, **apesar que estava fazendo doutorado e não ver isso como algo importante.** (Estagiário 4, grifos das pesquisadoras).

Não há regras que estabeleçam o modo como devem ser descritos os pacientes nos estudos de caso nos referidos relatórios aqui analisados. Entretanto, é comum utilizarmos dados considerados relevantes ao conhecimento da pessoa a quem estamos endereçando intervenções de cuidados. Chamou-nos a atenção por este ser o único dos relatórios que apresentou, em linhas gerais, a categoria sexo, não só para a apresentação de sua paciente, mas nos modos como a visualizou e conduziu suas intervenções. Autoras como Collin (1992) consideram que a demarcação das diferenças sexuais não só emergem em nossas escritas como uma questão teórica, mas como uma questão interligada as nossas práxis.

Diz ainda que a diferença sexual surge mediante experiência dialógica, onde ocorrem tensionamentos entre uma mulher e um homem, entre mulheres e homens, entre sujeitos demarcados pelo que se estabelece socialmente por mulher ou homem e a condição de gênero que cada um carrega, seja no espaço público, no social ou no privado. Para esta autora, ao fazermos o uso de discursos que reiteram as diferenças, tais como macho/fêmea, acabamos por nos inserir em um jogo de ciladas. Uma vez que, ao nos atermos aos determinantes entre feminino/masculino, acabamos por ocultar as diferenças expressas e vividas entre os seres com relação aos seus comportamentos, desejos, subjetividades, sexualidades, identificações de gênero e experiências outras que carregam em sua história enquanto sujeitos.

Ao reiterar as diversidades compreendidas entre identidades, sejam de homens ou mulheres e identidades outras como a de intersex e de trans, Collin (1992) propõe um superar das classificações e nomeações biformes, extinguindo assim as vias de silenciamentos das nossas diferenças, tão presentes quando há as reiterações no uso dessas categorias consideradas opressoramente reducionistas. Para a autora, precisamos insistir continuamente nas diferenças, considerando-as como condições das identidades individuais e coletivas, assemelhando-se, pois, a proposta desconstrucionista de Scott (1986) em que a diferença instituída por categorias binárias como macho/fêmea, homem/mulher, daria lugar às diferenças múltiplas, possibilitando assim vias para a não repetição de armadilhas relacionadas às disjunções de igualdade e de diferença.

Deste modo, consideramos que a inserção de reflexões como as supracitadas não só contribuem para um diálogo mais fluido e contínuo entre percepções e descrições de igualdades e diferenças, sem que a estas possamos submeter silêncios ou negações de suas

particularidades. Mas, sobretudo, contribuem para o desenvolvimento de percepções e consequentes ações que ressoam cuidados e respeito às pluralidades quando a elas e sobre elas, inserimos discursos. Aqui, chamamos a atenção para o segundo e reiterante trecho apresentado pelo estagiário 4, quando este disserta que a paciente não parece reconhecer os devidos valores de ser uma doutoranda.

Para Oliveira (1993) são justamente os valores que se apresentam como os fundamentos das diferenças. Homens, mulheres e trans, são diferentes entre si porque encontramos na dinâmica de nossas existências a pluralidade em que reside a forma como concebemos valores, tais como o modo como direcionamos atenção e cuidado ao outro, como visualizamos os afetos e intimidades em nossas relações, às ênfases que atribuímos aos relacionamentos interpessoais e materiais, entre outros. Para esta autora, correlaciona-se determinantemente à identidade feminina características como a intuição, a sensibilidade e a empatia para com a interação com o meio e seres.

Adverte-nos a autora, no entanto, que determinações como estas provocam terríficos sentimentos que podem ser experienciados quando se veem inseridas em espaços de confronto com seus modos de ser e com as exigências de sucesso submetidas e marcadas por ações de descuidos, agressividades e objetividades, como a que interpretamos no referido trecho. Não desconsideramos, apesar disso, os possíveis desejos do estagiário em apresentar a sua paciente os méritos por seus esforços em ingressar e cursar um programa de doutorado. Contudo, como nos apresenta Figueiredo (2000), se mostra indispensável nos campos de atuação das psicologias, a abertura para o outro e o que este outro carrega e apresenta de si, mesmo que estes seus pertences sejam muito diferentes daquilo que acreditamos ou desejamos por ouvir.

Portella e Gouveia (1999) nos introduzem aos espaços dialógicos existentes entre as categorias gênero, classe e escolarização, tal qual se apresentam no comentado trecho acima. As autoras acrescentam ainda que as exigências presentes no cenário de atuações profissionais com relação ao status de escolarização acabam por incitar o aumento de buscas por especializações, sendo estas realizadas em grande número por mulheres. Contudo, apesar deste crescente indício, não é possível ver resultados semelhantes quanto um maior empoderamento, tampouco uma maior autoestima e valorizações nos âmbitos pessoais e profissionais no que concernem estas mulheres.

As autoras atribuem a este cenário uma ausência de articulações que contemplem as dinâmicas produzidas pelas interfaces das categorias escolaridade, classe e gênero. Alertando ainda, para as necessidades de urgentes visualizações no tocante as inferências das relações de

poder sob os campos de interseccionalidades; possibilitando assim uma compreensão da complexa rede de desigualdades que se produzem subjetivamente, quando emitimos associações entre significados como os de sexo feminino e doutorado, como descrito no nosso exemplo.

5.2.2 Sobre gênero, psicologias e espaços de cuidados

Ancoradas nas ideias de Figueiredo (2000), concordamos com este autor quando reiteradamente nos notifica, enquanto vetores das psicologias, da necessidade de sermos um espaço de cuidado em que este último seja sentido e norteado por quem o recebe e não unicamente regido e direcionado por quem o emana. Em trecho a seguir, apresentam destaques que muito nos preocupam quanto à (re) produção de espaços em que tentativas de cuidados acabam por se apresentar desnorteadamente inférteis, produzindo apenas um tipo de muda e esta, termina por frequentemente procurar outros solos na busca de poder flores-cer:

Em uma das sessões finais comentou que “estava em um dos melhores momentos de sua vida, **apesar de estar em terapia**” (sic). Durante o período de nove meses foram trabalhadas as questões das idealizações, do lugar que a cliente ocupava em sua família e a reorganização de seu eu. A cliente obteve grandes avanços e pode sair da repetição, percebendo a sua dinâmica familiar, e encontrando a sua própria voz. Assim, **está caminhando para encontrar o lugar de sujeito**, com seus próprios desejos, e deixando em segundo plano aqueles “outros” que eram tão centrais nela. **A cliente após estas melhoras não retornou mais ao serviço, antes de ser avisado que a ela seria dada alta.** (Estagiário 4, grifos das pesquisadoras).

Já nos dizia Gergen (2009) que a ciência psicológica, tal qual a conhecemos na atualidade, se mostra como produto daquilo que usualmente convencionou chamar de modernidade. Neves e Nogueira (2005) nos ajudam a refletir ainda mais sobre esta afirmação quando nos convidam a percebermos que a grande maioria das estruturas curriculares acadêmicas dos cursos de graduação em psicologia, continuam privilegiando fundamentos e diretrizes dos saberes e ações consideradas positivistas, já discutidas em capítulos anteriores deste estudo. O que queremos com isto revisitar, encontra-se nas leituras que inferimos nos trechos que apresentaremos a seguir, descritos pela estagiária 1 em relação a sua paciente denominada por ela de Flor.

Algumas vezes Flor mencionou não enxergar nenhuma saída para seu problema. Isto pode indicar uma **disfunção em seu mecanismo do aqui e agora**, caracterizada por uma fixação do futuro que a impossibilitava de enxergar as possibilidades do presente (COSTA, 2013). Tentei mostrá-la que poderiam existir novas formas de viver sem sua visão, afinal, muitos deficientes visuais conseguem viver e possuir certa autonomia. Quando Flor, chorosa, relatou sua dor de imaginar que nunca mais

iria poder ler um livro, algo que é uma de suas maiores paixões, sugeri que ela aprendesse braile, porém, **ela ignorou a sugestão, pois ainda não estava preparada para enxergar suas diferentes possibilidades de ajustamento criativo** (CARDELLA, 2013). Portanto, ainda incapaz de encontrar uma maneira criativa de ajustar-se à sua nova condição e satisfazer suas necessidades, **ela continuou indo por algumas semanas para nossos encontros, apenas para sentir que seus sentimentos estavam sendo compreendidos.** (Estagiária 1, grifos das pesquisadoras).

Ela dizia acreditar que no momento em que perdesse a visão sua vida iria acabar, **pois, ela se tornaria dependente dos outros.** Era possível, então, perceber que ela **não estava sendo capaz de se autorregular organismicamente** (LIMA, 2013), e **acreditava que seria necessária a ajuda de terceiros para saciar suas necessidades básicas.** (Estagiária 1, grifos das pesquisadoras).

O que encontramos nestes dois trechos, e em seus destaques por nós realizados, é a frequente prática de submeter pelas grossas lentes de teorias e conceitos as pessoas, emoções, comportamentos e situações. Compreendemos que, como todo início de prática, utilizamos nossos saberes teóricos como principais guias nesta trajetória. Não é o uso de teorias que estamos a advertir, mas o modo indiscriminado que fazemos delas (GARCIA-ROZA, 1977). Por indiscriminado podemos muitos sentidos inferir. Aqui, escolhemos aqueles que nos fazem enxergar para além de modos cegos de ver, modos surdos de ouvir. Ações que, ao buscar o reconhecer do lugar do outro e o reconhecimento (do lugar em psicologias) de si, acabam por (re) produzir dispersões de vozes diante de desatentos ouvintes.

Para Neves e Nogueira (2005) os motivos que fundamentam estas ações, podem ser atribuídos às formas como os saberes e teorias nos são ensinadas, a partir de reforços de dogmatismos e de linearidades, comumente considerados como norteadores de verdades a serem conduzidas e, conseqüentemente, a se enquadrar. Como quando vimos no primeiro trecho acima, a estagiária 1 informar que suas intervenções foram ignoradas devido ao que considerou se assemelhar por uma não maturação emocional da paciente em enxergar as diferentes possibilidades de ações ou estados advindos de conceitos, como o de ajustamento criativo.

Nestas inferências, sentimos muito a ausência de leituras outras e patamares, semelhantes aos designados a reação considerada imatura da paciente, para reações de possível e intensa frustração, medos e dores outras, vivenciadas devido à situação descrita em que está inserida. Logo, restou-nos a dúvida: Estas não seriam representações de expressões das etapas do processo de ajustamento criativo? Dando-nos, pois, a entender que emoções como as de recusa, tristeza ou frustração pelas ofertas de investimentos dados pela estagiária, enquanto terapeuta, são sinais de desajustamentos ou ainda, de incapacidade de estar inserida no que se considera por ideal de ser e de se expressar.

Sobre o que se espera de alguém ou de suas reações, baseados nas inferidas leituras de gênero sob estes corpos, Butler (2010) nos adverte que a concepção desta categoria deve ser entendida de modo a problematizá-la. Não devem, pois, serem ignorados os subsídios, como os de performatividades da linguagem, que ecoam as consideradas questões políticas e normativas dos saberes e lugares que lhes atribuem imposições de expressões, resultando assim, no que veremos nos trechos a seguir, em conhecimentos que acabam por moldar e normalizar as relações de poder existente entre gênero e o social.

Figueiredo (1994) acrescenta ainda que estamos despercebidamente estimulando em nossas formações, tentativas de vermos nossos objetivos de intervenções de cuidado, exclusivamente subordinado ao que rege e propaga esses conhecimentos. Este modelo de ensino, por sua vez, acaba por produzir aflições em seus futuros vetores, aqui representado por cada estagiário e seus receios de não lhes serem conferidos o reconhecimento enquanto portadores de saberes das psicologias. Ao serem repassados de formas fragmentadas, tornam-se interlocutores de visões e escutas restritas aos conteúdos que lhes foram apresentados, diante as diferenças, como aqui temos contemplado acerca dos tensionamentos entre os saberes produzidos pelas psicologias e as categorias que as atravessam, como as produzidas pelo campo de gênero.

Sobre estar diante das diferenças, Butler (2010) nos apresenta um conceito de gênero baseado em performatividades e intencionalidades, sendo a leitura destas conferidas a partir das lentes fenomenológicas em que a estrutura do saber em que se ancora o discurso emitido, por sua vez, possui intencionalidades políticas e normativas sob esses corpos e suas expressões. Desta forma, a autora informa que, apesar dessas inferências, há inúmeras possibilidades do ser em não se situar diante do que se espera por uma representação de expressões interligadas ao gênero que lhes é conferido. Ocasionalmente, assim, um reforço nas ações de governabilidade e normatização destes saberes sob estes corpos.

Adicionamos ainda a essas rebuliçosas provocações, trechos produzidos pela estagiária 6 e que dissertam sobre os meios e usos que conferimos às ferramentas teóricas e pelas quais construímos nossos discursos de cuidados, muitas vezes contraditórios em si, e o que deles e neles nos propomos a conferir os sentidos para cuidado:

A estratégia que adotei foi a de acolher o sofrimento e **deixar que ela guiasse o processo, até que eu sentisse que ela estava aberta o suficiente para receber minhas intervenções.** (Estagiária 6, grifos das pesquisadoras).

Um sobrinho dela que vive em João Pessoa estava de férias e veio passar algumas semanas em Recife para auxiliá-la no que necessitasse. Ela então tinha companhia

para ir aos médicos e buscar seus medicamentos. Com o auxílio do sobrinho ela retornou ao acompanhamento psiquiátrico – que havia interrompido meses atrás e apresentava recusas em retomar. Sua sobrinha que mora com ela passou a controlar sua medicação psiquiátrica, por medo de ela tomar todos de uma vez. Dessa forma **se destaca a importância do heterossuporte para o indivíduo** (ANDRADE, 2013). (Estagiária 6, grifos das pesquisadoras).

Por resultados destes conflitos, o autor considera desde intervenções com timbres desgovernados e atropelados, baseadas nos anseios de convergência entre os saberes destes campos, que acabam por não ouvir, ver e sentir minimamente esses outros saberes e experiências, tão emudecidos pelos modos que nos dispomos a vê-los, porém, suas sonoridades ainda se fazem alta, presentes e insistentes em suas escolhas interventivas. Uma leitura de nossos dados que, para nós, representou bem o que Figueiredo (1994) intentou por alertar quando disse que, ao enveredarmos por estes caminhos, corremos os sérios riscos das produções do dogmatismo e ecletismos, descritos pela estagiária 6.

Encontramos na obra do supracitado autor, os relatos de experiências de construção e ações de intervenções com um grupo de pessoas, dificuldades em acessar conteúdos relacionados às questões de gênero e demais categorias devido à presença de excessos de descrições e apresentações de teorias. Na verdade, não encontramos outros ecos senão os produzidos e apresentados nos trechos dos estagiários supracitados; uma vez que envolvidos em suas intervenções e reflexões, incluindo pontos destinados a ela própria, não chegam sequer a serem nomeados ou de outra maneira serem apresentados. Altos foram os ruídos que suscitaram nossos questionamentos diante desta leitura, afinal, como continuamos a produzir resultados muitas vezes afônicos a partir de estrondosos sons emitidos por aqueles a quem nos recorre por outros timbres e vibrações.

5.2.3 Tensionamentos entre gênero, performatividades e relações de poder

Os silêncios presentes nestas linhas foram o que produziram em nós os incômodos gritos frente à insustentabilidade na continuidade de nossos modos de nos reportarmos a e sobre pessoas e suas experiências. O trecho a seguir, emitido pela estagiária 6, nos remete as considerações que devemos com urgência inferir acerca destes nossos modos de ver e intervir nas existências, frequentemente baseados nos lugares e conceituações em que a estas reduzimos e conferimos categorias, como gênero e idade:

Ela apresentou também **o desejo de comprar uma casa para sair da casa do filho e morar sozinha**. Verbalizou antes não ter coragem de realizar este desejo por pensar que sua deficiência visual a incapacitaria de viver sozinha, mas naquele

momento ela sentia-se bem e capaz de tal feito. **No entanto, refleti com ela sobre outros riscos** que o morar só poderiam trazer, não relacionados à sua doença, mas sim ao **isolamento, que a poderia regredir o processo terapêutico que ela apresentou nos últimos meses. Ela verbalizava pensar em soluções para esta questão, tais como contratar uma empregada que a faria companhia para não se sentir só.** (Estagiária 6, grifos das pesquisadoras).

Apesar de visualizarmos tentativas com propósitos de cuidados para com sua paciente, observamos o que consideramos, pois, por violências discursivas emitidas pela estagiária 6. Ao realizar, sob o desejo expresso por sua paciente de comprar uma casa, ações de emudecidas, como o de desestimulá-la diante de ameaças de regressões ou possível isolamento social; a estagiária acaba por anunciar intervenções que se fundamentam em questões da ordem do macro e do micro estruturais acerca do que se produz subjetivamente enquanto mulher e idosa, em nossa sociedade.

Sobre essas estruturas, Butler (2010) afirma que produzem uma visão de performatividade do gênero em que há adequação às normas regulatórias fundadas por elas. Reproduzindo, assim, práticas discursivas que orientam e regulam os seres a partir do gênero e categorias outras em que se veem inseridos e vigiados seus desejos e expressões. De acordo com Dunker (2006), ao possuírem uma espécie ideal regulatório, saberes como os das psicologias acabam por produzir expectativas conceituadas sob as adequações destes corpos frente a normatividade sustentada em seus discursos. Contudo, ao conceber os seres e seus corpos como vias pulsionais, concorda com a supracitada autora ao afirmar que estes não aceitam por completo as normatizações que lhes são impostas. Como o visto nas tentativas da paciente, frente ao discursos resistente de sua terapeuta, em encontrar vias, como o de contratar uma funcionária, de satisfazer seu desejo de numa nova casa ir morar.

Não sabemos, pois, melhor descrever sobre as inquietudes produzidas nos atos de imaginar a magnitude em que os ecos das vozes, em trechos a seguir, puderam em suas emissões conferir a esses aos quais estavam endereçadas:

Após a melhora de humor apresentada no momento anterior, Flor começou a ficar bastante nervosa e raivosa. **Apresentou uma mudança de postura, atitude e posicionamento frente a seus problemas, tornando-se menos passiva, no sentido de parar de esperar que as coisas “caiam do céu” e decidindo buscar, lutar, defender-se.** No entanto, **essa nova postura ativa era também bastante agressiva** [...] Flor extravasou todo o seu sentimento de raiva na terapia e então voltou sua ira contra mim, lançando-me olhares furiosos e elevando o tom de voz nas sessões. (Estagiária 1, grifos das pesquisadoras).

Este caso foi muito mobilizador para mim [...] nada do que fosse dito que conseguisse se aproximar de um alívio. Apenas estar ali já era alívio de alguma forma. Foi quando eu comecei a olhar para aquele **homem, através da força que ele tinha por estar ali, mesmo sentindo muitas dores, não deixava sua família**

vê-lo triste ou com medo [...] A esperança que ele bravamente nutria por uma recuperação ou melhora, quando os médicos diziam que não tinha cura para sua coluna, mostravam sua verdadeira força. (Estagiária 3, grifos das pesquisadoras).

Diante das interpretações e resultantes sensações conferidas aos referidos trechos, buscamos em Saffioti (2001) as possibilidades em que as perspectivas feministas, no tocante aos estudos de violência de gênero, nos oferecem ao realizarmos uma leitura mais ampla e atenta acerca dos conceitos e mecanismos que operam sob as emitidas entonações:

Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. Com efeito, a ideologia de gênero é insuficiente para garantir a obediência das vítimas potenciais aos ditames do patriarca, tendo esta necessidade de fazer uso da violência. (SAFFIOTI, 2001, p. 113).

Neste sentido, desejamos aqui advertir os resultados em que a sobreposição de dominações que podem adotar os saberes, como os das psicologias, ao inferir descon siderações em formatos de silêncios ou, como nos trechos apresentados anteriormente, ações de silenciamentos que se fundamentam nos predominantes e ainda atuais olhares sociais, acerca das perspectivas de gênero. O que estas últimas apontam, segundo a autora, são as dificuldades em articular-se com demais campos de estudos devido às substanciais resistências às mudanças, nos modos de vê-las e compreendê-las, face ao profundo estabelecimento de vieses culturais enraizados em sociedades patriarcais.

Os resultados desta predominante visão impositiva se apresentam nos estereótipos e movimentos coercitivos, tanto ao modo como devem se apresentar os comportamentos sociais, quanto às reações emocionais, alinhadas as posturas e expectativas ligadas ao gênero. Neste sentido, compartilhamos das colocações de Saffioti (2001) ao conceber que a própria dominação dos modos de ser e de reproduzir subjetividades, constitui por si só, atos de violências, estas consideradas simbólicas quando ocorridas em espaços semelhantes ao que se propõem as psicologias:

A violência simbólica institui-se por meio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominador (logo, à dominação), uma vez que ele não dispõe para pensá-lo ou pensar a si próprio, ou melhor, para pensar sua relação com ele, senão de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo

senão a forma incorporada da relação de dominação, mostram esta relação como natural; ou, em outros termos, que os esquemas que ele mobiliza para se perceber e se avaliar ou para perceber e avaliar o dominador são o produto da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é o produto. (SAFFIOTI, 2001, p. 118).

Autores como Dunker (2014), Figueiredo (2000), Garcia Roza (1977), por anos ecoam os alertas para as produções e reiteraões de lugares que temos conferido aos seres enquanto objetos nossos de atenção, criação de modos e saberes sobre, bem como os cuidados e intencionalidades investidas nestes para estes. Os autores, em seus mais variados estudos, consideram que por décadas, temos construídos saberes ancorados no que Saffioti (2001) denominou por violência simbólica; ao expressarem como nossas ações na ciência psicologia podem ser responsáveis por ecos de sofrimentos que impregnam os corpos e subjetividades daqueles em que despercebidamente não ouvimos, ou relutamos em ouvir, os gritos marcados pelas categorias sociais, como o gênero, a classe, a religião e a raça, em que são subalternizados.

Acerca destas emissões, Dunker (2014) nos informa que para Butler, as demarcações bifformes em que são entendidas categorias como o sexo e o gênero, acabam por produzir também diferenças materiais e subjetivas, nos modos como visualizamos e concebemos homens e mulheres, bem como o que se espera de seus comportamentos. A autora acredita que esta diferença é reforçada a partir de práticas discursivas, que por sua vez se tornam normativas a estas categorias. Desta maneira, o uso de gênero seria também utilizado como prática regulatória que não só governa os corpos, mas os formam, demarcam, diferenciam e os controlam. Em suas palavras, seria “um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladoras” (BUTLER, 2010).

Alertamos, com isso, os movimentos que realizamos, em nome e no lugar das psicologias e que são considerados como reforços de esquemas cognitivos e emocionais de comportamentos, tais como o imputado nos trechos da estagiária 1 em sua leitura quanto à passividade feminina, tão largamente empregada, não possibilitando, pois, espaços bem aceitos para movimentos considerados, por ela mesma como ativos, sem que a estes sejam correlacionadas conotações de impetuosidade e agressividade. Assim como vimos, em contraponto, no trecho da estagiária 3 ao designar a categoria homem reações e comportamentos de força, não mostrando, pois, fragilidades as pessoas. Desta forma, emitimos discursos que, segundo Butler (2010) se apresentam como reforçadores de normas sob as posições de gênero, levando às ações de desigualdades, geradoras de sofrimentos.

Gostaríamos ainda de adicionar, no entanto, ao que concerne às interpretações conferidas ao trecho emitido pela estagiária 3, em que exemplifica o que Saffioti (2001) não nos permite por deixar de advertir:

Cabe chamar a atenção para o fato de que esta violência de gênero praticada diretamente pelo patriarca ou por seus prepostos pode recair sobre outro homem. Nada impede também que uma mulher perpetre este tipo de violência contra um homem ou contra outra mulher. A ordem das bicadas na sociedade humana é muito complexa, uma vez que resulta de três hierarquias/ contradições – de gênero, de etnia e de classe. O importante a reter consiste no fato de o patriarca, exatamente por ser todo poderoso, contar com numerosos asseclas para a implementação e a defesa diuturna da ordem de gênero garantidora de seus privilégios. (SAFFIOTI, 2001, p. 117).

Desta maneira, ao atribuir aos esforços de seu paciente de não apresentar ou compartilhar de seu sofrimento com sua família e considerar como ato de coragem e potência de força a insistência de investimentos na sua cura, quando seu quadro atual se mostra desfavorável às intervenções alcançadas pela medicina; a estagiária 3 acaba por despercebidamente reforçar o que Welzer-Lang (2001) confere por construção do masculino como o ato de aprender a sofrer para então tornar-se (socialmente aceito enquanto) homem.

Desejamos por fim, apresentar um último trecho, emitido pela estagiária 6. Este ainda pertinente as nossas indagações acerca da manutenção que as nossas intervenções, em nome de nossos campos, acabam por se utilizar de vias de violências baseadas nas expectativas de comportamentos sociais atribuídos ao gênero. O trecho, em específico, concede a repetição do lugar atribuído à maternidade como o de sustentabilidade da existência e resistências de vida às mulheres. Uma vez que, como anteriormente contemplamos, mostram-se ausentes as problematizações quanto às normatizações atribuídas às questões ligadas ao gênero e, portanto, localizadas em lugares de insistentes reproduções de normalidade-verdade:

Neste período **ela começou a verbalizar um desejo de morrer**. Questionei se ela já havia sentido esse desejo anteriormente, e ela afirmou que sim, completando que **no passado já havia, inclusive, pensado em formas de tirar a própria vida, e só não o fez porque seu filho ainda era jovem e necessitava dela. No entanto, agora que seu filho já estava adulto e independente, parecia não haver mais nada que a segurasse e impedisse de tentar suicídio**. Neste momento fiquei bastante apreensiva com o que acreditei ser uma possibilidade eminente de suicídio. **Foquei as intervenções em buscar coisas que resgatassem para ela o sentido de viver, e a motivassem a seguir seus planos e não desistir da vida. Tentei reforçar laços sociais**, que já há algum tempo estavam fragilizados devido ao isolamento ao qual ela se submeteu no início do processo depressivo. (Estagiária 6, grifos das pesquisadoras).

Tendo por expressas nossas leituras e interpretações, desejamos anunciar que os conteúdos aqui apresentados e referenciados pelos relatórios em que extraímos nossos dados, não foram em si, esgotados. Não acreditamos em tais possibilidades. Demonstramos apenas aquilo que nossos olhos e sentidos foram capazes, em seus tempos e dimensões, por compreender e dissertar. Não acreditamos em esgotamentos, exceto àqueles que são emitidos por corpos e existências; cansadas das opressões impostas, das visibilidades a que são hostilizadas e das invisibilidades em que são demarcadas. Contudo, esgotamento não se assemelha à desistência.

Apesar das vozes enfraquecidas por gestos, que aqui optamos por interpretar como desatenções geradas pela ausência de (in) formações que falem e reflitam sobre o que autoras como Butler (2010) nos advertem acerca das reiterações das normatizações que impomos às regras, as quais vimos e vemos categorias como gênero sendo submetidas; visamos nestas linhas conferir mais uma tentativa de seus timbres ouvir. De seus acordes não silenciar. De suas vozes pôr-se a falar. Não apenas falar de, mas a partir de e junto com. Convidamo-las, pois, a tornarem-se vozes que falam sobre essas mesmas inquietações que nos atravessam. Que não (se) silenciam. Que potencializam as inquietações que, a todas nós, atravessam. A tornarem-se vozes que não só permitem, mas fortalecem outras vozes. Que não só as escutem, mas que viabilizem as formações, as informações e as ações de outras vozes. De todas as nossas vozes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar deste se apresentar comumente como um espaço em que inserimos conclusões, desejamos expressar que, o que neste estudo foi produzido e contemplado, não se considera, pois, por selado, por um saber-se completo ou até mesmo finalizado. Se há nele uma certeza, são as de suas (des) continuidades, de seus fluxos e de suas próprias intensidades. Possuem, em seu cerne, porosas fronteiras e incontáveis dinâmicas que perpassam os tempos, os lugares e as subjetividades dessas que o produziram e de quem, assim o desejamos, em suas reticências possam vir a transformar em novas prerrogativas, interrogativas e afirmativas. Jamais em pontos, ao menos não daqueles que se finda, que se encerra. Mas daqueles pontos que se propõem linhas adicionar, trajar, arrancar; que fazem e desfazem os arranjos das vestes aqui construídas. Sobre esses, temos por intenção breves considerações, a seguir, nos desnudar.

Sobre o contato com as teorias e metodologias feministas, bem como de perspectivas analíticas da categoria gênero; esse se apresentou quase que inteiramente inédito para mim. Ao compartilhar, enquanto aluna de graduação, dos mesmos espaços de formação acadêmica neste estudo referenciado, compartilhei também das lacunas e ausências do ser apresentada a importantes saberes outros em que os campos teórico-práticos das psicologias se veem atravessados e por atravessar. Desta forma, imprimimos nessas linhas os mesmos tons descontentes e de reivindicação, utilizados por Narvaz e Koller (2007), no tocante a tomadas de ações urgentes quanto ao dispersar dos lugares em que estudos feministas e dos campos de gênero ocupam nos espaços de formação e práxis das psicologias.

Ainda sobre este desejo de dispersão de saberes, pudemos com este estudo melhor compreender acerca dos lugares de permanência desses campos de conhecimentos, quando estes residem principalmente nos delineamentos e bordas de específicas formações; muitas vezes emergindo com discrepantes tons ao serem abordados como saberes centrais nas produções de especializações em ciências como as das psicologias. Creditamos estas dificuldades aos desafios de construir perfis de inicial formação, tão presentes em nossas universidades, que possam vir a superar paradigmas e modelos positivistas, aos quais as ciências acabam por se verem ciclicamente nascidas e reduzidas a. Sobre estes desafios, pudemos compartilhar das dificuldades em lidar, a partir das perspectivas feministas, com nossos próprios enviesamentos, nossos limites e contrariedades durante todo processo de construção deste estudo. As reflexões suscitadas pelas possibilidades entre onde queríamos e

até onde podíamos caminhar, acabaram por promover transformações em nós que transcenderam os objetivos aqui intentados.

Sobre estes marcantes caminhos que nos vimos percorrer, consideramos por indescritíveis as mudanças e os afetos suscitados pelo revisitar dos espaços e lugares de produção e formação acadêmica. Através dos olhares e emissão de vozes presentes nos relatórios elaborados pelos estagiários, vimos refletidos não só as construções de linhas de seus percursos e experiências enquanto profissionais em formação, mas também as nossas, nos mais variados ecos e atuações, presentes nos múltiplos espaços, nos quais investimos nossas ações e intencionalidades enquanto vetores das psicologias. A essas autoras e autor, desejamos que continuem desprendendo esforços e contribuições, como as referidas produções, para a ampliação de nossas visões e atuações enquanto profissionais de atenção e cuidado para com as existências e subjetividades.

Adentrar em seus espaços, posicionarmo-nos em seus lugares, refletirmos sobre suas notas e vozes, exercitarmos a compreensão de seus silenciamentos, sem dúvidas se mostraram como intensos exercícios. Contudo, consideramos que diante da emergente necessidade de acessarmos saberes e realidades que justamente dissertam sobre esses tensionamentos, foram o que tornaram possíveis as vias de inserirmos sentidos as interlocuções entre categorias, como gênero e formações em ciências, como as psicologias. Desta maneira, os campos que contemplam os estudos das interseccionalidades se apresentaram como fundamentais a este estudo, uma vez que a partir deles se torna possível uma compreensão mais ampla das forças mantenedoras das dinâmicas sociais, históricas e relacionais a que nos vemos não só imersos em, mas responsáveis por.

Das interpretações inferidas, ao que tangiu as expectativas, as intencionalidades e aos objetivos deste estudo, categorias e subcategorias de análises de seus conteúdos foram construídas, a partir do que se considerou metaforicamente serem os timbres e sons, emitidos pelas experiências descritas por seus interlocutores. De ensurdecadores silêncios às estridentes falas, os resultados direcionaram aos mais diversos espaços em que as vozes dessas relações puderam ser acessadas e sentidas sob os tons emitidos pelas relações de poder. Considerações acerca de outras categorias como classe e escolaridade, se apresentaram como indispensáveis, sendo referenciados, portanto, os estudos sobre interseccionalidades, afim de melhor compreender, deslocar e contemplar a existência dos elementos e atos presentes em alguns dos discursos presentes neste estudo.

Desta forma, consideramos que com este, pudemos atingir singelamente os objetivos de contribuir para a visualização e consequente desconstrução das noções de gênero que

possamos vir a adotar, em campos como o de formação inicial na referida ciência e profissão, reforçando com isto, relações de opressão, exclusão e discriminação entre os seres.

Assim sendo, no tocante às experiências e desdobramentos acima descritos, formados por tantas questões, reflexões e desafios que lhes foram circundantes; bem como das dimensões que perpassam a relevância deste estudo, fica-nos um convite que no decorrer desta trajetória se visualizou enquanto necessidade: a criação de ideias e investigações de como inserir, em nível prático, propostas de formações que contemplem o conhecer, o pensar e o articular questões que interligam categorias como o gênero, os saberes das psicologias, dos feminismos, das interseccionalidades e demais saberes, transcendendo as tradicionais arestas e dimensões de disciplinas e didáticas, nas quais com frequência, vimos um não estimular de pensamentos críticos e que contemplem campos para além de suas terras.

REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, Karla Galvão; TONELI, Maria Juracy. Por uma política de acesso aos direitos das mulheres: sujeitos feministas em disputa no contexto brasileiro. In: **Psicologia & Sociedade**. Vol. 3, nº 20, 2008, p. 453-464.
- ALTHUSSER, Louis. **La filosofía como arma de la revolución**. México: Pasado y Presente, 1977.
- ALVES, Branca Moreira e PITANGUI, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo, Brasiliense, 2007.
- ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de Andersen**. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 7ª edição, 2002.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. In: **Psicologia Clínica**, vol. 17, nº 2, 2005, p. 410 – 423.
- ARRUDA, Ângela. Feminismo, Gênero e Representações Sociais. In: **Textos de História**. vol.8, nº 1, 2000, p. 113-138.
- AZEREDO, José Carlos de. **Linguagem sexista na língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Lisboa: Bertrand, 1949.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. **Dar cuenta de sí mismo**. Violencia ética y responsabilidad. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.
- CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1943.
- CASTRO, Ana Elisa Ferreira; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. A psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. In: **Estudos de Psicologia**, vol. 3, nº 1, 1998, p. 147-158.
- CELLARD, André. **A análise documental**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CITELI, Maria Tereza. Fazendo diferenças: Teorias sobre gênero, corpo e comportamento. In: **Estudos Feministas**. vol. 9, nº 1, 2001, p. 131-145.
- COLLIN, Françoise. **Diferença e diferendo: A questão das mulheres na filosofia**. Porto: Afrontamento, 1992.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CRESWELL, John. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. Ed. 34. Rio de Janeiro, 1997.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Crítica da ideologia estética em psicanálise**. Hacker: São Paulo, 1998.

_____. **A Imagem entre o Olho e o Olhar**. In: Sobre Arte e Psicanálise. Ed. São Paulo: Escuta, 2006.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **A questão da alteridade na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche**. São Paulo: Escuta, 1994.

_____. **Modos de Subjetivação no Brasil e Outros Ensaio**s. São Paulo: Escuta, 1996.

_____. **Presença, implicação e reserva**. In: Ética e técnica em psicanálise. São Paulo: Escuta, 2000.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

GARCIA ROZA, Luiz Alfredo. Psicologia: Um espaço de dispersão de saber. **Rádice Revista de Psicologia**. ano 01, nº 04, 1977.

GERGEN, Kenneth. **Realities and relationships: soundings in social construction**. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

_____. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. In: **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**. v. 6, n. 1, p. 299–325, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/10976>> Acesso em: 23 de outubro de 2017.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis. Vozes, 1996.

HARAWAY, Donna. **Simians, cyborgs, and women: The reinvention of nature**. Routledge, New York, 1991.

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: **Cadernos Pagu**, nº 5, 1995, p. 7-41.

HARDING, Sandra. **The science question in feminism**. Ithaca: Cornell University, 1986.

_____. **Whose Science? Whose Knowledge?: Thinking from Women's Lives**. New York, 1991.

HEIDEGGER, Martin. **Que é metafísica?** In: Conferências e escritos filosóficos. Tradução de E. Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação**: Como Seguir Cientistas e Engenheiros Sociedade Afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MANSANO, Sônia Regina. Transformação da subjetividade no exercício do trabalho imaterial. In: **Estudo e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo, nº 2, 2009, p. 512-524.

MAYORGA, Cláudia. Gênero, feminismo, psicologia social no Brasil: Análise da Revista Psicologia e Sociedade (1996-2010). In: **Revista Psicologia & Sociedade**. v. 28, n. 3, p. 589-603, 2016.

_____. As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. In: **Revista Estudos Feministas**. v. 21, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2013000200003&script=sci_arttext> Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Entrevistas e outros textos: compartilhando estratégias de análise qualitativa. In: LANG, Charles Elia; BERNARDES, Jefferson de Souza; RIBEIRO, Maria Auxiliadora Teixeira; ZANOTTI, Susane Vasconcelos (org). **Metodologias**: pesquisa em saúde, clínica e práticas psicológicas. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 87 – 116.

MATOS, Vanessa Cristina. **Gênero e Trabalho**: um olhar sobre as greves operárias de junho e setembro de 1919. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos, Bahia, 2008.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petropolis: Vozes, 2001.

MONEY, John; HAMPSON, Joan. **Hermaphroditism**: Recommendations Concerning Assignment of Sex, Change of Sex, and Psychologic Management. New York: 1955.

NARVAZ, Martha Giudice. **Gênero**: para além da diferença sexual. Universidade Luterana do Brasil: Canoas, 2010.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Feminismo e terapia: a terapia feminista da família - por uma psicologia comprometida. **Revista Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, vol.19, nº 2, 2007, p.117 – 131.

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais. In: **Psicologia: reflexão e crítica**. v. 18, n. 3, 2005, p. 408-412. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000300015&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 05 de maio de 2017.

NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. In: **Psicologia & Sociedade**, v. 7, nº 2, 2001, p. 298 -317.

OLIVEIRA, João Manuel. **Fazer e desfazer o gênero**: performatividades, normas e epistemologias feministas. Maia: Publismai, 1993.

_____. **Os feminismos habitam espaços hifenizados**: a localização e interseccionalidade dos saberes feministas. São Paulo, 2007.

PELBART, Peter. **A nau do Tempo-Rei**: sete ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PINTO, Luciana Pontes. **Mulheres brasileiras na mídia portuguesa**. In: Cadernos Pagu, nº 23, 2004, p. 229-257.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. In: Sociedade e Cultura, vol. 11, nº 2, jul./dez. 2008, p. 263-274.

PORTELLA, Ana Paula; GOUVEIA, Taciana. **Feminismo, educação e gênero**. Bauru, São Paulo: Edusc, 1999.

REY, Fernando. **Os sentidos do tempo em Aristóteles**. São Paulo: FAPESP, 1998.

ROSE, Nikolas. **Psicologia como uma Ciência Social**. In: Psicologia & Sociedade; vol. 20, nº 2, jul./dez. 2008, p. 155-164.

RUBIN, Gayle. **The traffic in Women**: Notes on the Political Economy of Sex. New York, 1975.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bonglovani. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. In: **Cadernos Pagu**. 2001.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004 (coleção Brasil urgente), p. 69-93.

SARDENBERG, Cecília Maria. **Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?** In: Cadernos Pagu, 2007.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, São Paulo: Edusc, 2001.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1986, p. 71-99.

_____. **Experiência**. Tradução de Ana Cecília Adoli Lima. In: Falas de Gênero. Editora Mulheres, Santa Catarina, 1999, p. 21-55.

SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2013, p. 100- 126.

_____. **Pesquisa de campo em psicologia**: Uma perspectiva pós construcionista. Revista Psicologia e sociedade, v. 15, n. 2, 2003, p. 18-42.

STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane; ZANELLO, Valeska. **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014.

WATSON, John Broadus. **Psychology as a behaviorist views it**. Psychological Record 20, 1913.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. In: Revista Estudos Feministas, vol. 9, nº 2, 2001, p. 460-481.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. **A produção científica na psicologia: uma análise dos periódicos brasileiros no período de 1990-1997**. In: Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 12, nº 2, 1998, p. 549-565.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental e gênero: Diálogos, práticas e interdisciplinariedade**. Florianópolis: ED. Appris, 2014.

ANEXO 1 – Perfil curricular do programa de graduação em psicologia da UFPE

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO				
	PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS				
	Curso: PSICOLOGIA				
	Perfil: 6613-1				
Relatório Perfil Curricular					

DATA: 28/8/2013

PERÍODO: 1º						
COMPONENTE CURRICULAR		TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS578- CONTROVÉRSIAS NA PSICOLOGIA		OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:		Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:		Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:		Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:		Fórmula: PS272				
PS272- PSICOLOGIA DIFERENCIAL						
EMENTA:		IDENTIFICAÇÃO DE TEMAS GERADORES DE TENSÃO NO SABER PSICOLÓGICO. PRÁTICA INTENSIVA E ESTRUTURADA DE ARGUMENTAÇÃO SOBRE GRANDES CONTROVÉRSIAS NA PSICOLOGIA.				
AN234- NEUROANATOMIA FUNCIONAL		OBRIG	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO:		Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:		Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:		Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:		Fórmula: AN207				
AN207- NEUROANATOMIA						
EMENTA:		INTRODUÇÃO À ANATOMIA E EMBRIOLOGIA DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL: ASPECTOS MORFOFUNCIONAIS DA MEDULA ESPINHAL, TRONCO ENCEFÁLICO, CEREBELO, DIENCEFALO, TELEENCEFALO, SISTEMA LÍMBICO E FORMAÇÃO RETICULAR, BEM COMO DAS ATIVIDADES DAS GRANDES VIAS AFERENTES E EFERENTES E DO SISTEMA NERVOSO AUTÔNOMO.				
PS603- PROCESSOS COGNITIVOS		OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:		Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:		Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:		Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:		MEMÓRIA, INTELIGÊNCIA, APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DE CONCEITOS, PRINCIPAIS TEORIAS E MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO DESSES PROCESSOS, DESAFIOS E ATUALIDADES NO ESTUDO DA COGNIÇÃO.				
PS604- PROCESSOS SOCIOAFETIVOS		OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:		Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:		Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:		Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:		Fórmula: PS244				
PS244- PSICOLOGIA 6 (MOTIVAÇÃO E EMOCÃO)						
EMENTA:		PRINCIPAIS TEÓRIAS E PESQUISAS SOBRE PROCESSOS MOTIVACIONAIS E EMOCIONAIS, SURGIMENTO, DESENVOLVIMENTO E EXPRESSÃO DOS MOTIVOS, A DINÂMICA INSTAURADA POR CONFLITOS INTRAPESSOAIS, INTERPESSOAIS E INTERGRUPAIS EM MEIO A OUTROS PROCESSOS PSICOLÓGICOS.				
PS600- PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO		OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:		Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:		Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:		Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:		PRINCIPAIS ABORDAGENS TEÓRICAS E MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO, PROBLEMATIZAÇÃO DO CONCEITO DE ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO: INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE, VIDA ADULTA E VELHICE, CONTEXTOS CULTURAIS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO.				

PERÍODO: 2º						
COMPONENTE CURRICULAR		TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS592- AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA		OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:		Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:		Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:		Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:		Fórmula: PS258				
PS258- TÉCNICA DE EXAME PSICOLÓGICO 1						
EMENTA:		ETAPAS DE UM PROCESSO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E SUA ADEQUAÇÃO A DIFERENTES CONTEXTOS E OBJETIVOS, PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E DIFERENTES PROCEDIMENTOS UTILIZADOS, ESCOLHA DE INSTRUMENTOS, POSSÍVEIS ENCAMINHAMENTOS, PRINCÍPIOS ÉTICOS E LEGAIS DA PRÁTICA EM AVALIAÇÃO.				
PS584- INTRODUÇÃO À PESQUISA		OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:		Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:		Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:		Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:		Fórmula: PS230				
PS230- INTRODUÇÃO À PESQUISA						
EMENTA:		PADRÕES DE CIENTIFICIDADE, MÉTODOS DE PESQUISA EM PSICOLOGIA, OBSERVAÇÃO, EXPERIMENTAÇÃO, COMPARAÇÃO E ABORDAGEM CLÍNICO-QUALITATIVA EM PESQUISA, INSTRUMENTALIZAÇÃO PARA O TRABALHO ACADÊMICO-CIENTÍFICO.				
NU577- NEUROFISIOLOGIA		OBRIG	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO:		Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:		Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:		Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:		Fórmula: NU007				
NU007- FISIOLÓGIA 7A						
EMENTA:		INTRODUÇÃO À NEUROFISIOLOGIA; FISIOLÓGIA SENSORIAL E MOTORA; BASES NEUROENDÓCRINAS DOS COMPORTAMENTOS; FISIOLÓGIA COMPORTAMENTAL.				
PS601- PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO		OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:		Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:		Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:		Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:		Fórmula: PS248				
PS248- PSICOLOGIA DA PERSONALIDADE 1						

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS Curso: PSICOLOGIA Perfil: 6613-1 Relatório Perfil Curricular	DATA: 28/6/2013
---	--	-----------------

PERÍODO: 2º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
EMENTA:					
PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PSICOLÓGICO: PRINCIPAIS ABORDAGENS E SUAS IMPLICAÇÕES NAS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS. DIFERENTES MODOS DE SUBJETIVAÇÃO, LIMITES E POSSIBILIDADES NA INVESTIGAÇÃO DA SUBJETIVIDADE.					
PS617- PROCESSOS PSICOSSOCIAIS	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS254				
PS254- PSICOLOGIA SOCIAL 4					
EMENTA:					
PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO, CRENÇAS E ATITUDE, PERCEPÇÃO SOCIAL, ESTEREÓTIPO E PRECONCEITO, CATEGORIZAÇÃO E IDENTIDADE PESSOAL, PROCESSO DE INFLUÊNCIA SOCIAL, MINORIAS ATIVAS.					

PERÍODO: 3º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS605- NEUROPSICOLOGIA	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:					
ASPECTOS HISTÓRICOS DA RELAÇÃO CEREBRO-COMPORTAMENTO, FUNDAMENTOS DA NEUROPSICOLOGIA, RELAÇÃO DA NEUROPSICOLOGIA COM PROCESSOS PSICOLÓGICOS BÁSICOS E COMPLEXOS, AVALIAÇÃO E REABILITAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA.					
PS585- PERSPECTIVAS E ORGANIZAÇÃO NA PESQUISA EM PSICOLOGIA	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:					
A ESCOLHA DE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE ACORDO COM A NATUREZA DOS OBJETIVOS PROPOSTOS NA INVESTIGAÇÃO, ABORDAGENS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS, LIMITES E ALCANCES, A COLETA, A DESCRIÇÃO E O TRATAMENTO DE DADOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS, GENERALIZAÇÃO E TRANSFERIBILIDADE DOS RESULTADOS, A TRIANGULAÇÃO METODOLÓGICA.					
PS602- PSICOLOGIA E LINGUAGEM	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS246				
PS246- PSICOLOGIA 8(LING E COMUNICACAO)					
EMENTA:					
CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM EM DIFERENTES TEORIAS PSICOLÓGICAS: O GIRO LINGÜÍSTICO E OS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO, LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM, PENSAMENTO E AÇÃO, LINGUAGEM EM DIFERENTES CONTEXTOS, LINGUAGEM E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO.					
PS593- TÉCNICAS PSICOMÉTRICAS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	OBRIG	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS259				
PS259- TÉCNICA DE EXAME PSICOLÓGICO 2					
EMENTA:					
TÉCNICAS PSICOMÉTRICAS DE AUTOHETERORRELATO E DE DESEMPENHO PARA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA, CONTRIBUIÇÃO PARA INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA, APLICAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E RELATO DOS RESULTADOS DO PROCESSO AVALIATIVO.					

PERÍODO: 4º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS595- ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO	OBRIG	0	90	90	3.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:					
UTILIZAÇÃO DA OBSERVAÇÃO COMO PROCEDIMENTO QUE POSSIBILITE UMA REFLEXÃO SOBRE PROCESSOS PSICOLÓGICOS EM CURSO, DELIMITAÇÃO DO CONTEXTO E DO FENÔMENO A SER OBSERVADO, IDENTIFICAÇÃO, DESCRIÇÃO E INFERÊNCIA DO FENÔMENO ESTUDADO.					
NP316- PSICOPATOLOGIA	OBRIG	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: NP313				
NP313- PSICOPATOLOGIA					
EMENTA:					
ESTUDO DAS EXPRESSÕES PSÍQUICAS, OS QUADROS SINDRÔMICOS E OS COMPORTAMENTAIS DECORRENTES DAS DIVERSAS CATEGORIAS DE TRANSTORNOS MENTAIS, DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E AVALIAÇÃO DOS SINTOMAS PSÍQUICOS DURANTE O EXAME DO PACIENTE, COM FINALIDADE DIAGNÓSTICA.					

PERÍODO: 5º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
NP318- INTRODUÇÃO A PSIQUIATRIA	OBRIG	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS Curso: PSICOLOGIA Perfil: 6613-1 Relatório Perfil Curricular	DATA: 28/6/2013
---	--	-----------------

PERÍODO: 5º						
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS	
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: NP282					
NP282- INTRODUCAO A PSIQUIATRIA						
EMENTA:	ESTUDO CLINICO E RECONHECIMENTO DIAGNOSTICO DOS PRINCIPAIS TRANSTORNOS MENTAIS E DO COMPORTAMENTO SEGUNDO A CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE DOENÇAS (CID10) DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAUDE (OMS). DESENVOLVIMENTO DE CONHECIMENTOS CLINICOS PSICOPATOLÓGICOS, PSICOLÓGICOS E ASSISTENCIAIS SOBRE TRANSTORNOS MENTAIS.					
PS618- PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA:	PSICOLOGIA E CONCEPÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA, POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCAÇÃO, PROCESSOS EDUCACIONAIS EM DIFERENTES CONTEXTOS INSTITUCIONAIS, COMPROMISSO ÉTICO E SOCIAL DO PSICÓLOGO COM A EDUCAÇÃO.					
PS613- PSICOLOGIA E SAÚDE	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA:	ASPECTOS CONCEITUAIS, HISTÓRIA DA SAÚDE NO BRASIL, PRINCÍPIOS DOUTRINÁRIOS DO SISTEMA DE SAÚDE, PSICOLOGIA APLICADA AO CAMPO DA SAÚDE, DIFERENTES NÍVEIS DE ATENÇÃO À SAÚDE E A PRÁTICA DO PSICÓLOGO, ANÁLISE DE SITUAÇÃO, PLANEJAMENTO E INTERVENÇÃO NA SAÚDE, INTERVENÇÕES EM CRÍSE, PRODUÇÃO DE RECURSOS INTERVENTIVOS PARA PROMOÇÃO E PREVENÇÃO DA SAÚDE.					
PS616- PSICOLOGIA E TRABALHO	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS290					
PS290- INTROD A PSICOLOGIA DO TRABALHO						
EMENTA:	DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO TRABALHO, O TRABALHO COMO CONSTITUTIVO DO SUJEITO; DESENVOLVIMENTO PESSOAL, SOCIAL E ALIENAÇÃO, O TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, TRABALHO E SUAS RELAÇÕES COM O PODER, A SAÚDE E O GÊNERO.					
PS586- TEORIAS PARA INTERVENÇÃO GRUPAL	OBRIG	60	0	60	4.0	
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS289					
PS289- DINAMICA DE GRUPO E REL HUMANAS I						
EMENTA:	FENÔMENOS INTRAGRUPAIS E INTERGRUPAIS, ESTUDO DAS TEORIAS CLÁSSICAS E CONTEMPORÂNEAS ACERCA DA DINÂMICA DOS PROCESSOS E SEU IMPACTO NO ESTUDO DOS GRUPOS.					

PERÍODO: 6º						
COMPONENTE CURRICULAR		TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS596- ESTÁGIO DE PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÃO		OBRIG	0	90	90	3.0
PRÉ-REQUISITO:		Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:		Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:		Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:		UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS OU INSTRUMENTOS DA PSICOLOGIA PARA SUBSIDIAR A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE SITUAÇÕES QUE POSSIBILITEM O PLANEJAMENTO DE UMA INTERVENÇÃO PROFISSIONAL.				
PS579- ÉTICA E DIREITOS HUMANOS		OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:		Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:		Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:		Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:		Fórmula: PS268				
PS268- ÉTICA PROFISSIONAL						
EMENTA:		PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS DA ÉTICA E DOS DIREITOS HUMANOS, MARCOS LEGAIS E POSTURAS ÉTICAS FRENTE ÀS DIFERENTES SITUAÇÕES DE INTERVENÇÃO E INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA, ÉTICA NA ACADEMIA E NA AUTORIA, CÓDIGO DE ÉTICA DO PSICÓLOGO, DEBATE ÉTICO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.				

PERÍODO: 7º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
FL529- BASES FILOSÓFICAS DA PSICOLOGIA	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:	PRESSUPOSTOS EXTRACIENTÍFICOS DA PSICOLOGIA NAS SUAS PRINCIPAIS CORRENTES; SUBJETIVISMO E OBJETIVISMO; DETERMINISMO E LIBERDADE; POSITIVISMO E NATURALISMO; ESSENCIALISMO E MECANISMO; CIÊNCIA, PSICOLOGIA E EXISTÊNCIA, O HUMANISMO EXISTENCIALISTA, A FENOMENOLOGIA ANALÍTICO-EXISTENCIAL, EXISTÊNCIA E LINGUAGEM.				
PS611- PSICOLOGIA E CULTURA	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:	NOÇÕES DE CULTURA EM PSICOLOGIA, A ORGANIZAÇÃO CULTURAL DO PSIQUISMO, CONTEXTOS CULTURAIS E DESENVOLVIMENTO HUMANO, TEORIAS CULTURAIS E SOCIO-HISTÓRICAS EM PSICOLOGIA, CULTURA E LINGUAGEM, INTERAÇÃO HUMANA EM CONTEXTOS CULTURAIS E INTERCULTURAIS.				

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS Curso: PSICOLOGIA Perfil: 6613-1 Relatório Perfil Curricular	DATA: 28/6/2013
--	-----------------

PERÍODO: 7º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS619- PSICOLOGIA E PSICANÁLISE	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS255					
PS255- TEORIAS PSICANALÍTICAS 1					
EMENTA: MOVIMENTO PSICANALÍTICO, PRINCIPAIS CONSTRUTOS DO PENSAMENTO, FREUDIANO E PÓS-FREUDIANO, A METAPSICOLOGIA PSICANALÍTICA, A TRAMA EDÍPICA, TEORIA DAS PULSÕES E SEUS QUESTIONAMENTOS, A CONTEMPORANEIDADE E OS FENÔMENOS CLÍNICOS.					

PERÍODO: 8º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS615- PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: SISTEMA DE REGULAÇÃO SOCIAL EM UMA SOCIEDADE DE DIREITOS, DISPOSITIVOS DE REGULAÇÃO SOCIAL, A PSICOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DE MARCOS LEGAIS, A ATUAÇÃO DO PSICOLOGO FRENTE AOS MARCOS LEGAIS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS.					
PS614- PSICOLOGIA E SAÚDE MENTAL	OBRIG	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA CLÍNICA E DO CAMPO DA PSICOTATOLOGIA, PRINCIPAIS MARCOS TEÓRICOS DA SAÚDE MENTAL, CONCEPÇÕES DE NORMAL E PATOLÓGICO EM PSICOLOGIA, A QUESTÃO DO PSICODIAGNÓSTICO, QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE A SAÚDE MENTAL E AS REDES DE ATENDIMENTO.					
PS594- TÉCNICAS PROJETIVAS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	OBRIG	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS261					
PS261- TÉCNICA DE EXAME PSICOLÓGICO 4					
EMENTA: FUNDAMENTOS DAS TÉCNICAS PROJETIVAS PARA AVALIAÇÃO, DA PERSONALIDADE, CARACTERIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS, CONTRIBUIÇÕES PARA INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA, APLICAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E RELATO DOS RESULTADOS DO PROCESSO AVALIATIVO.					

PERÍODO: 9º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS620- ESTÁGIO ESPECÍFICO I	OBRIG	0	240	240	8.0
PRÉ-REQUISITO: Fórmula: AN234 E FL529 E NP316 E NP318 E NU577 E PS578 E PS579 E PS584 E PS585 E PS586 E PS592 E PS593 E PS594 E PS596 E PS598 E PS600 E PS601 E PS602 E PS603 E PS604 E PS605 E PS611 E PS613 E PS614 E PS615 E PS616 E PS617 E PS618 E PS619					
AN234 - NEUROANATOMIA FUNCIONAL FL529 - BASES FILOSÓFICAS DA PSICOLOGIA NP316 - PSICOPATOLOGIA NP318 - INTRODUÇÃO A PSQUIATRIA NU577 - NEUROFISIOLOGIA PS578 - CONTROVÉRSIAS NA PSICOLOGIA PS579 - ÉTICA E DIREITOS HUMANOS PS584 - INTRODUÇÃO À PESQUISA PS585 - PERSPECTIVAS E ORGANIZAÇÃO NA PESQUISA EM PSICOLOGIA PS586 - TEORIAS PARA INTERVENÇÃO GRUPAL PS592 - AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PS593 - TÉCNICAS PSICOMÉTRICAS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PS594 - TÉCNICAS PROJETIVAS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PS596 - ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO PS598 - ESTÁGIO DE PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÃO PS600 - PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO PS601 - PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO PS602 - PSICOLOGIA E LINGUAGEM PS603 - PROCESSOS COGNITIVOS PS604 - PROCESSOS SOCIOAFETIVOS PS605 - NEUROPSICOLOGIA PS611 - PSICOLOGIA E CULTURA PS613 - PSICOLOGIA E SAÚDE PS614 - PSICOLOGIA E SAÚDE MENTAL PS615 - PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS PS616 - PSICOLOGIA E TRABALHO PS617 - PROCESSOS PSICOSSOCIAIS PS618 - PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO PS619- PSICOLOGIA E PSICANÁLISE					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA E SUA REALIZAÇÃO, APOIADOS EM UM CORPO DE CONHECIMENTO TEÓRICO E TÉCNICO DA PSICOLOGIA E AJUSTADOS A CONTEXTOS INSTITUCIONAIS E SOCIAIS ESPECÍFICOS.					

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS Curso: PSICOLOGIA Perfil: 6613-1 Relatório Perfil Curricular	DATA: 28/6/2013
--	-----------------

PERÍODO: 9º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS

PERÍODO: 10º					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS644- ESTÁGIO ESPECÍFICO II	OBRIG	0	240	240	8.0
PRÉ-REQUISITO: Fórmula: PS620					
PS620- ESTÁGIO ESPECÍFICO I					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: ATUAÇÃO PROFISSIONAL, APROFUNDANDO AS INTERVENÇÕES INICIADAS NO ESTÁGIO ESPECÍFICO I, INTEGRANDO O CONJUNTO DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS E CULMINANDO COM O REGISTRO DESCRITIVO E REFLEXIVO PROPICIADO PELA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.					

SEM PERIODIZAÇÃO					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
NP317- ABORDAGEM PSICOSSOMÁTICA DO COMPORTAMENTO HUMANO	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: NP215					
NP215- ASPECTOS PSICOSSOMÁTICOS DO COMPORTAMENTO					
EMENTA: ESTUDO DO RELACIONAMENTO CORPO-PSIQUISMO, COMPORTAMENTO EMOCIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES NO SISTEMA CORPO-MENTE, CONCEITO DE SAÚDE SOMATO-PSICOSSOCIAL, DIVERSOS TIPOS DE ENFERMIDADES SOB O ASPECTO PSICOSSOMÁTICO, UNIDADE SOCIOPSICOSSOMÁTICA DO COMPORTAMENTO HUMANO.					
PS589- ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: DESCRIÇÃO DE EVENTOS AMBIENTAIS E COMPORTAMENTAIS, AMBIENTE E EQUIPAMENTO EXPERIMENTAIS, CONDIÇÃO DE RESPONDENTE E OPERANTE, MODELAGEM, DIFERENCIAÇÃO E GENERALIZAÇÃO DE RESPOSTA, CONTROLE DE ESTÍMULOS, EXTINÇÃO OPERANTE E RESPONDENTE, ESQUEMAS DE REFORÇAMENTO, ANÁLISE COMPORTAMENTAL E SUA RELEVÂNCIA NA APLICAÇÃO CLÍNICA.					
PS630- ANÁLISE INSTITUCIONAL	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS300					
PS300- PSICOLOGIA INSTITUCIONAL					
EMENTA: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE INSTITUCIONAL, CONCEITOS DE INSTITUIÇÃO, GRUPOS E INDIVÍDUO, IDEOLOGIA E CULTURA NAS INSTITUIÇÕES, MÉTODOS DE PESQUISA E INTERVENÇÃO INSTITUCIONAL.					
PS609- APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS245					
PS245- PSICOLOGIA 7 (MEMÓRIA E APRENDIZAGEM)					
EMENTA: RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO EM DOMÍNIOS ESPECÍFICOS DO CONHECIMENTO, CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA COGNITIVA PARA PROCESSOS EDUCACIONAIS.					
NU578- BASES NEUROFISIOLÓGICAS DO COMPORTAMENTO	ELETIVO	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: NUTRIÇÃO E DESENVOLVIMENTO FISIOLÓGICO DO SISTEMA NERVOSO, BASES NEUROBIOLÓGICAS DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR E SEUS TRANSTORNOS, BASES NEUROBIOLÓGICAS DAS EMOÇÕES E SEUS TRANSTORNOS, FISIOLÓGICA E EXPRESSÃO COMPORTAMENTAL HUMANA NAS DIFERENTES FASES DA VIDA, EXERCÍCIO FÍSICO E ADAPTAÇÕES NEUROFISIOLÓGICAS.					
PS597- CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	ELETIVO	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS260					
PS260- TÉCNICA DE EXAME PSICOLÓGICO 3					
EMENTA: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA, DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS, FUNDAMENTOS E PARÂMETROS, PADRONIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS, PRINCÍPIOS ÉTICOS E LEGAIS NA CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS.					
PS583- EPISTEMOLOGIA E HISTÓRIA DA GÊNESE DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: EMPIRISMO E POSITIVISMO, A PSICOLOGIA FISIOLÓGICA EM OPosição À INTROSPECÇÃO, A REVOLUÇÃO BEHAVIORISTA, O ESTUDO DA CONSCIÊNCIA, A GESTALT VERSUS OS ESTUDOS ELEMENTARISTAS, FONTES DE COMPARAÇÃO: O ANIMAL, A CRIANÇA E O PATOLÓGICO, A CONCEPÇÃO DE SUJEITO E DE CIENTIFICIDADE.					

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS Curso: PSICOLOGIA Perfil: 6613-1 Relatório Perfil Curricular DATA: 28/6/2013					
SEM PERIODIZAÇÃO					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS581- EPISTEMOLOGIA E HISTÓRIA DA PSICANÁLISE	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS291					
PS291- EPISTEMOLOGIA PSICANALÍTICA					
EMENTA: PERCURSO DE FREUD NA DESCOBERTA DO INCONSCIENTE. RUPTURAS EPISTEMOLÓGICAS PSICANALÍTICAS; QUESTIONAMENTOS A FILOSOFIA, A PSIQUIATRIA, A PSICOLOGIA E A CIÊNCIA. DO MOVIMENTO A INSTITUIÇÃO PSICANALÍTICA E SEUS IMPACTOS EPISTEMOLÓGICOS. CONTRIBUIÇÃO DE OUTROS SABERES NA CONSTRUÇÃO DO SABER PSICANALÍTICO. PSICANÁLISE E A ORDEM ÉTICO-POLÍTICA.					
PS582- EPISTEMOLOGIA E HISTÓRIA DAS TEORIAS PSICOSSOCIAIS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: AS TENSÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL AO LONGO DE SUA HISTÓRIA. TEORIAS PSICOSSOCIAIS CONTEMPORÂNEAS E SEUS EMBATES FACE A DIFERENTES CONCEPÇÕES DE SUJEITO, A RELAÇÃO SUJEITO-SOCIEDADE E A RELAÇÃO INDIVÍDUO-COLETIVIDADE.					
ET653- ESTATÍSTICA APLICADA À PSICOLOGIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: ET222					
ET222- ESTATÍSTICA 4					
EMENTA: NOÇÕES DE ANÁLISE EXPLORATÓRIA DE DADOS, FUNDAMENTOS DE TESTES ESTATÍSTICOS DE HIPÓTESES, PLANOS EXPERIMENTAIS COMPLETAMENTE ALEATORIZADO EM BLOCOS COMPLETOS; ANÁLISE DE TABELAS DE CONTINGÊNCIA. UTILIZAÇÃO DE RECURSOS COMPUTACIONAIS PARA O REGISTRO E TRATAMENTO DE DADOS.					
CS004- FUNDAMENTOS DE SOCIOLOGIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: A SOCIOLOGIA E OUTRAS CIÊNCIAS. MODELOS DE ANÁLISE SOCIOLÓGICA. O SOCIAL E A SOCIEDADE. CONCEITOS SOCIOLÓGICOS BÁSICOS.					
AM120- INTERFACES DA ANTROPOLOGIA COM A PSICOLOGIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: CS223					
CS223- ANTROPOLOGIA					
EMENTA: CULTURA, ETNOCENTRISMO, A CATEGORIA EU, EXPERIÊNCIA, NARRATIVA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO, DRAMA E RITUAL NA COMPRENSÃO DA EMERGÊNCIA DOS CONFLITOS E ENFRENTAMENTO DE CRISES, CORPOREIDADE E EMOÇÕES. MODALIDADES DE INTERAÇÕES SOCIAIS NÃO VERBAIS MEDIADAS CULTURALMENTE.					
PS598- INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS. ANÁLISE DE SITUAÇÃO, PLANEJAMENTO E INTERVENÇÃO COM COLETIVIDADES. ELABORAÇÃO DE MATERIAL DE INFORMAÇÃO E DE APOIO À INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA. MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DE PROCESSOS INTERVENTIVOS. O PSICÓLOGO EM EQUIPES MULTIDISCIPLINARES.					
GN341- INTRODUÇÃO A GENÉTICA HUMANA	ELETIVO	30	30	60	3.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: GN211					
GN211- GENÉTICA HUMANA 2					
EMENTA: PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA GENÉTICA HUMANA. INTERAÇÃO ENTRE ASPECTOS GENÉTICOS E AMBIENTAIS NO COMPORTAMENTO HUMANO. ALTERAÇÕES GENÉTICAS E SUAS REPERCUSSÕES NO COMPORTAMENTO. TEMAS ATUAIS DE APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS DA GENÉTICA DE INTERESSE PARA PSICOLOGIA.					
LE716- INTRODUÇÃO A LIBRAS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: REFLEXÃO SOBRE OS ASPECTOS HISTÓRICOS DA INCLUSÃO DAS PESSOAS SURDAS NA SOCIEDADE EM GERAL E NA ESCOLA; A LIBRAS COMO LÍNGUA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL EM CONTEXTO DE COMUNICAÇÃO ENTRE PESSOAS SURDAS E COMO SEGUNDA LÍNGUA. ESTRUTURA LINGÜÍSTICA E GRAMATICAL DE LIBRAS. ESPECIFICIDADES DA ESCRITA DO ALUNO SURDO, NA PRODUÇÃO DE TEXTO EM LÍNGUA PORTUGUESA, O INTERPRETE E A INTERPRETAÇÃO COMO FATOR DE INCLUSÃO E ACESSO EDUCACIONAL PARA OS ALUNOS SURDOS OU COM BAIXA AUDIÇÃO.					
FL541- LÓGICA 1	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: FL257					
FL257- LÓGICA 1					
EMENTA: DE QUE TRATA A LÓGICA. QUE É ARGUMENTO. AS PROPOSIÇÕES QUE COMPÕE OS ARGUMENTOS. ARGUMENTOS DEDUTIVOS; CATEGÓRICOS, HIPOTÉTICOS, INCOMPLETOS, E COMPOSTOS. VALIDADE DOS ARGUMENTOS CATEGÓRICOS E OS DIAGRAMAS DE VENN. ARGUMENTO INDUTIVO E A PROBABILIDADE INDUTIVA. A ENUMERAÇÃO, A ANALOGIA E					

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS

DATA: 28/8/2013

Curso: PSICOLOGIA

Perfil: 6613-1

Relatório Perfil Curricular

SEM PERIODIZAÇÃO

COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
GENERALIZAÇÃO ESTATÍSTICA, AS FALÁCIAS FORMAIS E INFORMAIS, A LÓGICA COMO INSTRUMENTO DA DESCOBERTA DA VERDADE: UMA VISÃO HISTÓRICA.					
PS610- PROCESSOS SENSORIO-PERCEPTIVOS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS271					
PS271- PSICOLOGIA 5A (PERCEPÇÃO)					
EMENTA: DEFINIÇÃO E RAÍZES HISTÓRICAS DA SENSÇÃO E PERCEPÇÃO, ESTRUTURA E FUNÇÃO DOS SISTEMAS SENSORIO-PERCEPTIVOS, DESENVOLVIMENTO PERCENTUAL, MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO EM SENSÇÃO E PERCEPÇÃO, TEÓRIAS E PESQUISA ATUAIS.					
PS590- PROJETO DE PESQUISA	ELETIVO	0	60	60	2.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS276					
PS276- PRÁTICA DE PESQUISA 1					
EMENTA: ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE PESQUISA.					
PS591- PRÁTICA DE PESQUISA	ELETIVO	0	60	60	2.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS277					
PS277- PRÁTICA DE PESQUISA 2					
EMENTA: REALIZAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA, ELABORAÇÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO OU RELATÓRIO.					
PS588- PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO EM GRUPOS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS270					
PS270- DINÂMICA DE GRUPO E REL. HUMANAS 2					
EMENTA: PROCEDIMENTOS DE INTERVENÇÃO INTRAGRUPAIS, DIFERENTES ABORDAGENS E TÉCNICAS NO MANEJO DE FENÔMENOS GRUPAIS, DIFERENCIAÇÃO DE TÉCNICAS EM RELAÇÃO A CONTEXTOS E OBJETIVOS ESPECÍFICOS.					
PS612- PSICOBIOLOGIA E PSICOFARMACOLOGIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: NEUROTRANSMISSORES E SUAS RELAÇÕES COM O COMPORTAMENTO HUMANO, ASPECTOS PSICOBIOLÓGICOS E AS INTERFERÊNCIAS DOS PSICOFARMACOS, SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E SEUS EFEITOS SOBRE O COMPORTAMENTO, ASPECTOS BIOPSISSOCIAIS DAS ALTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS.					
PS635- PSICOLOGIA - GÊNERO E SEXUALIDADE	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EMENTA: TEÓRIAS FEMINISTAS E OS ESTUDOS DE GÊNERO, PERSPECTIVAS TEÓRICAS NO CAMPO DA SEXUALIDADE, OS SISTEMAS NORMATIVOS DE SEXO, GÊNERO, SEXUALIDADE E DESEJO E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRODUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES, VULNERABILIDADE EM DECORRÊNCIA DA INTERFACE DE GÊNERO E OUTROS MARCADORES SOCIAIS.					
PS622- PSICOLOGIA CLÍNICA DE BASE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS265					
PS265- TEO E TÉCNICAS PSICOTERAPÉUTICAS 3					
EMENTA: O FAZER CLÍNICO NA ABORDAGEM HUMANISTA, NA GESTALT TERAPIA E NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA E/OU EXISTENCIAL, PERSPECTIVAS DA PRÁTICA CLÍNICA NO DEBATE ATUAL.					
PS628- PSICOLOGIA COMUNITÁRIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS295					
PS295- PSICOLOGIA COMUNITÁRIA					
EMENTA: HISTÓRIA E PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA, ASPECTOS METODOLÓGICOS DO DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADE, ATUAÇÃO E PAPEL DO PSICÓLOGO NA COMUNIDADE.					
PS607- PSICOLOGIA DA ADOLESCÊNCIA E DA JUVENTUDE	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO: Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.					
CO-REQUISITO: Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.					
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA: Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.					
EQUIVALÊNCIA: Fórmula: PS251					
PS251- PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO 2					
EMENTA: ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO DESENVOLVIMENTO, MUDANÇAS BIOLÓGICAS, E REPERCUSSÕES PSICOSSOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA: SEXUALIDADE, GÊNERO, IDENTIDADE GRUPAL E RELAÇÕES FAMILIARES, EXPECTATIVAS SOCIAIS E ESCOLHA PROFISSIONAL, PRINCIPAIS TEÓRIAS E CONCEPÇÕES SUBJACENTES, PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS, QUESTÕES CENTRAIS NO DEBATE ATUAL.					

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS Curso: PSICOLOGIA Perfil: 6613-1 Relatório Perfil Curricular	DATA: 28/6/2013
--	-----------------

SEM PERIODIZAÇÃO

COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS606- PSICOLOGIA DA INFÂNCIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS250				
PS250- PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO 1					
EMENTA:	O PROCESSO INTEGRADO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM SEUS ASPECTOS BIOLÓGICOS, COGNITIVO, EMOCIONAL E SOCIAL. O NASCIMENTO E OS PRIMEIROS ANOS DE VIDA. PRINCIPAIS ABORDAGENS TEÓRICAS DO ESTUDO DA CRIANÇA. PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS. QUESTÕES CENTRAIS NO DEBATE ATUAL.				
PS608- PSICOLOGIA DA VIDA ADULTA E DA VELHICE	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS252				
PS252- PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO 3					
EMENTA:	ASPECTOS BIOLÓGICOS E PSICOSSOCIAIS DA VIDA ADULTA E DA VELHICE. TEORIAS E ENFOQUES CONTEMPORÂNEOS. TRABALHO E APOSENTADORIA. RELAÇÕES INTERGERACIONAIS. DIFERENTES CONTEXTOS DE ENVELHECIMENTO. PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.				
PS632- PSICOLOGIA DO ESPORTE	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:	FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO DO ESPORTE E DO EXERCÍCIO. DIMENSÕES PSICOLÓGICAS NA PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS. PARTICULARIDADES PSICOLÓGICAS INERENTES AO UNIVERSO DA COMPETIÇÃO, HABILIDADES MENTAIS E ALTO RENDIMENTO. ESPORTE E SAÚDE MENTAL.				
PS621- PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS298				
PS298- PEDAGOGIA TERAPEUTICA					
EMENTA:	A DIMENSÃO HISTÓRICA DA INCLUSÃO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA. PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS. O PAPEL DO PSICÓLOGO NA INSERÇÃO DESSAS PESSOAS EM DIFERENTES CONTEXTOS.				
PS633- PSICOLOGIA E FAMÍLIA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS303				
PS303- PSICOLOGIA DA FAMÍLIA					
EMENTA:	CONCEPÇÕES E CONFIGURAÇÕES FAMILIARES AO LONGO DA HISTÓRIA. FAMÍLIA, DIVERSIDADE DE CONTEXTOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO HUMANO. REPRODUÇÃO, SEXUALIDADE E PARENTESCO. RELAÇÕES DE GÊNERO, FAMÍLIA E SOCIEDADE. PARENTALIDADE E CONJUGALIDADE. FAMÍLIA E SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE.				
PS599- PSICOLOGIA E GESTÃO DE PESSOAS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS304				
PS304- RECURSOS HUMANOS NA ORGANIZAÇÃO					
EMENTA:	ESTRUTURA, FUNCIONAMENTO E FATORES ORGANIZACIONAIS. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS MODELOS DE GESTÃO DE PESSOAS. PRÁTICAS GERENCIAIS E SUAS REPERCUSSÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO. COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL. AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA, ACONSELHAMENTO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL. A PESQUISA EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO.				
PS634- PSICOLOGIA E INOVAÇÃO	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:	CONCEPÇÕES DE INOVAÇÃO. CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS PSICOLÓGICOS PARA OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO. O PAPEL DO PSICÓLOGO EM EQUIPES DE INOVAÇÃO. DESIGN THINKING E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS COMPLEXOS. O SUJEITO DO DESIGN CENTRADO NO USUÁRIO. CRIATIVIDADE E PRÁTICAS DE IDEACÃO. PRÁTICAS DE CONCEPÇÃO, PROTOTIPAGEM E DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE INOVAÇÃO. FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS PARA O DESIGN DE EXPERIÊNCIAS E INTERAÇÕES.				
PS627- PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS285				
PS285- PSICOLOGIA ESCOLAR 1					
EMENTA:	A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E SEUS DIFERENTES ATORES. ESCOLARIZAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E SUBJETIVIDADE. ESCOLA NAS SOCIEDADES, LETRADAS. FRACASSO ESCOLAR. ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR. PRÁTICAS RELACIONADAS À ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO ESCOLAR E EDUCACIONAL.				
PS629- PSICOLOGIA HOSPITALAR	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS288				

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS

DATA: 28/8/2013

Curso: PSICOLOGIA

Perfil: 6613-1

Relatório Perfil Curricular

SEM PERIODIZAÇÃO

COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS
PS288- PSICOLOGIA HOSPITALAR					
EMENTA:	HISTÓRIA E CONCEITOS RELACIONADOS À PSICOLOGIA HOSPITALAR, RELAÇÃO SAÚDE-DOENÇA NO CONTEXTO HOSPITALAR, ATUAÇÃO E FERRAMENTAS DE INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL E JUNTO A EQUIPE MULTIPROFISSIONAL DE SAÚDE, PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO SUJEITO HOSPITALIZADO. O PSICÓLOGO NOS PROGRAMAS DE PROMOÇÃO À SAÚDE.				
PS624- PSICOLOGIA JURÍDICA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:	ASPECTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DA CONSTITUIÇÃO DA INTERFACE DA PSICOLOGIA COM O DIREITO, DIFERENTES ÂMBITOS DE ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO JUDICIÁRIO, O TRABALHO EM EQUIPES INTERDISCIPLINARES, ELABORAÇÃO DE DOCUMENTOS ESCRITOS DECORRENTES DE AVALIAÇÕES PSICOLÓGICAS, CONSIDERAÇÕES ÉTICAS, QUESTÕES CENTRAIS NO DEBATE ATUAL.				
PS636- PSICOTERAPIA DE BASE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:	TEORIA DA PSICOTERAPIA DE BASE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL. O PROCESSO TERAPÊUTICO. TÉCNICA DA PSICOTERAPIA.				
PS637- PSICOTERAPIA DE BASE PSICANALÍTICA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:	TEORIA DA PSICOTERAPIA. O PROCESSO TERAPÊUTICO. TÉCNICA DA PSICOTERAPIA.				
PS623- TEORIA E TÉCNICA DA CLÍNICA PSICANALÍTICA	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS283				
PS283- TEO E TÉCNICAS PSICOTERÁPICAS 1					
EMENTA:	A MATRIZ DA TÉCNICA PSICANALÍTICA E SUAS DIFERENTES FORMAS DE ATUAÇÃO, ENTREVISTAS PRELIMINARES, E CONTRATO TERAPÊUTICO, TRANSFERÊNCIA, RESISTÊNCIA E REPETIÇÃO, A INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA, INTERVENÇÃO E MANEJO CLÍNICO EM DIFERENTES CONTEXTOS, TEMPO, PERLABORAÇÃO E ALTA, A ÉTICA DO CUIDADO EM PSICANÁLISE, ESTUDOS DE CASOS CLÍNICOS.				
PS626- TEORIA E TÉCNICA DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:	PRESSUPOSTOS TEÓRICO-PRÁTICOS, PROCESSO TERAPÊUTICO: PSICODIAGNÓSTICO, ESTRATÉGIAS E ETAPAS DE INTERVENÇÃO, ANÁLISE DE CASOS CLÍNICOS, IMPLICAÇÕES ÉTICAS.				
PS640- TRABALHO - SOCIEDADE E RELAÇÕES INTERPESSOAIS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:	PODER, CONTROLE E SUJEIÇÃO, ASSÉDIO NO TRABALHO, FAMÍLIA, TEMPO E LAZER, ABORDAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS, CONSIDERAÇÕES ÉTICAS E QUESTÕES CENTRAIS NO DEBATE ATUAL.				
PS625- TRABALHO E SAÚDE	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EQUIVALÊNCIA:	Fórmula: PS299				
PS299- SAÚDE E SEGURANÇA NO TRABALHO					
EMENTA:	MODELOS DE ORGANIZAÇÃO E DE GESTÃO; RELAÇÕES COM A SAÚDE DO TRABALHADOR, ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA SAÚDE NO TRABALHO; RISCOS, ACIDENTES E PSICOPATOLOGIAS, PROMOÇÃO DA SAÚDE DO TRABALHADOR; LEGISLAÇÃO PROTETORA E PREVENTIVA.				
PS587- TÉCNICAS DE ANÁLISE QUALITATIVA DE DADOS	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:	TÉCNICAS DE COLETA: OBSERVAÇÃO ETNOGRÁFICA E/OU PARTICIPANTE, ENTREVISTA, GRUPO FOCAL, HISTÓRIA ORAL, DIÁRIO DE CAMPO, TÉCNICAS DE ANÁLISE: ANÁLISE DE CONTEÚDO, ANÁLISE DE DISCURSO.				
PS638- TÓPICOS EM PSICOLOGIA 1	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:	QUESTÕES TEÓRICAS, METODOLÓGICAS OU TEMÁTICAS DA PSICOLOGIA, DE CONTEÚDO VARIÁVEL, OFERTADA EM CARÁTER EXCEPCIONAL, PARA ATENDER ASPECTOS RELEVANTES NA FORMAÇÃO DO GRADUANDO.				
PS639- TÓPICOS EM PSICOLOGIA 2	ELETIVO	60	0	60	4.0
PRÉ-REQUISITO:	Não há Pré-Requisito para esse Componente Curricular.				
CO-REQUISITO:	Não há Co-Requisito para esse Componente Curricular.				
REQUISITO DE CARGA HORÁRIA:	Não há Requisito de Carga Horária para esse Componente Curricular.				
EMENTA:	QUESTÕES TEÓRICAS, METODOLÓGICAS OU TEMÁTICAS DA PSICOLOGIA, DE CONTEÚDO VARIÁVEL, OFERTADA EM CARÁTER EXCEPCIONAL, PARA ATENDER ASPECTOS RELEVANTES NA FORMAÇÃO DO GRADUANDO.				

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	DATA: 28/8/2013
	PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS ACADEMICOS	
	Curso: PSICOLOGIA	
	Perfil: 6613-1	
Relatório Perfil Curricular		

SEM PERIODIZAÇÃO					
COMPONENTE CURRICULAR	TIPO	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	CH TOTAL	CRÉDITOS

OBSERVAÇÃO PERFIL:	A CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO É 4.080 HORAS. O ALUNO DEVERÁ CURSAR 2.280 HORAS DE COMPONENTES OBRIGATORIOS DO CICLO PROFISSIONAL, 60 HORAS DE COMPONENTES DE CADA UMA DAS ENFASES - EQUIVALENTE NO PPC AOS EIXOS-ESTRUTURANTE - NUM TOTAL DE 360 HORAS MAIS 540 HORAS ENTRE OS COMPONENTES DESTAS ENFASES A SEU CRITÉRIO, TOTALIZANDO 900 HORAS DE COMPONENTES ELETIVOS DO PERFIL - EQUIVALENTE NO PPC A COMPONENTES COMPLEMENTARES, TAMBÉM DEVERÁ CURSAR 900 HORAS DE COMPONENTES ELETIVOS LIVRES QUE PODEM SER OS CONSTANTES NO ROL DE ELETIVOS DO PERFIL E/OU DE OUTROS CURSOS DA UFPE E/OU EM PROGRAMA DE MOBILIDADE ACADÊMICA RECONHECIDO PELA UFPE E/OU EM ATIVIDADES COMPLEMENTARES REGULAMENTADAS PELA UFPE OU PELO COLEGIADO DO CURSO, DEVENDO, TODAVIA, NO CASO DAS TRÊS ÚLTIMAS HIPÓTESES PARA SER CREDITADO A CARGA HORÁRIA HAVER A APROVAÇÃO DA CARGA HORÁRIA PELA COORDENAÇÃO DO CURSO.				
--------------------	---	--	--	--	--